

Parque Nacional da Lagoa do Peixe

*Revisão Bibliográfica
e descrição ilustrada das
aves registradas para o Parque*



Elaboração:

Oc. Stefan Weigert

Oc. Caroline Cooke

Rio Grande, dezembro de 2005

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO GERAL	1
1.1. A planície costeira sul brasileira	1
1.1.1. Origem, evolução e geomorfologia.....	1
1.1.2. Colonização e aspectos sócio-econômicos.....	2
1.1.3. Clima e hidrografia.....	3
1.2. Caracterização ambiental da Lagoa do Peixe.....	4
1.3. O Sistema Nacional de Unidades de Conservação.....	10
1.3.1. Parques Nacionais (PARNA)	13
2. PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE	15
2.1. Histórico e Antecedentes Legais	15
2.2. Limites do PARNA	17
2.3. As Lagoas de Água Doce do PARNA da Lagoa do Peixe.....	19
2.4. Acessos à Unidade	21
2.4.1. Acesso Sul	21
2.4.2. Acesso Norte	22
2.5. Ficha Técnica do PARNA da Lagoa do Peixe	23
2.6. Atividades Conflitantes na área do PARA da Lagoa do Peixe	24
2.6.1. Pesca.....	24
2.6.2. Balneários e Povoados irregulares	24
2.6.3. Pastagem por Animais Domésticos.....	25
2.6.4. Áreas Florestadas com Pinus spp.....	25
2.6.5. Caça	26
2.6.6. Voçorocas.....	27
2.6.7. Cercas Eletrificadas	27
2.6.8. Ocupação.....	27
3. FLORA E FAUNA DO PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE	28
3.1. Flora	28
3.1.1. Vegetação das Marismas, Dunas e Ambientes Aquáticos (límnicos e mixohalinos)	28
3.1.2. Vegetação da Mata Nativa	30
3.1.2.1 Mata arenícola (Vegetação de Influência Marinha Arbórea).....	31
3.1.2.2. Mata palustre (Vegetação de Influência Fluvial Arbórea)	32

3.1.2.3. Banhados (Vegetação de Influência Fluvial Arbustiva)	32
3.1.2.4. Formações sobre Dunas (Vegetação de Influência Marinha Arbustiva).....	33
3.1.2.5. Campos (Áreas Antrópicas)	33
3.2. Fauna	36
3.2.1. Zooplâncton.....	36
3.2.2. Macrozoobentos	37
3.2.3. Ictiofauna.....	40
3.2.4. Anfíbiofauna.....	44
3.2.5. Répteis Marinhos.....	45
3.2.6. Répteis terrestres e de água doce.....	46
3.2.7. Mamíferos Terrestres	46
3.2.8. Mamíferos Marinhos	48
3.9. Aves.....	49
4. AS AVES DO PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE	61
<i>Podiceps major</i>	62
<i>Podilymbus podiceps</i>	63
Família Diomedidae	64
<i>Diomedea cauta</i>	64
Família Procellaridae.....	65
<i>Macronectes giganteus</i>	65
<i>Fulmarus glacialisoides</i>	65
<i>Pachyptila vittata</i>	66
<i>Procellaria aequinoctilallis</i>	66
Família Hydrobatidae	67
<i>Oceanites oceanicus (Alma-de-mestre, Wilson's Storn Petrel)</i>	67
Família Sphenicidae	68
<i>Spheniscus magellanicus</i>	68
Família Phalacrocoracidae	69
<i>Phalacrocorax brasilianus (olivaceus) (Biguá, Neotropic Cormorant)</i>	69
Família Ardeidae	70
<i>Ardea cocoi</i>	70
<i>Casmerodius albus</i>	70
<i>Egretta thula</i>	71
<i>Butorides striatus</i>	72
<i>Nycticorax nycticorax</i>	72

<i>Ixobrynchus involucris</i>	73
<i>Botaurus pinatus</i>	74
Família Threskiornithidae	75
<i>Phimosus infuscatus</i>	75
<i>Plegadis chihi</i>	75
<i>Platalea (Ajaia) ajaja</i>	76
Família Ciconiidae	77
<i>Mycteria americana</i>	77
<i>Ciconia (Euxenura) maguari</i>	78
Família Cathartidae	79
<i>Coragyps atratus</i>	79
Família Phoenicopteridae	80
<i>Phoenicopterus chilensis</i>	80
<i>Phaenicoparrus andinus</i>	80
Família Anatidae	81
<i>Dendrocygna bicolor</i>	81
<i>Dendrocygna viduata</i>	81
<i>Coscoroba coscoroba</i>	82
<i>Cygnus melancoryphus</i>	83
<i>Anas flavirostris</i>	83
<i>Anas georgica</i>	84
<i>Anas sibilatrix</i>	84
<i>Anas versicolor</i>	85
<i>Netta peposaca</i>	85
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	86
<i>Oxyura vittata</i>	87
<i>Heteronetta atricapilla</i>	87
Família Anhimidae	88
<i>Chauna torquata</i>	88
Família Accipitridae	89
<i>Rosthramus sociabilis</i>	89
<i>Buteo magnirostris</i>	89
<i>Buteogallus (Heterospizias) meridionalis</i>	90
Família Falconidae	91
<i>Milvago chimachima</i>	91
<i>Mivalgo chimango</i>	91

<i>Polyborus plancus</i>	92
<i>Falco peregrinus</i>	93
<i>Falco sparverius</i>	93
Família Aramidae	94
<i>Aramus guarauna</i>	94
Família Rallidae	95
<i>Rallus sanguinolentus</i>	95
<i>Aramides cajanea</i>	95
<i>Porphyrriops melanops</i>	96
<i>Fulica armillata</i>	96
<i>Fulica leucoptera</i>	97
<i>Fulica rufifrons</i>	98
Família Jacanidae	99
<i>Jacana jacana</i>	99
Família Haematopodidae.....	100
<i>Haematopus palliatus</i>	100
Família Charadriidae	101
<i>Vanellus chilensis</i>	101
<i>Pluvialis dominica</i>	101
<i>Pluvialis squatarola</i>	102
<i>Charadrius semipalmatus</i>	103
<i>Charadrius falklandicus</i>	103
<i>Charadrius collaris</i>	104
<i>Charadrius (Zonibyx) modestus</i>	104
<i>Eudromias (Oreopholus) ruficollis</i>	105
Família Scolopacidae	106
<i>Arenaria interpres</i>	106
<i>Tringa flavipes</i>	106
<i>Tringa melanoleuca</i>	107
<i>Catoptrophorus semipalmatus</i>	107
<i>Calidris canutus</i>	108
<i>Calidris minutilla</i>	108
<i>Calidris fuscicollis</i>	109
<i>Calidris melanotos</i>	109
<i>Calidris pusilla</i>	110
<i>Calidris alba</i>	110

<i>Calidris (Micropalama) himantopus</i>	111
<i>Tryngites subruficollis</i>	111
<i>Numenius phaeopus</i>	112
<i>Limosa haemastica</i>	112
<i>Limnodromus griséus</i>	113
<i>Gallinago gallinago</i>	113
Família Recuvirostridae	114
<i>Himantopus himantopus</i>	114
Família Thinocoridae	115
<i>Thinocorus rumicivorus</i>	115
Família Chionidae	116
<i>Chionis alba</i>	116
Família Stercorariidae	117
<i>Stercorarius parasiticus</i>	117
Família Laridae	118
<i>Larus dominicanus</i>	118
<i>Larus cirrocephalus</i>	118
<i>Larus maculipennis</i>	119
<i>Larus belcheri</i>	120
<i>Chlidonias niger</i>	120
<i>Gelochelidon nilotica</i>	121
<i>Sterna hirundinacea</i>	121
<i>Sterna hirundo</i>	122
<i>Sterna trudeaui</i>	122
<i>Sterna superciliaris</i>	123
<i>Sterna máxim</i>	123
<i>Sterna eurygnatha</i>	124
<i>Anous stolidus</i>	124
Família Rynchopidae	125
<i>Rynchops niger(nigra)</i>	125
Família Columbidae	126
<i>Columbina talpacoti</i>	126
<i>Columbina picui</i>	126
<i>Leptotila verreauxi</i>	127
Família Cuculidae	128
<i>Piaya cayana</i>	128

<i>Crotophaga ani</i>	128
<i>Guira guira</i>	129
<i>Tapera naevia</i>	130
Família Tytonidae	131
<i>Tyto alba</i>	131
Família Strigidae	132
<i>Speotyto cunicularia</i>	132
<i>Rhinoptynx clamator</i>	132
Família Trochilidae	133
<i>Hylocharis chrysura</i>	133
Família Alcedinidae	134
<i>Ceryle torquata</i>	134
<i>Chloroceryle amazona</i>	134
<i>Chloroceryle americana</i>	135
Família Picidae	136
<i>Colaptes campestris</i>	136
Família Thamnophilidae	137
<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	137
Família Furnariidae	138
<i>Geositta cunicularia</i>	138
<i>Furnarius rufus</i>	138
<i>Limnornis curvirostris</i>	139
<i>Phleocryptes melanops</i>	139
<i>Synallaxis spixi</i>	140
<i>Certhiaxis cinnamomea</i>	140
<i>Anumbius annumbi</i>	141
<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i>	141
Família Tyrannidae	143
<i>Camptostoma obsoletum</i>	143
<i>Elaenia obscura</i>	143
<i>Serpophaga nigricans</i>	143
<i>Tachuris rubigastra</i>	144
<i>Myiophobus fasciatus</i>	144
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	145
<i>Xolmis irupero</i>	146
<i>Lessonia rufa</i>	146

<i>Knipolegus cyanirostris</i>	147
<i>Hymenops perspicillata</i>	148
<i>Satrapa icterophrys</i>	148
<i>Machetornis rixosus</i>	149
<i>Pitangus sulphuratus</i>	150
<i>Tyrannus savanna</i>	150
<i>Tyrannus melancholicus</i>	151
Família Hyrundinidae.....	152
<i>Tachycineta albiventer</i>	152
<i>Tachycinetta leucorrhoea</i>	152
<i>Tachycinetta leucopyga</i>	153
<i>Phaeoprogne tapera</i>	153
<i>Progne chalybea</i>	154
<i>Alopochelidon fucata</i>	154
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	155
<i>Hirundo rustica</i>	155
Família Troglodytidae	156
<i>Troglodytes aedon</i>	156
Família Muscicapidae	157
<i>Polioptila dumicola</i>	157
<i>Turdus rufiventris</i>	157
<i>Turdus amaurochalinus</i>	158
<i>Turdus albicollis</i>	158
Família Mimidae	160
<i>Mimus saturninus</i>	160
<i>Mimus triurus</i>	160
Família Motacillidae	161
<i>Anthus furcatus</i>	161
<i>Anthus lutescens</i>	161
<i>Anthus correndera</i>	162
Família Emberizidae	163
<i>Parula pitiayumi</i>	163
<i>Basileuterus culicivorus</i>	163
<i>Basileuterus leucoblepharus</i>	164
<i>Coereba flaveola</i>	164
<i>Thraupis sayaca</i>	165

<i>Thraupis bonariensis</i>	165
<i>Stephanophorus diadematus</i>	166
<i>Ammodramus humeralis</i>	166
<i>Donacospiza albifrons</i>	167
<i>Poospiza nigrorufa</i>	167
<i>Poospiza lateralis</i>	168
<i>Sicalis flaveola</i>	168
<i>Sporophila collaris</i>	169
<i>Sporophila caerulescens</i>	169
<i>Zonotrichia capensis</i>	170
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	171
<i>Paroaria coronata</i>	171
<i>Agelaius thilius</i>	172
<i>Agelaius ruficapillus</i>	172
<i>Sturnella superciliaris</i>	173
<i>Pseudoleistes virescens</i>	173
<i>Amblyramphus holosericeus</i>	174
<i>Molothrus badius</i>	174
<i>Molothrus bonariensis</i>	175
Família Fringillidae	176
<i>Carduelis (Spinus) magellanica</i>	176
5. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	177
ANEXO 1	181
ANEXO 2.....	184

1. INTRODUÇÃO GERAL

1.1. A planície costeira sul brasileira

1.1.1. Origem, evolução e geomorfologia



www8.ufrgs.com.br

A margem continental no extremo sul do Brasil, localizada entre a desembocadura do Rio Mampituba (29° S) e o Chuí, RS (34°40' S), constituiu-se a partir de processos tectono-evolutivos de baixa intensidade, os quais aplainaram o embasamento, formaram seqüências sedimentares espessas e levaram ao desenvolvimento de uma extensa planície costeira (Villwock, 1987).

A evolução geológica do que hoje é a área emersa da planície costeira tem como evento marcante a transgressão Holocênica, que teve seu máximo cerca 5.000 anos atrás, quando o nível do mar alcançou 4 metros acima do atual, e inundou o antigo sistema lagunar Patos-Mirim. As fases regressivas subseqüentes, interrompidas por pequenas transgressões, formaram uma seqüência de cordões arenosos lineares e de depressões com pequenos sistemas lagunares. No final da fase regressiva, cerca de 2.000 anos atrás, o nível do mar situava-se 1 a 2 metros abaixo do atual, seguindo-se uma elevação gradual até a sua posição nos dias de hoje (Villwock e Tommazelli, 1989).

De acordo com Calliari e Klein (1993), a região costeira do sul do Brasil é quase totalmente exposta. As praias, em sua maioria, são compostas por areia fina

quartzosa, apresentando baixa declividade (2°) com poucos e inexpressivos cúspides praias. As poucas exceções ficam por conta de formações rochosas de arenito, basalto e vulcânico-clásticas nas proximidades de Torres, RS, e de um trecho de cerca de 45 Km localizado ao sul do Farol do Albardão, conhecido como Concheiros.

1.1.2. Colonização e aspectos sócio-econômicos



www8.ufrgs.com.br

Anteriormente à chegada dos primeiros colonizadores europeus, a planície costeira era ocupada por índios Chana e Tupi-Guarani, que se assentaram ao longo da Lagoa dos Patos e praias oceânicas, e exploraram abundantes recursos de peixes, moluscos e camarões (Vieira, 1983). A história da ocupação moderna da planície costeira inicia-se com a chegada dos portugueses e de seus oponentes políticos – os jesuítas espanhóis – em 1605 e 1626, respectivamente.

Após o tratado de Madri em 1750, a região costeira tornou-se um centro de intensa colonização portuguesa. Na tentativa de consolidar seus ganhos diplomáticos e assegurar a supremacia, Portugal ocupou o território em 1747 com imigrantes açorianos, que chegaram pelo Porto do Rio Grande, irradiando-se rapidamente ao longo do litoral, tanto para o norte, na direção de Porto Alegre, quanto para o sul, na direção do Chuí. Segundo Vieira e Rangel (1988) o cultivo agrícola e a criação de gado tornaram-se as principais atividades econômicas da região.

De acordo com Tagliani (1995) a área da restinga da Lagoa dos Patos divide seu espaço entre a vegetação natural (banhados, campos litorâneos, aquática, dunas vivas, dunas obliteradas e mata de restinga) e a vegetação de florestamento de *Pinnus* sp., de sistemas urbanos, além de uma grande área ocupada pela agricultura. O autor afirma que a atividade econômica da região está alicerçada no setor primário, principalmente na cultura de arroz e cebola, pecuária ovina e bovina e florestamento de pinheiros (*Pinnus* sp.)

1.1.3. Clima e hidrografia



www8.ufrgs.com.br

O clima da região costeira do Rio Grande do Sul está sob o controle do centro de alta pressão do anticiclone do Atlântico Sul (Nobre et al., 1986). A proximidade da Convergência Subtropical no Oceano Atlântico Sudoeste e a influência estabilizadora do complexo lagunar Patos-Mirim conferem característica temperada-quente à região (Semenov e Berman, 1977 *apud* Seeliger et al., 1998).

Ao longo do ano ocorre a dominância de ventos do quadrante nordeste (velocidade média = 5 m/s), seguida de ventos de sudoeste (velocidade média = 8 m/s) durante a passagem de sistemas frontais polares (Stech e Lorenzetti, 1992). Esta passagem de frentes frias ocorre a intervalos médios de 06 a 10 dias, sendo mais freqüentes durante o inverno (Hartmann et al., 1986; Tomazelli, 1993).

O regime de temperatura regional é função da estação do ano e do número e intensidade de passagem das frentes polares, sendo que a temperatura média anual

varia entre 19° C e 17° C no norte e no sul da região, respectivamente (Nobre et al., 1986). O padrão de passagens de frentes condiciona também a precipitação pluviométrica anual, em torno de 1200 a 1500 mm, e que varia marcadamente a cada ano (Hartmann et al., 1986; Nobre et al., 1986). A precipitação média mensal é maior durante inverno e primavera (junho a outubro), sendo que os meses de verão (dezembro a fevereiro) estão associados com um déficit sazonal de água, o qual se reflete no sistema hídrico regional.

O sistema hídrico costeiro do Rio Grande do Sul é composto por lagoas, lagoas costeiras, lagoas interiores, rios, riachos, arroios e canais que formam uma complexa e peculiar rede hidrológica (Ramos, 1999). A planície costeira é caracterizada pela presença de banhados, pequenas lagoas e habitats de águas profundas de diversos tipos, onde o complexo lagunar Patos-Mirim é a feição dominante (Seeliger et al.1998).

O rompimento para o mar de alguns dos corpos d'água deu origem aos diversos estuários da costa do Rio Grande do Sul. De todas as lagoas costeiras e sistemas estuarinos da região, a Lagoa do Peixe é o único que apresenta ligação efêmera com o Oceano Atlântico (Schwarzbold e Schafer, 1984).

1.2. Caracterização ambiental da Lagoa do Peixe



www8.ufrgs.com.br

Localizada no município de Tavares, Litoral médio do Rio Grande do Sul, a Lagoa do Peixe é uma laguna costeira de abertura efêmera para o mar e que,

através da ligação com outros corpos d'água, forma um sistema complexo. É delimitada ocidentalmente por campos arenosos seguidos de matas de restinga, e orientalmente por cordões de dunas e marismas, seguido do Oceano Atlântico (Danilevicz, 1989).

O complexo da Lagoa do Peixe possui extensão de 35 Km de comprimento e uma largura média de 1,5 Km, resultando em um espelho d'água de cerca de 35 Km², com profundidade média inferior à 0,5 m. Situa-se entre os cinturões litorâneos quaternários na restinga da Lagoa dos Patos, e sua ligação com o Oceano Atlântico se dá através de um canal estreito, com cerca de 2,0 m de profundidade, disposto na porção central da lagoa (Muller, 1989; Loebmann, 2004). Este sistema permanece fechado por alguns meses do ano, acumulando água proveniente das chuvas, banhados, arroios e lagoas adjacentes, até o rompimento da barra, em direção ao mar, quando passa a comportar-se como um estuário (Schwarzbold e Schafer, 1984).

De acordo com Knak (1999), a comunicação com o mar ocorre normalmente durante os meses de inverno e primavera, a qual se mantém até o verão (geralmente início de janeiro). A oclusão da barra ocorre pela deposição de areia na sua desembocadura ocasionada pela predominância dos ventos quentes dos quadrantes norte e nordeste. No inverno (geralmente em agosto), quando os níveis de precipitação tornam-se mais elevados, ocorre a inundação das marismas e campos que se situam nas margens de Lagoa do Peixe. É neste período que se efetua a abertura artificial da barra, por meio de máquinas, uma vez que a abertura natural ocorre esporadicamente. Atualmente o processo artificial de abertura da barra é resultado da pressão exercida por agro-pecuaristas da região sobre o IBAMA e a Prefeitura Municipal de Tavares, devido à inundação de áreas de plantio e pastoreio. Nos anos em que ocorrem elevados índices pluviométricos (1997, por exemplo), a barra pode não fechar devido à forte drenagem continental que impede a deposição sedimentar na sua desembocadura.

É esta comunicação periódica com o mar que possibilita as migrações de inúmeras espécies de peixes anádromos e catádromos, além de definir um ambiente propício para pouso de aves na rota migração entre os Estados Unidos e Patagônia e para outras aves residentes (Resende e Leeuwenberg, 1987).

Com base em amostragens de peixes, Ramos (1999) informa que a extensão da área estuarial da Lagoa do Peixe foi estimada em cerca de 3,0 Km², o que corresponde a aproximadamente 10 % de sua área total.

As lagunas costeiras podem ser classificadas em três tipos, de acordo com a troca de água com o oceano, são eles: lagunas sufocadas, restritas, e abertas ou de vazante (Kjerfve, 1986).

A Lagoa do Peixe se enquadra na definição das lagunas sufocadas, caracterizada por possuir um canal estreito que faz a conexão com o oceano (Trucollo, 1993). De acordo com Kjerfve (1986), as lagunas sufocadas caracterizam-se ainda por apresentarem ausência de maré astronômica significativa e um comportamento hidrodinâmico altamente relacionado ao regime de ventos e à ligação com o mar e, na maioria dos casos, a salinidade é baixa.

Condições extremas de salinidade foram observadas na Lagoa do Peixe, durante um ciclo anual (Maisonave et al., 1995). De acordo com os autores estas podem variar de água praticamente doce no inverno à hipersalina no verão.

Estudos realizados por Trucollo (1993) indicam que a Lagoa do peixe apresenta níveis de oxigênio dissolvido constantemente próximos à saturação, e baixas concentrações de nutrientes e clorofila-a. Em relação à salinidade duas regiões distintas são observadas: a porção norte com dominância de água doce, em resposta ao aporte fluvial constante; e a porção centro-sul, sujeita a bruscas variações na salinidade, relacionadas a fatores de natureza meteorológica e hidrológica (ventos, precipitação, temperatura da água e do ar, evaporação e trocas de água lagoa/oceano através do canal da barra), sendo os valores mais elevados observados na porção central. De acordo com a autora, a variabilidade das condições meteorológicas e hidrográficas de curto termo se reflete na ausência de padrão sazonal das características hidroquímicas da Lagoa do Peixe, as quais são controladas principalmente por vento, aporte fluvial e geomorfologia.

Em decorrência do seu formato e desembocadura central, a hidrodinâmica da Lagoa do Peixe depende basicamente do regime de ventos predominante. Quando da abertura da barra, a troca de água pode ser incrementada por ventos dos quadrantes Norte e Nordeste, favorecendo a saída de suas águas, aumentada ainda

pela precipitação pulviométrica, ou Sul e Sudeste, forçando a entrada de água salgada (Polette e Tagliani, 1990; Reis, 1992).

Baseados em estudos de distribuição espacial de assembléias de peixes na Lagoa do Peixe, Loebmann (2004) e Loebmann e Vieira (2005) observam a divisão ecológica deste ecossistema em dois grandes compartimentos – zonas pré-líminica e estuarina, que por sua vez subdividem-se, em função da profundidade relativa, em zonas rasas e profundas. Os autores salientam que a disposição da barra no centro da laguna promove uma disposição espacial atípica, quando comparada aos outros estuários do Rio Grande do Sul, pois tanto para o norte quanto para o sul há presença de uma zona pré-líminica, o que faz com que a Lagoa do Peixe apresente uma ictiofauna semelhante nos extremos norte e sul, separadas por águas de salinidade mais alta da porção central, com outra composição ictiofaunística diferenciada.

A Lagoa do Peixe encontra-se cercada por campos de dunas, banhados e vegetação de restinga. Extensas marismas são encontradas ao longo das margens da laguna, sendo que Costa (1999) descreve a presença de três grupos biofisiográficos de margens: Marismas de Gramas Altas, Marismas de Gramas Baixas e Várzeas Oligohalinas.

Marismas de Gramas Altas foram encontradas próximas à barra, caracterizando-se pela predominância da associação *Spartina densiflora* – *Paspalum Vaginatum* – *Spartina alterniflora*. Marismas de Gramas Baixas ocorrem em margens mais elevadas em relação ao nível médio da lagoa, mas ainda fortemente influenciadas pela salinidade, caracterizando-se pela predominância da associação *P. vaginatum* – *S. densiflora*. Várzeas Oligohalinas distribuem-se na porção norte da Lagoa do Peixe, caracterizando-se pela predominância da associação *P. vaginatum* – *Cotula coronopifolia* (espécie provavelmente originada na África do Sul, dispersada antrópicamente em áreas subtropicais e temperadas arenosas ou areno-lodosas, de ambos os hemisférios).

A existência e distribuição destes grupos biofisiográficos, está relacionada a diferentes tolerâncias fisiológicas das espécies dominantes ao estresse de alagamento por água salgada e a perturbação por pastoreio (Costa, 1999).

Na Lagoa do Peixe são encontradas as fanerógamas submersas *Ruppia arítima*, *Zannichellia palustris* e *Potamogeton sp.*. *R. marítima* é a espécie dominante, estando *Z. palustris*, *Potamogeton sp.* Restritos às extremidades da laguna e zonas próximas à desembocadura de arroios, onde os teores salinos são mais baixos (Knak, 1999).

A composição dos sedimentos é pouco variável. Praticamente todas as margens, bancos e planos de maré regularmente alagados estão cobertos por sedimentos arenosos. Nas desembocaduras de arroios, nas proximidades dos extensos marismas e banhados, no canal principal e nas áreas providas de macrófitas submersas, o sedimento torna-se lodoso, pela contribuição de material fino e detritos (Knak, 1999). A concentração de material em suspensão tende a crescer em direção ao norte, devido principalmente a pouca profundidade da laguna e ao aporte continental de sedimentos (Trucollo, 1993; Knak, 1999).

As imagens de satélite a seguir representam a localização da Lagoa do Peixe, destacando sua morfologia, conforme descrita no texto.

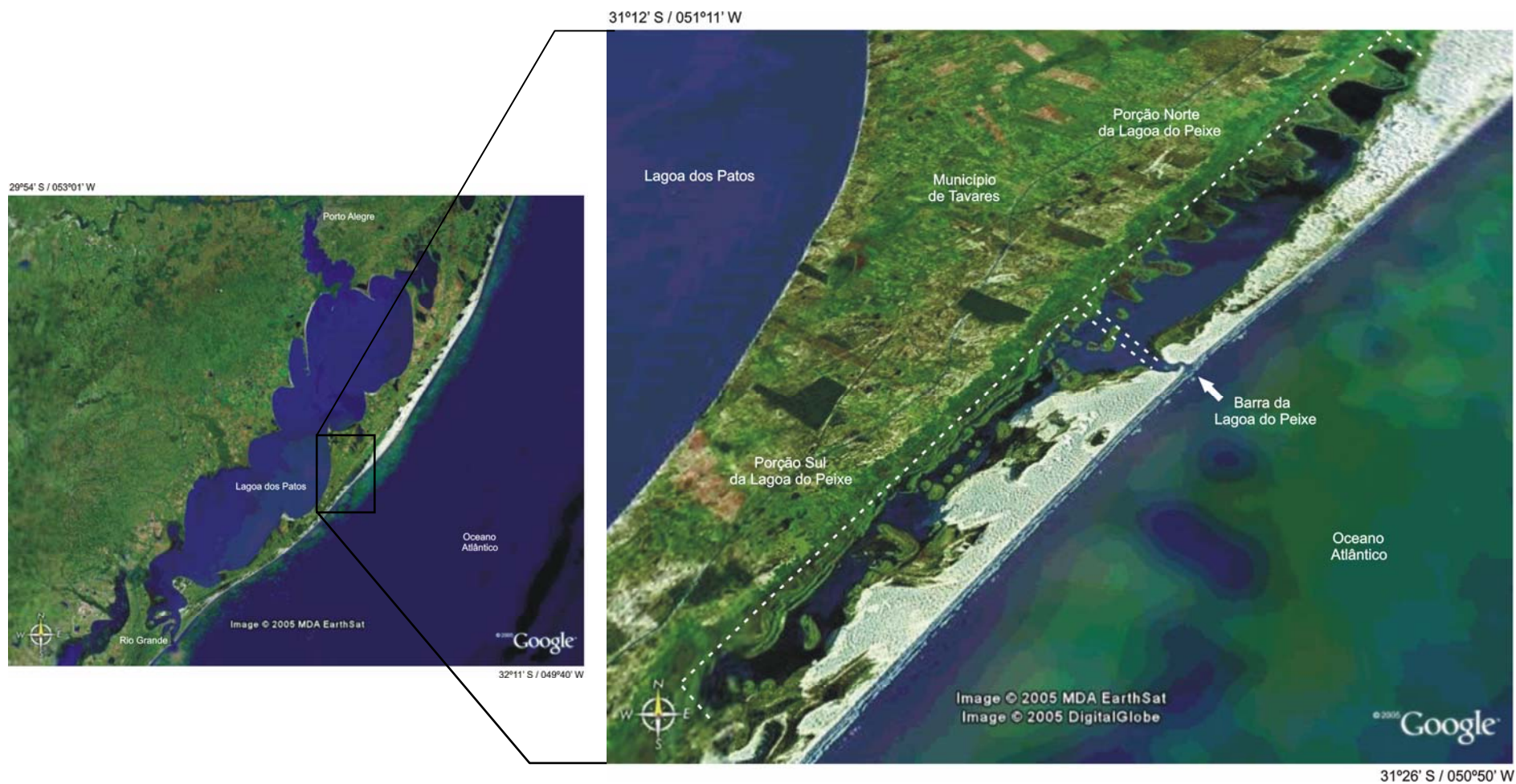


Imagem em larga escala com detalhe da Lagoa do Peixe, destacando sua morfologia.

A laguna tem importância vital para as aves migratórias que utilizam periodicamente a área, sendo considerada como uma das quatro principais áreas no Continente Sul Americano, juntamente com a Península de Paracas (Peru) a Patagônia (Argentina) e a costa do Suriname (Resende, 1988; Nascimento, 1995; Ilha et al., 1996). Resende (op.cit.) concluiu que a Lagoa do Peixe é local de invernada para parte da população dessas aves, e também importante local para o processo de muda das penas de diversas espécies. É neste ambiente que também muitas espécies reproduzem. A presença das aves foi um dos principais motivos para a criação do Parque Nacional da Lagoa do Peixe (Nobre, 1998).

Para um melhor entendimento das questões legais envolvidas na criação e manejo de um Parque Nacional, torna-se necessário uma breve exposição a respeito do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, suas respectivas categorias e objetivos básicos de manejo.

1.3. O Sistema Nacional de Unidades de Conservação

O Sistema Nacional de Unidade de Conservação é o instrumento organizador das áreas naturais protegidas que planejado, manejado e gerenciado como um todo é capaz de viabilizar os objetivos nacionais de conservação.

A consolidação deste Sistema busca a conservação da diversidade biológica a longo prazo, centrando-a em um eixo fundamental do processo conservacionista. Estabelece ainda a necessária relação de complementaridade entre diferentes categorias de Unidades de Conservação, organizando-as de acordo com seus objetivos de manejo e tipos de uso em: Unidades de Conservação de Uso Indireto dos Recursos (ou de Proteção Integral); e Unidades de Conservação de Uso Direto dos Recursos (ou de Manejo Sustentado).

A participação dos proprietários particulares vem somar esforços às ações dos governos federal, estadual e municipal através do estabelecimento de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN).

Para que os objetivos de conservação de um país sejam atingidos, é necessário que se contemplem diferentes categorias de manejo, onde cada

uma delas deve cumprir conjuntos específicos de objetivos, de tal forma que o Sistema de Unidades de Conservação alcance a totalidade dos objetivos nacionais de conservação da natureza. Sua distribuição espacial deve ser capaz de proteger o máximo possível dos ecossistemas do país, reduzindo ao mínimo a perda da biodiversidade.

A tabela a seguir apresenta as diferentes categorias de manejo consideradas no SNUC, com os respectivos objetivos básicos de manejo. Por tratar-se do foco da revisão bibliográfica ora apresentada, a categoria “Parques Nacionais” será descrita em detalhes.

**Contribuição das categorias de manejo de Unidade de Conservação
Estabelecidas - Objetivos Básicos de Manejo**

Categorias Estabelecidas	Categorias de Proteção Integral ou Uso Indireto dos Recursos				Categorias de Uso Sustentado ou Uso Direto dos Recursos		
	Parque Nacional (PARNA)	Reserva Biológica (REBIO)	Estação Ecológica (ESEC)	Reserva Ecológica (RESEC)	Área de Proteção Ambiental (APA)	Floresta Nacional (FLONA)	Reserva Extrativista (RESEX)
Preservar a diversidade biológica	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1	Ob2	Ob2	Ob2
Preservar / restaurar amostras de ecossistemas	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1	Ob2	Ob2	Ob2
Proteger espécies endêmicas ou ameaçadas de extinção	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1	Ob2
Propiciar fluxo genético	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1	Ob2	Ob2	Ob2
Manejar recursos de flora e fauna	CR	CR	CR	CR	CR	Ob1	Ob1
Proteger paisagens e beleza cênica	Ob1	OP	OP	OP	Ob1	Ob1	OP
Proteger recursos hídricos (mananciais)	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1
Propiciar pesquisa científica e estudos	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1	OP	Ob1	Ob2
Propiciar Educação Ambiental	Ob1	Ob1	Ob1	Ob2	Ob1	Ob1	Ob1
Propiciar recreação	Ob1	NP	NP	NP	Ob2	Ob1	NP
Incentivar o uso sustentável dos recursos naturais	NP	NP	NP	NP	Ob1	Ob1	Ob1
Estimular o desenvolvimento regional	Ob2	Ob2	Ob2	Ob2	Ob1	Ob1	Ob1
Servir como zona-tampão	NP	NP	NP	NP	Ob2	OP	OP
Proteger o patrimônio cultural	Ob1	Ob1	Ob1	Ob1	Ob2	Ob2	Ob1

Legenda:

- Ob1 - Objetivo Primário para o Manejo de Recursos
- Ob2 - Objetivo Secundário, porém importante para a categoria
- OP - Onde for possível
- NP - Não procede
- CR - Cientificamente recomendado

Fonte: Modificado de Fundação Pró-Natureza - FUNATURA (1989).
SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação

1.3.1. Parques Nacionais (PARNA)



www8.ufrgs.com.br

De acordo com seus objetivos de manejo e tipos de uso, os Parques Nacionais são tidos como Unidades de Conservação de Uso Indireto dos Recursos (ou de Proteção Integral), sendo assim, estão totalmente restringidos a exploração ou o aproveitamento dos recursos naturais, admitindo-se, apenas, o aproveitamento indireto dos seus benefícios.

Os PARNAs são Unidades de Conservação que se destinam a preservação integral de áreas naturais com características de grande relevância sob os aspectos ecológico, cênico, científico, cultural, educativo e recreativo, vedadas as modificações ambientais e a interferência humana direta. Excetua-se as medidas de recuperação de seus sistemas alterados e as ações de manejos necessárias para recuperar e preservar o equilíbrio natural, a diversidade biológica e os processos naturais. Comportam a visão pública com fins recreativos e educativos regulamentada pelo Plano de Manejo da Unidade, de acordo com as normas estabelecidas pelo IBAMA.

A base legal para a criação de PARNAs é composta pela Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965, que instituiu o novo Código Florestal, e Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967, ou Lei de Proteção a Fauna, regulamentada pelo Decreto nº 84.017, de 21 de setembro de 1979.

No capítulo seguinte serão abordados aspectos relacionados ao Parque Nacional da Lagoa do Peixe, desde a sua criação, histórico e localização, considerando toda a área abrangida pela Unidade de Conservação, com seus

diversos habitats (lagoas, laguna, arroios, banhados, campos, matas, dunas e faixa litorânea). Aspectos sócio-econômicos serão abordados apenas quando relacionados a atividades conflitantes desenvolvidas na área do Parque e seus entornos.

Uma listagem comentada dos componentes florísticos e faunísticos do Parque, com base na bibliografia disponível, será apresentada no capítulo 3.

Ênfase especial será dada às aves, residentes e visitantes, devido à importância do local para este grupo. O capítulo 4 apresenta uma descrição das aves registradas para o PARNA, sendo enriquecido por fotografias da grande maioria das espécies.

2. PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE

As informações a respeito do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, apresentadas neste capítulo, foram extraídas principalmente do documento PLANO DE MANEJO DO PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE – Fase 2 (Knak, 1999).

Considerando-se que o documento em questão representa um compêndio das informações existentes sobre a área do Parque, até a data de sua elaboração, estudos realizados e/ou publicados posteriormente ao Plano de Manejo foram utilizados complementarmente ao mesmo, principalmente no que diz respeito às listagens de espécies da flora e fauna presentes no Parque Nacional da Lagoa do Peixe.

2.1. Histórico e Antecedentes Legais

O Parque Nacional da Lagoa do Peixe foi criado pelo Decreto-Lei nº 93.546 de 06 de novembro de 1986 (ANEXO 1), por sugestão do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), hoje denominado Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), visando proteger espécies animais, particularmente as aves migratórias, que encontram na região condições propícias para sua alimentação e repouso. A criação do Parque também teve como objetivo a preservação das Áreas Úmidas, sendo uma importante contribuição do Brasil à Campanha Internacional para a preservação destas áreas.

O nome “Parque Nacional da Lagoa do Peixe” originou-se da importância da Lagoa do Peixe neste ecossistema, uma vez que esta corresponde ao maior corpo d’água existente dentro da área do Parque, além de ser o principal local de alimentação das aves, devido a sua pequena profundidade.

Estudos realizados pelo Centro de Estudos de Migração de Aves (CEMAVE), órgão ligado ao IBAMA, na área da Lagoa do Peixe por mais de 10 anos, foram de indiscutível relevância para a criação deste Parque Nacional (PARNA). A partir de resultados destes estudos, em 1991 o Parque foi incluído

na Rede Hemisférica de Reserva de Aves Limícolas, na categoria de Reserva Internacional.

A Rede Hemisférica para Aves Limícolas (*Western Hemisphere Shorebird Network*) foi aprovada pela resolução da *International Association of Fish Wildlife Agencies*, no ano de 1985, e reúne esforços de organismos governamentais e de grupos privados ligados à conservação de aves migratórias e de seus habitats. Possui um conselho internacional e uma equipe técnica permanente, que dão orientação geral, determinando as políticas e definindo prioridades de seus organismos membros.

Para o reconhecimento como local de importância para a rede, a área deve obedecer a critérios biológicos que estabeleçam seu valor para as aves limícolas. Existem quatro categorias de reservas: Hemisférica - deve possuir pelo menos 500 mil maçaricos anualmente, ou no mínimo 30% da população de determinada espécie; Internacional - pelo menos 100 mil aves limícolas anualmente, ou no mínimo 15% da população de determinada espécie; Regional – pelo menos 20 mil aves anualmente, ou no mínimo 5% da população de determinada espécie; e Reserva para Espécies Ameaçadas: não requer número mínimo de aves, porém são áreas importantes para determinadas espécies.

Os ecossistemas componentes desta estreita faixa de terra entre a laguna dos Patos e o Oceano Atlântico, onde se localiza o PARNA da Lagoa do Peixe, apresentam particularidades e atributos que lhes conferem grande importância em nível mundial. Por este motivo, em 1992, a região foi tombada pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, e em 1993 o Parque foi incluído na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, na categoria de Zona de Núcleo, o que representa o reconhecimento oficial da UNESCO sobre a importância deste ecossistema para a sobrevivência da vida no Planeta. Na oportunidade, três áreas piloto foram selecionadas pelo Comitê Estadual da Reserva da Biosfera: litoral norte do Estado, abrangendo a planície litorânea e a encosta da Serra Geral; os municípios da Quarta Colônia Italiana, na encosta sul da Serra Geral; e o Parque Nacional da Lagoa do Peixe.

O tombamento da Mata Atlântica consiste de um instrumento jurídico com o objetivo de manter a diversidade biológica dos remanescentes deste domínio. As áreas tombadas incluem Unidades de Conservação e entornos a fim de restabelecer corredores de vida selvagem em pelo menos 10% do

território gaúcho. O papel da Reserva da Biosfera é o de propor e colaborar com soluções metodológicas que sirvam para consolidação do desenvolvimento sustentável da região e para o fortalecimento das comunidades locais. Desempenha também a tarefa de trocas de informações e busca de recursos em nível nacional e internacional.

Ainda em 1993, quando da adesão do Brasil como parte contratante à Convenção de RAMSAR, relativa à conservação de ambientes aquáticos de importância internacional, o Parque Nacional da Lagoa do Peixe foi incluído como mais uma área sob os auspícios deste tratado, ratificando mais uma vez sua importância. A Convenção Sobre Áreas Úmidas é um tratado intergovernamental adotado em 02 de fevereiro de 1971 na cidade de Ramsar, Irã. É a primeira de um moderno tratado global intergovernamental para a conservação e uso racional dos recursos naturais.

O nome oficial "*The Convention on Wetland of International Importance Especially for Waterfowl Habitat*" reflete a ênfase original na convenção e uso racional das áreas úmidas, com objetivo primordial de conservar os ambientes utilizados pelas aves aquáticas. Entretanto a convenção tem coberto todos os aspectos de conservação das áreas úmidas, reconhecidos como importantes ecossistemas para conservação da biodiversidade e bem estar das comunidades humanas.

Para facilitar a implementação deste tratado, a Conferência das Partes Contratantes analisa quatro grupos de critérios para identificação de áreas úmidas de importância internacional: representatividade ou área úmida única; *status* da flora e fauna; populações de aves aquáticas; e populações de peixes.

2.2. Limites do PARNA

O Parque Nacional da Lagoa do Peixe está situado na planície costeira do Rio Grande do Sul, entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico. A Unidade de Conservação se estende desde as Lagoas de água doce Pai João e Veiana, ao norte, até o extremo sul da Lagoa do Peixe, o que resulta em uma área de 344 Km² (34.400 há), sendo sua extensão de 62 Km e sua largura média de 6 Km. (Knak, 1999; Loebmann, 2004).

De acordo com alguns autores, a área do Parque abrange os municípios de Tavares (80%), Mostardas (17%) e São José do Norte (3%) (Nascimento, 1995; Nobre, 1998; Loebmann, 2004; Loebmann e Vieira, 2005).

Com relação aos limites do Parque, também no Decreto-Lei de sua criação, consta que o Parque Nacional da Lagoa do Peixe abrange terras dos municípios de Tavares, Mostardas e São José do Norte. No entanto, Knak (1999) afirma que São José do Norte não tem área municipal dentro dos limites do Parque, sendo que o Ponto 1 do Decreto (marco topográfico do exército) fica exatamente na divisa dos municípios de Tavares e São José do Norte.

Observando as coordenadas geográficas apresentadas no Decreto-Lei nº 93.546, sugere-se que na latitude do Ponto 16, onde se lê 31° 14' 60", substitua-se o texto por 31° 15' 00". Knak (1999) constatou ainda que o ponto de delimitação (Ponto 21) está incorretamente descrito. O referido ponto dá como coordenadas geográficas aproximadas: 31° 02' 45" S e 55° 42' 04" W, ficando fora da área da Unidade de Conservação. As coordenadas, que definem corretamente o Ponto 21 são 31° 02' 45" S e 50° 42' 04" W.

Da mesma forma, sugere-se que, de todo o Decreto, seja retirada a palavra "aproximada", já que não especifica claramente as delimitações, o que pode causar transtornos durante o processo de regularização fundiária da área do Parque.

A imagem a seguir ilustra os limites do PARNA da Lagoa do Peixe, de acordo com as coordenadas geográficas apresentadas no Decreto-Lei nº 93.546, já corrigido o Ponto 21.

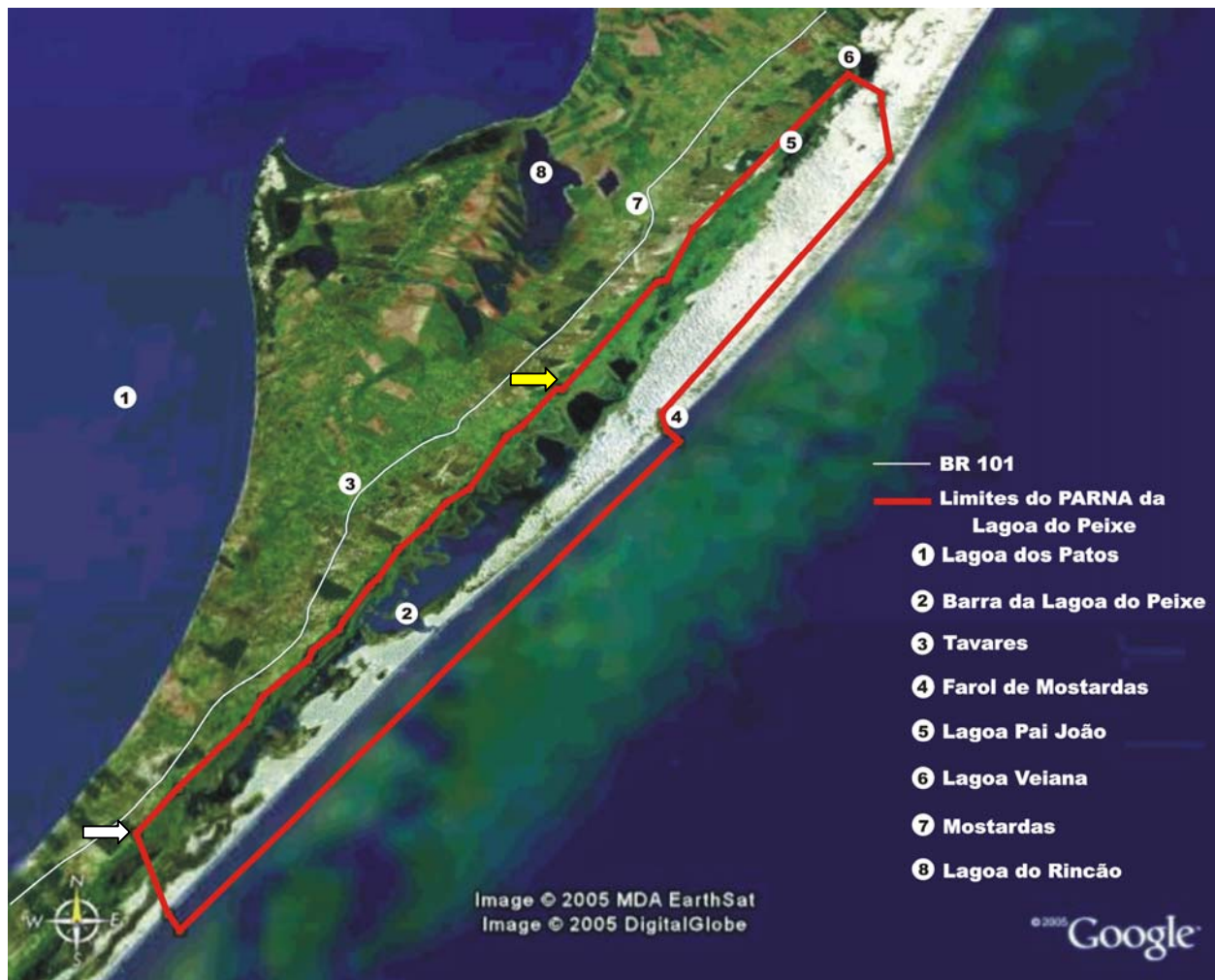


Imagem ilustrativa dos limites do PARNA da Lagoa do Peixe, assinalando pontos de referência nos seus entornos. A seta branca indica a posição geográfica do Ponto 1, de acordo com o Decreto-Lei nº 93.546 de 06 de novembro de 1986 (ANEXO 1); e a ponta da seta amarela indica a sede da propriedade do Sr. Renato Marantes.

2.3. As Lagoas de Água Doce do PARNA da Lagoa do Peixe

Lanzer & Shafer, 1987 (apud Tagliani 1995) afirmam que as lagoas dulceaquícolas do Subsistema Restinga Litorâneo se constituem em importantes corredores genéticos sendo, por isto, fundamentais dentro do mesmo.

Apesar de ser a Lagoa do Peixe o corpo d'água mais expressivo dentro do sistema hídrico do PARNA, as lagoas de água doce são de grande importância para a dinâmica do mesmo, uma vez que grande parte do recurso hídrico da Lagoa do Peixe provém da drenagem destas lagoas (Knak, 1999).

De acordo com Loebmann (2004) e Loebmann e Vieira (2005), as Lagoas Pai João e Veiana, localizadas no extremo norte do PARNA da Lagoa do Peixe, representam um ambiente exclusivamente límnico, com profundidade média de 3 m e a maior parte de sua superfície coberta por aguapés.

Em estudos ecológicos de *Lutra longicaudis* (lontra) no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Colares e Waldemarin (1996) e Waldemarin (1997) apresentam uma breve descrição das Lagoas Veiana e Pai João.

Segundo os autores (op cit.), a Lagoa do Pai João tem extensão aproximada de 3 Km. Apresenta, na margem direita (oeste), barrancos com cerca de 4 a 5 m de altura, com cobertura vegetal de grande porte e em contato direto com a água. Em alguns locais, esta margem apresenta uma vegetação submersa e emergente muito intensa. Já na margem esquerda (leste), apresenta barrancos com 0,20 m de altura e com vegetação rasteira, principalmente gramíneas, sendo que em alguns pontos apresenta-se em forma de banhados.

A Lagoa Veiana apresenta características semelhantes à anterior, sendo que, no entanto, a margem esquerda é formada totalmente por banhados. Vale dizer que, enquanto na margem direita da Lagoa do Pai João a vegetação do barranco tem comunicação direta com a água, o barranco da margem direita da Lagoa Veiana está localizado a 5 m da água, sendo que o espaço compreendido entre a água e a vegetação está tomado por vegetação rasteira, composta predominantemente de gramíneas.

A existência de várias unidades ambientais dentro de seus limites (marisma, banhados, ilhas, lagoas interiores de água doce, laguna, dunas, praias interiores e oceânicas, planos intertidais, infralitoral vegetado e não vegetado, pradarias de algas e fanerógamas submersas, canal, campos e mata de restinga) confere ao PARNA da Lagoa do Peixe características peculiares que o tornam tão importante do ponto de vista ecológico.

2.4. Acessos à Unidade

Pode-se chegar ao Parque Nacional da Lagoa do Peixe seguindo-se dois roteiros descritos a seguir que consideram como meta de chegada a Sede do Parque no município de Mostardas.

2.4.1. Acesso Sul

A chegada ao PARNA pelo acesso sul é realizada, em primeira etapa, através da BR-392 até a cidade do Rio Grande, com posterior travessia do canal da barra da Lagoa dos Patos, por meio de balsa, em direção ao município de São José do Norte.

A partir deste ponto duas alternativas são utilizadas conforme as condições de trafegabilidade: percurso de cerca de 160 Km pela BR-101, não asfaltada neste trecho; ou pela faixa de praia a partir do balneário do Mar Grosso que, quando em condições favoráveis, diminui consideravelmente o tempo de percurso.

Em épocas de chuvas intensas (inverno) ou em épocas de estiagem prolongada, o percurso pela BR-101 pode ficar interditado. O acesso via praia deve ser empreendido com o prévio conhecimento da direção do vento, condições de maré e da possibilidade de travessia do canal do Estreito e da barra da Lagoa do Peixe, uma vez que a profundidade e a abertura destas desembocaduras podem interromper a viagem nestes pontos.

Atravessando-se a barra da Lagoa do Peixe, segue-se em direção norte até o balneário chamado Praia Nova, já no município de Mostardas. A partir deste ponto atinge-se o centro desta cidade (onde fica a sede do Parque Nacional) por meio de uma estrada não asfaltada, que atravessa um cordão de dunas, por cerca de 8 km.

Existe ainda a opção de atingir-se a cidade de Mostardas através do Balneário Talha-mar, distante 14 km da barra da laguna. Por meio de um caminho entre dunas atinge-se a RST-101 (trecho quase todo asfaltado) alcançando-se a sede do Parque após um percurso de 20 km nesta estrada.

2.4.2. Acesso Norte

Pelo norte, o acesso ocorre da mesma forma pela BR-101 (trecho com asfaltamento concluído), porém em sentido inverso, via município de Capivari, distante 55 km de Porto Alegre. O percurso de Capivari até a cidade de Mostardas é de cerca de 125 km.

O município de Mostardas possui ainda uma pequena pista de pouso para aviões monomotores, como os utilizados pela aviação agrícola.

2.5. Ficha Técnica do PARNA da Lagoa do Peixe

A ficha técnica a seguir foi atualizada a partir do documento PLANO DE MANEJO DO PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE – Fase 2 (Knak, 1999).

Nome da Unidade de Conservação: Parque Nacional da Lagoa do Peixe. UGR (Unidade Gestora Responsável): SUPES-Rio Grande do Sul	
Endereço da sede:	Praça Prefeito Luiz Martins, nº 30 Mostardas/ Rio Grande do Sul.
Telefone:	051-3673-1464
Fax:	051-3673-1464
Superfície:	34.400 ha
Perímetro:	139,62 km (cálculo cartográfico)
Municípios que abrange e percentual abrangido pela UC:	O PARNA abrange porções litorâneas dos municípios de Tavares (33,3%) e Mostardas (16,6%).
Estados que abrange:	Situa-se totalmente no Rio Grande do Sul.
Coordenadas geográficas:	31° 04' a 31° 29' latitude sul 50° 46' a 51° 09' longitude oeste
Data de criação e número do Decreto:	O Parque foi criado pelo Decreto-Lei nº 93.546, de 6 de novembro de 1986.
Marcos importantes(limites):	-Limite sul: divisa dos município de Tavares e São José do Norte. -Limite oeste: mata de restinga -Limite leste:abrange 1.000 m de largura da faixa do oceano até o Farol de Mostardas. -Limite norte: proximidade do condomínio Porto dos Casais
Bioma e ecossistemas:	Vegetação de Restinga – Costeiro e Marinho
Atividades desenvolvidas: Educação Ambiental Uso Público Fiscalização Pesquisa	Sim - NEMA Passeios, Eco turismo e banho. Deficiente. Sim - FURG, NEMA, UFPel, UFRGS, UNISINOS, CEMAVE, GEMARS.
Atividades conflitantes:	Ocupação humana, pesca, agricultura, pecuária, caça.

2.6. Atividades Conflitantes na área do PARA da Lagoa do Peixe

O texto a seguir foi extraído e modificado do documento PLANO DE MANEJO DO PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE – Fase 2 (Knak, 1999).

2.6.1. Pesca

A pesca do camarão-rosa (*Farfantepenaeus paulensis*) é praticada por pescadores que residem na área do PARNA e seu entorno, bem como por antigos moradores da região que vão à Lagoa do Peixe na época da safra. A pesca deste recurso é também praticada pelos agricultores que possuem terras junto à laguna. Estes são cadastrados pelo IBAMA, tendo licença para praticar esta atividade.

Há relatos de conflitos entre pescadores catarinenses e o IBAMA, para muitos dos quais se faz necessário a intervenção da Brigada Militar e da Patrulha Ambiental.

Pescadores da região também praticam a pesca com redes de emalhe, na beira da praia.

Barcos de arrasto costumam atuar dentro das 3 milhas náuticas regulamentares a partir da praia. Além disso, a pesca de barcos com rede de cerco, na beira da praia na área do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, é descrita como comum.

2.6.2. Balneários e Povoados irregulares

De acordo com o Plano de Manejo (Knak, 1999), este é o caso da Vila da Barra, e dos Balneários do Paiva, Lagamar e Talha-mar.

2.6.3. Pastagem por Animais Domésticos

O impacto estrutural mais freqüente e mais intenso sobre a vegetação das marismas da Lagoa do Peixe é a pastagem por gado e cavalos.

A pastagem extensiva e indiscriminada é facilitada pelo sedimento firme arenoso, pela suavidade do relevo e por ser a maior parte da superfície das marismas da Lagoa do Peixe apenas ocasional ou raramente alagada (5 a 30% do tempo). Poucas são as áreas intermareais que possuem os seus limites superiores delimitados por cercas que possam impedir o acesso livre do gado e de cavalos. Em vários pontos da laguna, a cobertura vegetal foi seriamente comprometida, pela constante remoção de biomassa e pisoteio.

A sobrepastagem é prejudicial praticamente a toda vida selvagem. No entanto, o habitat para algumas espécies de gansos e maçaricos é melhorado quando ocorre uma intensidade moderada de pastagem, que reduz a densidade de cobertura matura de plantas herbáceas perenes altas ou arbustos, e promove a produção de brotos tênues. Conseqüentemente, a presença de vegetação rasteira em marismas pastados pode ser um fator de atração de aves para uma dada área.

Além da pastagem sobre as marismas ocorre também a pastagem sobre a vegetação das dunas.

2.6.4. Áreas Florestadas com Pinus spp.

Situados em sua maior parte fora dos limites do PARNA, os aflorestamentos proporcionam um impacto significativo tanto no aspecto visual como no desenvolvimento da vegetação nativa da Unidade de Conservação.

Os grandes talhões de *Pinus elliotii* e *Pinus taeda* localizam-se principalmente no limite oeste do Parque Nacional, principalmente no município de Mostardas, tendo sido plantados por empresas de aflorestamento, há aproximadamente 20 anos. Existem alguns talhões também entre a Lagoa do Peixe e o oceano, dentro dos limites do PARNA.

A presença de *Pinus spp.* pode causar modificações ambientais que, em decorrência do seu crescimento rápido, podem ser bruscas e afetar a vegetação natural de uma forma bastante negativa. Os talhões, densos e altos,

conforme sua localização e orientação podem modificar o regime de ventos dominantes, suas direções e intensidades, modificando conseqüentemente, as interações das dunas de areia com os banhados e com as massas de água.

As acículas de *Pinus* spp. liberam substâncias que inibem a germinação da maioria das espécies nativas. Como em vários locais existe a presença de água junto a talhões, esta pode carrear as substâncias inibidoras para as lagoas.

A dispersão das sementes de *Pinus* spp. é feita pelo vento, existindo uma intensa regeneração natural da espécie. Tal fato promove um grande povoamento natural por quase todos os tipos de ambiente, desde os campos de dunas até os banhados, prejudicando a vegetação nativa.

De acordo com Knak (1999), o *Pinus* spp. está se disseminando descontroladamente pela região, podendo estar causando uma significativa influência no rebaixamento do lençol freático. Em vários locais, no entanto, aparentemente estas plantações atuam benéficamente sobre o ambiente, na contenção do avanço das dunas, que causam o rápido assoreamento das lagoas de água doce, da Lagoa do Peixe e dos banhados e marismas circundantes.

2.6.5. Caça

As atividades de caça dentro do PARNA são reduzidas devido aos trabalhos de conscientização realizados. Esporadicamente, entretanto, ocorrem denúncias de tal atividade.

A caça no entorno do Parque continua, porém, a ser autorizada pelo IBAMA obedecendo a Portaria de Caça Amadorista existente no Estado do Rio Grande do Sul, apesar dos esforços para que a mesma seja completamente eliminada.

2.6.6. Voçorocas

São sulcos no terreno, de origem erosional.

Diversas voçorocas são observadas na área do PARNA e seu entorno. Situadas sobre a Barreira III tem como principais origens a abertura de canais de drenagem para escoamento da água da chuva, o desmatamento para retirada de madeira e abertura de caminhos para passagem do gado e de veículos.

Através das voçorocas grande quantidade de sedimento é continuamente arrastada e transportada para a laguna, o que contribui para seu assoreamento.

O corte de *Pinus spp.* na proximidade da Lagoa do Pai João, em área adjacente ao Parque, causou também o aparecimento de voçorocas e a fragmentação da mata.

2.6.7. Cercas Eletrificadas

A alegação para o uso de cercas eletrificadas é o menor custo e a maior durabilidade quando comparadas com as cercas convencionais. Embora só permitidas em divisões internas de propriedades, foram encontradas por Knak (1999) em todos os locais como nas margens de estradas, dentro da água atravessando a Lagoa do Peixe e sobre as dunas, podendo interferir no deslocamento de animais silvestres.

2.6.8. Ocupação

Existe na área do PARNA e seu entorno três situações diferentes de ocupação de terras: propriedade, ocupação irregular de terrenos de marinha e usucapião. As atividades nestas ocupações operam como modificadoras do ambiente, sendo seus efeitos a longo prazo difíceis de serem estimados.

3. FLORA E FAUNA DO PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE

3.1. Flora

3.1.1. Vegetação das Marismas, Dunas e Ambientes Aquáticos (límnicos e mixohalinos)

Aspectos relativos às vegetações de marismas e ambientes aquáticos já foram abordados no item **1.2. Caracterização ambiental da Lagoa do Peixe**, deste documento.

A vegetação das dunas frontais, próximas ao mar, é limitada a poucas espécies, expostas à constante movimentação de areia, flutuação da temperatura superficial do solo, pouca retenção de água no substrato poroso e ação do borrifo marinho. As plantas apresentam hastes flexíveis, folhas com lâminas estreitas e finas e um vigoroso crescimento horizontal e vertical para evitar o soterramento (Cordazzo & Seeliger, 1995).

Os terrenos após as dunas frontais apresentam-se com o substrato estabilizado, maior cobertura e diversidade vegetal, a qual é influenciada pelas oscilações sazonais no nível do lençol freático próximo da superfície. As plantas que ocupam estas áreas são em parte espécies anuais que apresentam altas taxas de germinação após a drenagem do solo (Cordazzo & Seeliger op cit.).

A tabela a seguir representa as famílias e espécies de vegetação de marismas, dunas e ambientes aquáticos, encontradas no PARNA da Lagoa do Peixe, e foi elaborada a partir de consultas em Cordazzo & Seeliger (1995), Costa et al. (1996), Nobre (1998) e Knak (1999).

Família	Espécie	Nome Comum
Apiaceae	<i>Hydrocotyle bonarieisis</i>	
Aizoaceae	<i>Sesuvium portulacastrum</i>	
Amaranthaceae	<i>Blutaparon portucaloides</i>	capotiragua
Cactaceae	<i>Opuntia cf. arechevaletai</i>	
Campanulaceae	<i>Pratia hederacea</i>	
Calyceraceae	<i>Acicarpha cf tribuloides</i>	
	<i>Calycera crassifolia</i>	
Cariophyllaceae	<i>Cardionema ramosissima</i>	
	<i>Spergularia c.f. grandis</i>	
Família	Espécie	Nome Comum
Chenopodiaceae	<i>Salicornia ambigua</i>	
Compositae	<i>Baccharis trimera</i>	Carqueja-amarga

	<i>Baccharis cf. riograndensis</i>	
	<i>Conyza banariensis</i>	
	<i>Cotula coronopifolia</i>	Erva-botão
	<i>Gamochoaeta simplicicaulis</i>	
	<i>Gamochoaeta spicata</i>	
	<i>Picrosia longifolia</i>	
	<i>Pluchea sagittalis</i>	
	<i>Porophyllum obscurum</i>	
	<i>Pterocaulon bakeri</i>	
	<i>Senecio crassiflorus</i>	Margarida-das-dunas / Marcela-graúda
	<i>Soliva pterosperma</i>	
	<i>Xanthium cavanillesii</i>	
Convolvulaceae	<i>Cressa truxillensis</i>	
Crassulaceae	<i>Crassula cf. peduncularis</i>	
Cyperaceae	<i>Androtrichum trigynum</i>	Junco da praia
	<i>Cyperus brevifolius</i>	
	<i>Cyperus cayennensis</i>	
	<i>Cyperus polystachyos</i>	
	<i>Cyperus sesquiflorus</i>	
	<i>Eleocharis sellowiana</i>	
	<i>Fimbristylis sp</i>	
	<i>Fimbristylis diphylla</i>	
	<i>Scirpus americanus</i>	
Droseraceae	<i>Drosera brevifolia</i>	Orvalhinha / Drósera
Eriocaulaceae	<i>Eriocaulon modestum</i>	Capipoatinga
Gentianaceae	<i>Nymphoides indica</i>	Soldanela d'água
Gramineae	<i>Andropogon cf. leucostachyus</i>	
	<i>Andropogon selloanus</i>	
	<i>Briza erecta</i>	
	<i>Briza minor</i>	Treme-treme
	<i>Ischaemum minus</i>	Gramma boiadeira
	<i>Panicum racemosum</i>	Capim-das-dunas
	<i>Paspalum distichum</i>	Gramma boiadeira
	<i>Paspalum cf. nicorae</i>	
	<i>Paspalum vaginatum</i>	Capim-aramé / Gramma doce
	<i>Poidium rufum</i>	
	<i>Polypogon maritimus</i>	
	<i>Spartina ciliata</i>	Capim salgado
	<i>Spartina densiflora</i>	Capim paratura
	<i>Stenotaphrum secundatum</i>	
Iridaceae	<i>Sisyrinchium graminifolium</i>	
Juncaceae	<i>Juncus capillaceus</i>	
	<i>Juncus dombeyanus</i>	
	<i>Juncus microcephalus</i>	
	<i>Juncus sp.</i>	
	<i>Juncus acutus</i>	Junco
Juncaginaceae	<i>Triglochin striata</i>	Erva-do-brejo

Família	Espécie	Nome Comum
Leguminosae	<i>Macroptilium prostratum</i>	
	<i>Sesbania punicea</i>	
	<i>Stylosanthes leiocarpa</i>	
	<i>Vigna luteola (Jacq.)</i>	Feijão-da-praia
Lentibulariaceae	<i>Utricularia erectiflora</i>	
	<i>Utricularia tricolor</i>	Boca-de-leão-do banhado
Lycopodiaceae	<i>Lycopodium alopecuroides</i>	
Onagraceae	<i>Oenothera affinis</i>	
Orchidaceae	<i>Habenaria parviflor</i>	
Polygalaceae	<i>Polygala timoutoides</i>	
Portulacaceae	<i>Portulaca grandiflora</i>	
Potamogetonaceae	<i>Ruppia maritima</i>	
	<i>Zannichellia palustris</i>	
	<i>Potamogeton sp.</i>	
Plantaginaceae	<i>Plantago lanceolata</i>	
	<i>Plantago paralias</i>	
	<i>Plantago sp</i>	
Rubiaceae	<i>Richardia brasiliensis</i>	
Scrophulariaceae	<i>Bacopa monnieri</i>	Bacopa
Solaneceae	<i>Scoparia montevidensis</i>	
	<i>Petunia integrifolia</i>	
Umbelliferae	<i>Solanum sisymbriifolium</i>	
Verbenaceae	<i>Centella asiatica</i>	
	<i>Eryngium nudicaule</i>	
Xyrydaceae	<i>Hydrocotyle bonariensis</i>	Erva-capitão
	<i>Glandularia sp.</i>	
	<i>Xyris caroliniana</i>	

3.1.2. Vegetação da Mata Nativa

De acordo com Knak (1999), as formações arbóreas no PARNA da Lagoa do Peixe situam-se quase que totalmente na parte oeste das Lagoas do Peixe, Pai João e Veiana, compondo uma faixa quase contínua que se estende por cerca de 50 km, onde se destacam as dunas interiores fixadas e um declive conhecido como “recosta” que acompanha todo este sistema lagunar e coincide com os limites do Parque. Esta faixa, ora mais estreita, ora mais larga, concentra quase toda a vegetação lenhosa, podendo se apresentar com fisionomia de mata ou de vegetação arbustiva, embora nos banhados mais próximos às lagoas, exista pequenos capões e vegetação lenhosa esparsa.

3.1.2.1 Mata arenícola (Vegetação de Influência Marinha Arbórea)

Os termos mata arenícola, mata arenosa, mata psamófila, floresta esclerófila litorânea e mata de restinga, referem-se às formações típicas do litoral e intra-litoral, que se desenvolvem sobre solo arenoso e pobre, tendo freqüentemente porte baixo. É uma vegetação condicionada pelo caráter do substrato sobre o qual se desenvolve, apresentando desenvolvimento reduzido, tortuoso, com árvores ramificadas desde a base e com copas irregulares e ralas, com elevada ocorrência de folhas pequenas, coriáceas, suculentas, pilosas, cerosas, espinescentes ou brilhosas. Apresenta, freqüentemente, aspecto denso devido à presença de lianas espinhosas, ocorrendo também muitas plantas suculentas e esclerófilas (Waechter 1985, Dillenburg 1986 apud Knak, 1999).

No PARNA da Lagoa do Peixe, estas matas cobrem a parte superior dos declives (recosta), onde o solo é mais seco e arenoso. Trata-se de uma mata baixa, com estrato médio contínuo composto por arvoretas (nanofanerófitos) perenifoliados e em grande parte espinhosos, como *Scutia buxifolia* (coronilha), *Xylosma prockia* (não-me-toque), *Casearia sylvestris* (chá-de-bugre), *Myrcia multiflora* (cambuí) e outras. O estrato superior é descontínuo, podendo atingir até 10 m de altura, sendo representado por *Ficus organensis* (figueira), *Bumelia obtusifolia* (espinheiro) e *Rapanea umbellata* (capororocão). O estrato inferior é representado por poucas espécies de arbustos (caméfitos). Chama bastante a atenção a abundância de lianas, principalmente Bignonaceae e epífitas (Bromeliaceae e Piperaceae), que contribuem muito para caracterizar esta formação.

Imediatamente abaixo da faixa da mata arenícola, ao pé do declive, a formação já tende a se descaracterizar devido à maior umidade do solo que permite o aparecimento de espécies mais seletivas e hidrófilas, originárias da Mata Atlântica (Floresta Ombrófila Densa) e que ocorrem em matas ciliares fora da região florestal. Esta mata tem um aspecto mais viçoso, é mais desenvolvida em termos de altura, aparecendo espécies como *Cupania vernalis* (camboatá), *Guapira opposita* (maria-mole), *Nectandra rigida* (canela-amarela) e outras. Em alguns pontos com relevo intermediário entre as elevações bem drenadas e as depressões paludosas, desenvolvem-se matas de transição entre as formas arenícola e palustre, porém cobrindo faixas bastante estreitas.

3.1.2.2. Mata palustre (Vegetação de Influência Fluvial Arbórea)

Onde ocorre já a influência do sistema lagunar, que se reflete na presença maior de água, dando origem a solos hidromórficos e a turfeiras, aparecem formações arbóreas também denominadas matas paludosas, matas limnófilas e matas turfosas.

A fisionomia destas matas é variada. Junto à recosta e imediatamente abaixo da faixa de mata arenícola, o solo não é encharcado permanentemente, aparecendo *Ficus organensis* (figueira), *Erythrina crista-galli* (corticeira), *Sebastiania commersoniana* (branquilho), entre outras. Nas bordas aparecem *Psidium cattleianum* (araçazeiro) e *Sesbania punicea* (acácia-do-banhado). Nos estratos inferiores predominam *Daphnopsis racemosa* (imbira) e *Bromelia antiacantha* (bananinha-do-mato). Em algumas áreas, desenvolveu-se uma mata mais alta estratificada, onde se destacam *Cytherexylum mirianthum* (tucaneira), *Syagrus romanzoffiana* (jerivá) e *Myrcia glabra* (ubá). No estrato médio e nas bordas aparecem *Psidium cattleianum* (araçazeiro) e *Citronella paniculata* (congonha). No subosque se destaca *Geonoma schottiana* (palmeira guaricana), que só aparece neste tipo de mata.

Nestas formações, ocorrem com maior frequência as Orchidaceae, representadas pelos gêneros *Cattleya* e *Pleurothallis*, dando um aspecto bastante atraente às copas das árvores.

Um outro tipo de mata é encontrada em áreas permanentemente encharcadas e com presença de turfeiras. Esta mata é bastante densa e apresenta altura média de 5 m, onde predomina grandemente *Rapanea lorentziana* (capororoca), associada a *Citronella paniculata* (congonha) e *Sebastiania commersoniana* (branquilho).

3.1.2.3. Banhados (Vegetação de Influência Fluvial Arbustiva)

Embora o termo banhado designe mais propriamente a vegetação herbácea, que na região é representada pelos gêneros *Cyperus*, *Juncus*, *Scirpus*, ocorrem também nestas áreas, espécies lenhosas que chegam a se agrupar em alguns locais. No PARNA, principalmente ao norte e mais ao sul da Lagoa do Peixe, de forma esparsa, aparecem em meio aos banhados herbáceos, extensões onde ocorre um grande número de espécimes de *Erythrina crista-galli* (corticeira), próximos de agrupamentos de *Syagrus*

romanzoffiana (jerivá) e formações onde predomina *Mimosa bimucronata* (maricá). Em certas áreas, há agrupamentos de arbustos e pequenos capões onde aparecem muitos exemplares de *Ficus organensis* (figueira) e árvores menores, principalmente Myrtaceae, que parecem representar uma evolução de uma formação aberta e de porte baixo para uma mais desenvolvida e com o aspecto de savana ou mata aberta.

3.1.2.4. Formações sobre Dunas (Vegetação de Influência Marinha Arbustiva)

Estas formações arbóreo-arbustivas, também conhecidas como matorrais, localizam-se principalmente sobre as dunas interiores fixadas, que se estendem na parte oeste da faixa das matas, à oeste do sistema lagunar. Em alguns locais, sobretudo em pequenas baixadas entre dunas, esta se interpenetra com matas arenícolas que, provavelmente representam uma fase mais evoluída desta formação.

A fisionomia é de uma pequena mata aberta, com moitas e arvoretas agrupadas irregularmente, deixando espaços cobertos apenas com vegetação herbácea rala, com o solo arenoso descoberto. Apresentam raízes profundas, às vezes dispostas como escoras, galhos numerosos, contorcidos, emaranhados. As espécies têm, em geral, folhas coriáceas, pequenas, brilhantes, copas arredondadas e densas. Entre as arvoretas destacam-se *Rapanea parvifolia* (capororoquinha), *Erythroxylum argentinum* (cocão), *Hexachlamis edulis* (pessegueiro-do-mato) e *Baccharis pseudotridentata* (vassourão). Os arbustos mais freqüentes são *Dodonaea viscosa* (vassoura-vermelha) e *Cordia verbenacea* (baleeira). As cactáceas são muito abundantes, aparecendo *Opuntia arechavaletaia* (palma) e *Cereus uruguayanus* (tuna).

3.1.2.5. Campos (Áreas Antrópicas)

Em sua maior parte localizados fora dos limites do Parque Nacional, os campos estão situados junto às matas arenícolas, sobretudo no município de Tavares. Embora tenham origem antrópica devido à agricultura e à pecuária, estes ainda podem ser considerados como uma formação vegetal diferenciada das demais já citadas, pois além de ocuparem áreas consideráveis, representam nitidamente um processo de sucessão vegetal, onde algumas espécies lenhosas conseguiram se regenerar sob pastejo.

Nesta formação predominam Gramineae e Cyperaceae, mas a vegetação lenhosa é abundante e dispersa regularmente. As principais espécies são: *Lithrea brasiliensis* (aroeira-braba), *Scutia buxifolia* (coronilha), *Schinus polygamus* (molho) e *Zanthoxylum hiemalis* (coentrilho).

A tabela a seguir representa as famílias e espécies de vegetação da mata nativa, encontradas no PARNA da Lagoa do Peixe, e foi elaborada a partir de consultas em Knak (1999) e Dorneles (2004).

Família	Espécie	Nome Comum
Anacardiaceae	<i>Lithrea brasiliensis</i>	Aroeira / Aroeira-braba / Bugreiro
	<i>Schinus polygamus</i>	Molho / Espinheiro-branco
	<i>Schinus terebinthifolius</i>	Aroeira-da-praia
	<i>Schinus weinmanniaefolius</i>	Aroeira-rasteira
Annonaceae	<i>Rollinia emarginata</i>	Araticum-da-praia / Groselha
Aquifoliaceae	<i>Ilex dumosa</i>	Caúna-da-praia
	<i>Ilex pseudobuxus</i>	Caúna
Araliaceae	<i>Dendropanax cuneatum</i>	Pau-de-tamanco
Boraginaceae	<i>Cordia verbenaceae</i>	Erva-baleeira
Cactaceae	<i>Cereus uruguayanus</i>	Tuna / Cardeiro
	<i>Opuntia arechavaletaia</i>	Palma / Tuna
Cecropiaceae	<i>Cecropia catharinensis</i>	Caixeta-do-campo
Celastraceae	<i>Maytenus cassineformis</i>	Coração-de-bugre
Compositae	<i>Baccharis pseudotridentata</i>	Vassourão
	<i>Eupatorium tremulum</i>	Chirca-do-banhado
Ebenaceae	<i>Diospyrus inconstans</i>	Maria-preta
Erythroxylacea	<i>Erythroxylum argentinum</i>	Cocão / Rebenqueira
Euphorbiaceae	<i>Actinostemon concolor</i>	Laranjeira-do-mato
	<i>Sapium glandulatum</i>	Leiteiro / Toropi
	<i>Sebastiania brasiliensis</i>	Branquilha
	<i>Sebastiania commersoniana</i>	Branquilha
Flacourtiaceae	<i>Casearia decandra</i>	Guassatunga / Canelinha-de-veado
	<i>Casearia sylvestris</i>	Chá-de-bugre
	<i>Xylosma prockia</i>	Não-me-toque
Guttiferae	<i>Rheedia gardneriana</i>	Bacopari
Icacinaeae	<i>Citronella paniculata</i>	Congonha
	<i>Citronella gongonha</i>	Tamanqueira
Lauraceae	<i>Nectandra rigida</i>	Canela-amarela / Garuva
	<i>Ocotea pulchella</i>	Canelinha
	<i>Ocotea tristis</i>	Canela-do-brejo
	<i>Persea venosa</i>	Canela-sebo

Família	Espécie	Nome Comum
Leguminosae	<i>Bauhinia candicans</i>	Pata-de-vaca
	<i>Calliandra tweediei</i>	Angiquinho / Quebra-foice
	<i>Cassia corymbosa</i>	Fedegoso
	<i>Cassia occidetalis</i>	Fedegoso
	<i>Erythrina crista-galli</i>	Corticeira-do-banhado
	<i>Mimosa bimucronata</i>	Maricá
	<i>Sesbania punicea</i>	Acácia-do-banhado / Patinho
Loganiaceae	<i>Buddleja sp.</i>	Barbasco
Melastomataceae	<i>Miconia hyemalis</i>	Pixirica
Moraceae	<i>Ficus organensis</i>	Figueira
	<i>Sorocea bonplandii</i>	Sincho
Myrsinaceae	<i>Rapanea lorentziana</i>	Capororoca
	<i>Rapanea parvifolia</i>	Capororoquinha
	<i>Rapanea umbellata</i>	Capororocão
Myrtaceae	<i>Blepharocalyx salicifolius</i>	Murta
	<i>Calyptranthes concinna</i>	Guamirim
	<i>Campomanesia aurea</i>	Guabirobinha
	<i>Eugenia hiemalis</i>	Guamirim / Batinga-branca
	<i>Eugenia uruguayensis</i>	Batinga-branca
	<i>Gomidesia palustris</i>	Guamirim
	<i>Hexachlamis edulis</i>	Pessegueiro-do-mato
	<i>Myrcia glabra</i>	Ubá
	<i>Myrcia multiflora</i>	Cambuí
	<i>Myrcianthes gigantea</i>	Araçá-do-mato / Goiaveira
	<i>Myrrhinium loranthoides</i>	Pau-ferro
<i>Psidium cattleianum</i>	Araçazeiro	
Nyctaginaceae	<i>Guapira opposita</i>	Maria-mole
Oenotheraceae	<i>Ludwigia sp.</i>	
Palmae	<i>Geonoma schottiana</i>	Guaricana
	<i>Syagus romanzoffiana</i>	Coqueiro / Jerivá
Rhamnaceae	<i>Colletia exserta</i>	Quina
	<i>Scutia buxifolia</i>	Coronilha
Rubiaceae	<i>Guettarda uruguayensis</i>	Veludinho
	<i>Randia armata</i>	Limoieiro-do-mato
Rutaceae	<i>Zanthoxylum hyemale</i>	Coentrilho
Santalaceae	<i>Iodina rhombifolia</i>	Cancorosa
Sapindaceae	<i>Allophyllus edulis</i>	Chale-chale
	<i>Cupania vernalis</i>	Camboatá
	<i>Dodonaea viscosa</i>	Vassoura-vermelha
Sapotaceae	<i>Bumelia obtusifolia</i>	Espinheiro
	<i>Chrysophyllum marginatum</i>	Terra-seca / Batinga -vermelha
Solanaceae	<i>Cestrum sp.</i>	Coerana
	<i>Solanum erianthum</i>	Fumo-brabo
	<i>Solanum inaequale</i>	Canema
Styracaceae	<i>Styrax leprosum</i>	
Symplocaceae	<i>Symplocos uniflora</i>	Sete-sangrias
Thymeleaceae	<i>Daphnopsis racemosa</i>	Imbira
Ulmaceae	<i>Celtis spinosa</i>	Taleira, laranjinha
Verbenaceae	<i>Cytharexylum myrianthum</i>	Tucaneira / Tarumã-do-molhado
	<i>Vitex megapotamica</i>	Tarumã

3.2. Fauna

3.2.1. Zooplâncton

Os organismos zooplanctônicos pertencem a duas categorias básicas: o holoplâncton, que inclui os organismos que passam todo seu ciclo de vida como membros do plâncton e o meroplâncton, representado por ovos, larvas e juvenis de muitos animais, que apresentam apenas parte do seu ciclo vital no plâncton (Omori & Ikeda 1984 apud Knak, 1999). Os representantes mais numerosos do holoplâncton são geralmente os copépodos, pequenos crustáceos que possuem um papel central na teia alimentar aquática.

De acordo com Knak (1999), a fauna zooplanctônica da Lagoa do Peixe caracteriza-se principalmente pela presença do copépodo estuarino e costeiro *Acartia tonsa* (adultos, copepoditos e náuplius) e por copépodos e cladóceros de água doce provenientes de arroios que desaguam na mesma. A partir da abertura da barra, espécies marinhas apareceram em pouca quantidade. Possivelmente, *Acartia tonsa* seja a principal dieta de larvas e peixes zooplanctófagos da Lagoa do Peixe.

A tabela a seguir representa os filum, famílias e espécies de organismos zooplanctônicos, registrados para a Lagoa do Peixe, informando ainda a sua origem. Foi elaborada a partir de consultas em Knak (1999).

Filo	Família	Espécie	Origem
Cnidaria	Agalmidae	<i>Stephanomia bijuga</i>	Marinha
	Daphniidae	<i>Simocephalus serrulatus</i>	Água Doce
	Macrothricidae	<i>Echinisca triserealis</i>	
	Chydoridae	<i>Pleurosus aduncus</i>	Água Doce
		<i>Chydorus sphaericus</i>	Água Doce
		<i>Alona monacantha</i>	Água Doce
		<i>Leydigia quadrangularis</i>	Água Doce
Arthropoda...	Eucalanidae	<i>Eucalanus pileatus</i>	Marinha
	Paracalanidae	<i>Paracalanus parvus</i>	Marinha
	Centropagidae	<i>Centropages velificatus</i>	Marinha
	Acartiidae	<i>Acartia tonsa</i>	Marinha
	Oithonidae	<i>Oithona nana</i>	Marinha
	Cyclopidae	<i>Metacyclops mendocinus</i>	Água Doce

...Arthropoda	Corycaeidae	<i>Corycaeus amazonicus</i>	Água Doce
		<i>Centropages velificatus</i>	Marinha
	Balanidae	Nauplius de Balanus sp.	Marinha
		Cypris de Balanus sp.	Marinha
Chaetognatha	Sagittidae	<i>Sagitta tenuis</i>	Marinha

3.2.2. Macrozoobentos

Os macroinvertebrados bentônicos constituem parte importante da fauna das lagoas costeiras. A sua participação nos povoamentos dos planos de águas rasas é de grande destaque, chegando algumas espécies a atingir altas densidades. É significativa a participação desses organismos na permeabilidade e movimentação dos sedimentos, bem como na alimentação de crustáceos, peixes e aves.

Habitam em sua maioria, as camadas superficiais do substrato, e alguns são indicadores das condições biológicas desse ambiente.

Resende & Leenwenberg (1987) e Resende (1988) destacam a relevância do bentos local como recurso alimentar básico para as aves residentes e migratórias.

De acordo com Knak (1999), a macrofauna bentônica da Lagoa do Peixe possui componentes típicos dos ambientes formadores do ecossistema lagunar. Sua composição específica caracteriza-se por apresentar um número maior de táxons estuarinos (nas áreas submetidas a condições mixohalinas) e marinhos (nos locais próximos à desembocadura) em comparação aos dulceaquícolas (mais restritos ao setor norte e banhados de água doce marginais à planície de inundação).

Ao longo da faixa litorânea do PARNA da Lagoa do Peixe, os invertebrados bentônicos ocorrem caracteristicamente nos seguintes níveis:

Mediolitoral - nesta faixa da praia, também conhecida por zona intermareal, praticamente desaparecem as espécies de origem terrestre, substituídas por aquelas que dependem diretamente do mar para sua sobrevivência. Foi possível distinguir aqui, um nível superior, ocupado pelos isópodes carnívoros *Excirolana armata* e os poliquetas sedimentívoros *Euzonus furciferus*, e um nível inferior caracterizado pelo poliqueta *Spio gaucha*, espécie suspensívoro-detritívora que alcança grandes densidades, especialmente nos meses de verão. O organismo mais conhecido, no entanto,

é o marisco branco, *Mesodesma mactroides*, que se constitui no invertebrado dominante em termos de biomassa.

Zona de Varrido - esta zona, que é bastante característica em praias com pouca declividade, desloca-se continuamente, acompanhando o movimento das marés. Em conseqüência, sua fauna característica é constituída por aqueles organismos que realizam migrações mareais. Estes são representados no local pelos suspensívoros *Emerita brasiliensis* (tatuí ou tatuíra) e *Donax hanleyanus* (maçambique, berbigão ou berberecho), espécies que, como o marisco branco, também alcançam elevados valores em densidade, produção e biomassa, sendo de grande importância no ecossistema local (Gianuca 1983, 1985 apud Knak, 1999). Outras espécies comuns, porém não exclusivas desta zona, são os anfípodes *Bathyporeiapus ruffoi*, *B. bisetosus* e *Phoxocephalopsis zimmeri* e os poliquetas predadores *Sigalion cirriferum* e *Hemipodus olivieri*, cuja distribuição se estende aos fundos arenosos infralitorais da zona de arrebenção. As grandes concentrações de invertebrados na zona de varrido representam um importante recurso alimentar para várias aves litorâneas, tanto residentes como migratórias (Gianuca 1988 apud Knak, 1999).

Zona de Arrebenção - na maioria das praias arenosas expostas, como as do Parque, é característica a existência de um ou mais bancos submersos, os quais nada mais são do que cordões arenosos que se estendem paralelamente à costa em pouca profundidade. Aí ocorre a quebra das ondulações provenientes de mar aberto, estabelecendo-se uma faixa de extensão variável e de grande dinamismo e turbulência chamada zona de Arrebenção. Amostragens realizadas nesta zona revelaram a presença de exemplares do bivalve *Donax gemmula* e relativa abundância do isópode *Macrochiridothea giambiagiae*, duas espécies bem características deste nível. Outros organismos abundantes foram os gastrópodes carnívoros *Olivancillaria auricularia* e *Buccinanops duartei*, e os crustáceos *Arenaeus cribarius* (siri-chita) e *Artemesia longinaris* (camarão-barba-russa).

A tabela a seguir representa as classes, famílias e espécies de organismos macrozoobentônicos, registrados para o PARNA da Lagoa do Peixe, e foi elaborada a partir de consultas em Knak & Capítoli (1991), Santos et al. (1997, 2000), Knak (1999), Loebmann (2004) e Bemvenuti & Rosa-Filho (BDT - artigo publicado na internet).

Classe	Família	Espécie	Nome Comum
Gastropoda	Hidrobiidae	<i>Heleobia australis</i>	
		<i>Littoridina charruana</i>	
	Ampullaridae	<i>Pomacea canaliculata</i>	
	Olividae	<i>Olivancillaria auricularia</i>	
Pelecypoda	Buccinidae	<i>Buccinanops duartei</i>	
	Mesomastidae	<i>Mesodesma mactroides</i>	Marisco-branco
		Donacidae	<i>Donax hanleyanus</i>
		<i>Donax gemula</i>	
Polychaeta	Nereidae	<i>Laeonereis acuta</i>	
		<i>Neanthes succinea</i>	
		<i>Neanthes bruaca</i>	
	Nephtyidae	<i>Nephtys fluviatilis</i>	
	Capitellidae	<i>Heteromastus similis</i>	
	Opheliidae	<i>Euzonus furciferus</i>	
	Spionidae	<i>Spio gaucha</i>	
	Sigalionidae	<i>Sigalium cirriferum</i>	
	Glyceridae	<i>Hemipodus olivieri</i>	
Crustácea...	Lumbrinereidae	<i>Lumbrineris sp.</i>	
	Diogenidae	<i>Loxopagurus loxochelis</i>	
		Tanaidae	<i>Tanais stanfordi</i>
	Mysidae	<i>Metamysidopsis munda</i>	
		<i>Neomysis americana</i>	
	Penaeidae	<i>Farfantepenaeus paulensis</i>	Camarão-rosa
		<i>Artemesia longinaris</i>	Camarão barba-russa
	Grapsidae	<i>Cyrtograpsus angulatus</i>	Caranguejo- aranha
		<i>Metasesarma rubripes</i>	
		<i>Chasmagnatus granulata</i>	Catanhão
	Portunidae	<i>Callinectes sapidus</i>	Siri-azul
		<i>Callinectes danae</i>	
<i>Callinectes bocourti</i>			
<i>Arenaeus cribrarius</i>		Siri-chita	

Classe	Família	Espécie	Nome Comum
...Crustácea	Ocypodidae	<i>Uca uruguayensis</i>	
		<i>Ocypode quadrata</i>	Caranguejo-fantasma
	Sphaeromatidae	<i>Pseudosphaeroma mourei</i>	
	Idoteidae	<i>Macrochiridothea gianbiagiae</i>	
	Talitridae	<i>Orchestoidea brasiliensis</i>	Pulga-da-praia
	Haustoriidae	<i>Phoxocephalopsis spinosus</i>	
		<i>Phoxocephalopsis zimerii</i>	
	Oedicerotidae	<i>Bathyporeiapus ruffoi</i>	
		<i>Bathyporeiapus bisetosus</i>	
	Balanidae	<i>Balanus improvisus</i>	
	Gammaridae	<i>Melita mangrovi</i>	
	Palaemonidae	<i>Palaemonetes argentinus</i>	
	Hippidae	<i>Emerita brasiliensis</i>	Tatuí / tatuíra
	Cirolanidae	<i>Excirolana armata</i>	
		<i>Excirolana brasiliensis</i>	
		<i>Paleomonectes argentinus</i>	Obs.: Primeira ocorrência para o PARNA (Loebman 2004).
		<i>Macrobrachium borelli</i>	
	<i>Rhithropanopeus harrissii</i>		

3.2.3. Ictiofauna

De acordo com Loebmann (2004), o PARNA da Lagoa do Peixe abriga uma ictiofauna diversificada em função de apresentar uma barra intermitente, a qual permite a entrada de água salgada em um sistema constantemente alimentado por água doce, oriunda de banhados e arroios. Além das zonas límnicas e estuarina, os limites do PARNA compreendem ainda uma faixa de praia de mar, na qual a ictiofauna pode ser bastante variável de acordo com diversos fatores.

Através de amostras no sistema lagunar do PARNA, Loebmann (2004) e Loebmann e Vieira (2005) descrevem a existência de três grandes grupos ictiofaunísticos: associação de espécies de origem límnic, estuarina e marinha. Além da tendência da ictiofauna límnic ocupar os extremos, e a estuarina e marinha ocorrerem na porção central do sistema, os autores observaram que a ictiofauna coletada nos extremos em geral é representada

por indivíduos adultos, enquanto que a da porção central é representada principalmente por juvenis.

A tabela a seguir representa as famílias e espécies de peixes, registrados para o PARNA da Lagoa do Peixe, e foi elaborada a partir de consultas em Ramos (1999), Knak (1999), Loebmann (2004), Loebmann e Vieira (2005). A pesquisa pelos nomes comuns das espécies foi realizada através do site <http://www.fishbase.org>.

Família	Espécie	Nome Comum
Ariidae	<i>Genidens genidens</i>	Bagre-mandi / beicudo / guriaçú / bagre-guri / Guri sea catfish
Atherinidae	<i>Atherinella brasiliensis</i>	Charuto / peixe-rei / manjuba / piaba- dura / varapau / Brazilian silversides
	<i>Odontesthes argentinensis</i>	peixe-rei
	<i>Austroatherina incisa</i>	peixe-rei
	<i>Xenomelaniris brasiliensis</i>	peixe-rei
Bothiadae	<i>Paralichthys orbignyana</i>	linguado
	<i>Citharichthys spilopterus</i>	Linguado / língua-de-vaca / solha / Bay whiff/flounder
Callichthyidae	<i>Callichthys callichthys</i>	Tamboatá / tamuatá Cascarudo / armoured catfish / mailed catfish / hassar
	<i>Corydoras paleatus</i>	Peppered corydoras
	<i>Hoplosternum littorale</i>	Tamboatá / tamotá Hassar / atipa / brown hoplo
Carangidae	<i>Trachinotus carolinus</i>	Solteira / sereia / pampo-real / palombeta Florida pompano / Butterfish / cobblerfish
	<i>Trachinotus falcatus</i>	pampo
	<i>Trachinotus marginatus</i>	Pampo malhado / pampo pintado / solteira Plata pompano / southern pompano
	<i>Selene vomer</i>	Galo bandeira / galo da costa / galo proa de bote / galo verdadeiro / abatucaia Lookdown / horsehead
	<i>Uraspis secunda</i>	Cara de gato / xaréu algodão / Cottonmouth jack
Carcharhinidae	<i>Mustelus schmitti</i>	cação
Centropomidae	<i>Centropomus ensiferus</i>	robalo
	<i>Centropomus parallelus</i>	Camurim / robalo-peva / robalo Fat snook / river snook / robalo / snook

Família	Espécie	Nome Comum
Characidae	<i>Hyphessobrycon igneus</i>	
	<i>Hyphesobrycon boulengeri</i>	lambari
	<i>Hyphesobrycon luetkenii</i>	
	<i>Hyphessobrycon meridionalis</i>	
	<i>Oligosarcus jenynsii</i>	Branca / tambica / tambicú / dentudo
	<i>Oligosarcus robustus</i>	Branca / tambica / tambicu
	<i>Cianocharax alburnus</i>	Lambari
	<i>Astyanax jacuhiensis</i>	Lambari
	<i>Astyanax fasciatus</i>	Lambari / Banded astyanax / mexican tetra
	<i>Astyanax bimaculatus</i>	Lambari / machadinha / piaba chata Twospot astyanax / sardine doree / two spotted sardine
	<i>Astyanax eingemanniorum</i>	Lambari
	<i>Mimagoniates inequalis</i>	Lambari / Croaking tetra
	<i>Cheirodon ibicuiensis</i>	Lambari
	<i>Cheirodon interruptus</i>	Lambari / Uruguay tetra
	<i>Characidium rachovii</i>	
<i>Pseudocorynopoma doriae</i>	Lambari bandeira / Dragonfin tetra	
Cichlidae	<i>Geophagus brasiliensis</i>	Acará / acará-topete / cará / caratinga / Pearl cichlid
	<i>Gymnogeophagus rhabdotus</i>	cará
	<i>Cichlasoma facetum</i>	Castanhola / chanchito Chameleon cichlid / chanchito
	<i>Cichlasoma portalegrense</i>	
	<i>Crenicichla lepidota</i>	Guensa-verde / joana Pike cichlid
Clupeidae	<i>Platanichthys platana</i>	River Plate sprat
	<i>Brevoortia pectinata</i>	Borboleta / sardinha / savelha Argentine menhaden
	<i>Harengula clupeola</i>	Sardinha / sardinha cascuda /sardinha lage False herring / blackbill sprat / false pilchard
	<i>Sardinella aurita</i>	Maromba / sardinha-verdadeira / sardinha Round sardinella / spanish sardine
Curimatidae	<i>Cyphocarax voga</i>	
	<i>Cyphocarax saladensis</i>	
Eleotridae	<i>Dormitator maculatus</i>	Barrigudo / cundundé / Dorminhoco / Fat sleeper
	<i>Eleotris pisonis</i>	Peixe-macaco / amoré-preto / Spinycheek sleeper

Família	Espécie	Nome Comum
Elopidae	<i>Elops saurus</i>	Ubarana / tijubarana / juruma / Ubarana / tijubarana / juruma
	<i>Albula nemoptera</i>	Ubarana-focinho-de-rato / Threadfin bonefish / shatled bonefish
Engraulidae	<i>Lycengraulis grossidens</i>	Sardinha manjuba / manjubão / arenque-branco / pitinga Atlantic sabretooth anchovy / toothed anchovy / anchovy
	<i>Lycengraulis simulator</i>	manjuba
	<i>Engraulis anchoita</i>	anchoita
	<i>Anchoa marinii</i>	Arenque / anchoveta / manjuba Marini's anchovy
Erythrinidae	<i>Hoplias malabaricus</i>	Traíra / traítinga / lobó Trahira / tigerfish
Gobidae	<i>Awaous tajasica</i>	Sand fish / river goby
	<i>Gobionellus smaragdus</i>	
	<i>Gobionellus shufeldti</i>	American freshwater goby
	<i>Gobionellus oceanicus</i>	Corongo / milonga / maria-da-toca / mororó Highfin goby
Gadidae	<i>Urophycis brasiliensis</i>	Abrótea / brota Brazilian codling / hake
Gerreidae	<i>Eucinostomos argenteus</i>	Carapeba / carapicu / escrivão Silver mojarra / spotfin mojarra
Jenynsiidae	<i>Jenynsia multidentata</i>	Rio de la Plata onesided livebearer
	<i>Jenynsia lineata</i>	barrigudinho
Lobotidae	<i>Lobotes surinamensis</i>	prejereba
Loricaridae	<i>Loricariichthys anus</i>	casculo
Mugilidae	<i>Mugil gaimardianus</i>	Tainha
	<i>Mugil platanus</i>	Curimã / tainha / tainhota / tapiara
	<i>Mugil curema</i>	Tainha / parati White mullet / blueback mullet
	<i>Mugil liza</i>	tainha
	<i>Mugil hospes</i>	tainha
Pimelodidae	<i>Pimelodella australis</i>	
	<i>Pimelodella breviceps</i>	
	<i>Rhamdia quelen</i>	Bagre sapo / jundiá Silver catfish
Pleuronectidae	<i>Oncopterus darwini</i>	linguado-remo
Pomatomidae	<i>Pomatomus saltatrix</i>	Enchova / Anchova
Poeciliidae	<i>Phalloceros caudimaculatus</i>	Dusky millions fish / spottail mosquitofish
	<i>Phalloplychus januarius</i>	
	<i>Cnesterodon decemmaculatus</i>	Ten spotted live-bearer
Rhinobatidae	<i>Rhinobatos horkelii</i>	raia-viola
Serranidae	<i>Epinephelus marginatus</i>	
	<i>Mycteroperca acutirostris</i>	

Família	Espécie	Nome Comum
Sciaenidae	<i>Menticirrhus littoralis</i>	papa-terra
	<i>Menticirrhus americanus</i>	papa-terra
	<i>Micropogonias furnieri</i>	Corvina / cascote / cascuda Whitemouth croaker / hardhead / Whitemouth drummer
	<i>Cynoscion striatus</i>	pescada-olhuda
	<i>Macrodom ancylodon</i>	pescadinha
	<i>Paralanchurus brasiliensis</i>	maria-luiza
	<i>Pogonias cromis</i>	Miraguaia / perombeba / vaca / borriquete Black drum / sea drum
	<i>Umbrina canosai</i>	castanha
	<i>Stellifer brasiliensis</i>	Cangoá / boca-de-rato / cabeçudo
	<i>Stellifer rastrifer</i>	
	<i>Ctenosciaena gracilicirrhus</i>	
Soleidae	<i>Achirus garmani</i>	linguado-lixo
Sphyrnidae	<i>Sphyrna lewini</i>	caçõo-martelo
Sternopygidae	<i>Eigenmannia virescens</i>	tuvira Glass knifefish / green knifefish
Torpedinidae	<i>Narcine brasiliensis</i>	raia-elétrica
Trichiuridae	<i>Trichiurus lepturus</i>	peixe-espada
Triglidae	<i>Prionotus punctatus</i>	cabrinha
Uranoscopidae	<i>Astrospocus sespinosus</i>	miraceu

3.2.4. Anfibiofauna

De acordo com Loebmann e Vieira (2005b), todas as espécies encontradas na área do PARNA da Lagoa do Peixe são típicas do Rio Grande do Sul e ocorrem em toda a Planície Costeira do Estado. Os autores afirmam que as espécies mais abundantemente capturadas foram *Physalemus biligonigerus* e *Bufo arenarum*, sendo que a segunda foi a única que ocorreu nos três tipos de ambientes estudados (área de campo e banhados, área de dunas e praia oceânica).

A tabela a seguir representa as famílias e espécies de anfíbios, registrados para o PARNA da Lagoa do Peixe, e foi elaborada a partir de consultas em Knak (1999) e Loebmann e Vieira (2005b).

Família	Espécie	Nome Comum
Bufonidae	<i>Bufo dorbignyi</i>	sapo
	<i>Bufo arenarum</i>	sapinho-preto
Hylidae	<i>Hyla minuta</i>	perereca
	<i>Hyla eringiophila</i>	perereca-dos-gravatás
	<i>Hyla sanborni</i>	perereca
	<i>Hyla puelchella puelchella</i>	perereca-comum
	<i>Scianax squalirostris</i>	perereca
	<i>Pseudis minuta</i>	perereca
Leptodactylidae	<i>Odontophrynus americanus</i>	rã
	<i>Leptodactylus gracilis</i>	rã
	<i>Leptodactylus ocellatus</i>	rã-comum
	<i>Leptodactylus prognathus</i>	rã
	<i>Physalemus biligonigerus</i>	rã
	<i>Physalemus gracialis</i>	rã
	<i>Pseudopaludicola falcipes</i>	rã

3.2.5. Répteis Marinhos

A tabela a seguir representa as famílias e espécies de tartarugas marinhas, registradas para a região de praia do PARNA da Lagoa do Peixe, e foi elaborada a partir de consultas em Knak (1999).

Família	Espécie	Nome Comum
Cheloniidae	<i>Caretta caretta</i>	Tartaruga cabeçuda / Tartaruga-meio- pente
	<i>Chelonia mydas</i>	Tartaruga-verde
Dermochelidae	<i>Dermochelys coriaces</i>	Tartaruga-de-couro

3.2.6. Répteis terrestres e de água doce

A tabela a seguir representa as famílias e espécies de répteis terrestres e de água doce, registradas para o PARNA da Lagoa do Peixe, e foi elaborada a partir de consultas em Knak (1999).

Família	Espécie	Nome Comum
Anguidae	<i>Ophiodes striatus</i>	cobra-de-vidro
Chelidae	<i>Hydromedusa tectifera</i>	cágado-do-pescoço-comprido
	<i>Platemis spixii</i>	cágado-preto
Colubridae	<i>Liophis sp.</i>	jararaquinha-do-campo
	<i>Lystrophis dorbignyi</i>	jararaca-nariguda
	<i>Mastigodryas bifossatus</i>	
	<i>Bifossatus</i>	jararaca-do-banhado
	<i>Phylodryas olfersii</i>	cobra-verde
	<i>Phylodryas patagoniensis</i>	parelheira
Crocodylidae	<i>Caiman latirostris latirostris</i>	jacaré-do-papo-amarelo
Iguanidae	<i>Liolaemus sp.</i>	lagartixa-da-areia
Teiidae	<i>Tupinambis rufescens</i>	lagarto
Testudinidae	<i>Chrysemys dorbigny brasiliensis</i>	
	<i>Brasiliensis</i>	tartaruga-verde-amarela
Typhlonectidae	<i>Chthonerpeton indistinctum</i>	cobra-cega

3.2.7. Mamíferos Terrestres

A região é caracterizada pela ausência de grandes mamíferos terrestres, sendo os consumidores de maior porte representados pelos herbívoros *Hydrochaeris hydrochaeris* (capivara), *Myocastor coypus bonariensis* (rato-do-banhado), estes associados aos banhados permanentes e *Procyon cancrivorus* (mão-pelada), associado aos subsistemas transicionais de mata de restinga.

Encontra-se também na área do PARNA, *Ctenomys flamarioni* (tucotuco), *Dusicyon sp.* (graxain), *Galictis cuja* (furão), *Conepatus chinga* (zorrilho) e *Dasyus novencinctus* (tatu-galinha) (Tagliani, 1995).

O único mamífero terrestre estudado quanto à ecologia na área do Parque Nacional da Lagoa do Peixe foi *Lontra longicaudis* (lontra). (Collares e

Waldemarin, 1996 e Waldemarin, 1997). De acordo com os autores, a presença de lontras só foi verificada nas lagoas dulcícolas Pai João e Veiana.

A tabela a seguir representa as famílias e espécies de mamíferos terrestres, registrados para o PARNA da Lagoa do Peixe, e foi elaborada a partir de consultas em Tagliani (1995), Collares e Waldemarin (1996), Waldemarin (1997) e Knak (1999).

Família	Espécie	Nome Comum
Canidae	<i>Pseudalopex gymnocercus</i>	Graxaim-do-campo
Caviidae	<i>Cavia aperea</i>	preá
Ctenomyidae	<i>Ctenomys torquatus</i>	tuco-tuco
	<i>Ctenomys flamarioni</i>	tuco-tuco
Dasypodidae	<i>Dasypus hybridus</i>	tatu-mulita
	<i>Dasypus novencinctus</i>	tatu-galinha
	<i>Dasypus septemcinctus</i>	tatuí
	<i>Euphractus sexcinctus</i>	tatu-peludo
Didelphidae	<i>Didelphis albiventris</i>	gambá
	<i>Lutreolina crassicaudata</i>	cuíca
Erethizontidae	<i>Coendou villosus</i>	ouriço-caixeiro
Felidae	<i>Oncifelis geoffroy geoffroy</i>	gato-do-mato-grande
Hydrochaeridae	<i>Hydrochaeris</i>	capivara
	<i>hydrochaeris</i>	
Procionidae	<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada
Myocastoridae	<i>Myocastor coypus</i>	ratão-do-banhado
Mustelidae	<i>Lontra longicaudis</i>	lontra
	<i>Conepactus chinga</i>	zorrilho
	<i>Galictis cuja</i>	furão

3.2.8. Mamíferos Marinhos

Segundo Pinedo (com. pes.) as espécies que ocorrem na área do Parque Nacional da Lagoa do Peixe são as mesmas registradas para a costa do Rio Grande do Sul e do Brasil devido a estas possuírem grande mobilidade.

Das aproximadamente 78 espécies de cetáceos conhecidas no mundo e 13 de pinípedes endêmicos da América do Sul e Antártica, 15 e 6, respectivamente, ocorrem ao longo da costa do Rio Grande do Sul, incluindo a região costeira do PARNA da Lagoa do Peixe (Pinedo et al., 1992; Pinedo, 1994; Pinedo & Barreto, 1994; Bassoi et al., 1996; Zerbini & Secchi, 1996 e Pinedo, 1997 apud Knak, 1999).

A tabela a seguir representa as famílias e espécies de mamíferos marinhos que ocorrem ao longo da costa do Rio Grande Sul, e foi elaborada a partir de consultas em Knak (1999).

Família	Espécie	Nome Comum
Delphinidae	<i>Delphinus delphis</i>	golfinho-comum
	<i>Stenella attenuata</i>	golfinho-pintado-dos-trópicos
	<i>Stenella coeruleoalba</i>	golfinho-estriado
	<i>Steno bredanensis</i>	golfinho-de-dentes rugosos
	<i>Tursiops truncatus</i>	golfinho-nariz-de-garrafa
	<i>Pseudorca crassidens</i>	falsa-orca
	<i>Orcinus orca</i>	orca
	<i>Grampus griseus</i>	golfinho-cinza
	<i>Globicephala melas</i>	baleia-piloto-de-peitoral-longa
Otariidae	<i>Otaria flavescens</i>	leão-marinho
	<i>Arctocephalus australis</i>	lobo-marinho-do-sul
	<i>Arctocephalus tropicalis</i>	lobo-marinho-sub-antártico
	<i>Arctocephalus gazella</i>	lobo marinho antártico
Phocidae	<i>Mirounga leonina</i>	elefante-marinho-do-sul
	<i>Hydrurga leptonyx</i>	foca-leopardo
Phocoenidae	<i>Phocoena spinipennis</i>	golfinho-espinhoso

Physeteridae	<i>Kogia breviceps</i>	cachalote-pigmeu
	<i>Kogia simus</i>	cachalote-anão
Pontoporiidae	<i>Pontoporia blainvillei</i>	toninha ou franciscana
Ziphiidae	<i>Mesoplodon hectori</i>	baleia-bicuda-de-Hector
	<i>Ziphius cavirostris</i>	baleia-bicuda-de-Cuvier

3.9. Aves

A Lagoa do Peixe constitui-se em uma das áreas mais ricas em aves aquáticas da América do Sul, contando com uma grande diversidade de espécies residentes nidificantes, em trânsito e invernantes (Antas et al., 1986 apud Tagliani, 1995).

Resende (1988) considera a Lagoa do Peixe como área crítica para várias espécies de maçaricos e batuíras, que utilizam a região como ponto de parada na sua rota migratória.

Estão listadas para o Parque Nacional da Lagoa do Peixe 181 espécies de aves, entre residentes e visitantes dos Hemisférios Norte (26 espécies) e Sul (5 espécies) (Nascimento, 1995).

Como exemplos das espécies migratórias do Hemisfério Norte, tem-se os maçaricos *Limosa haemastica*, *Calidris canutus*, *Calidris fuscicollis*, *Calidris alba* e *Calidris pusilla*.

Estima-se que 30% da população mundial de *Limosa haemastica*, espécie altamente vulnerável, encontra-se na Lagoa do Peixe entre outubro e abril. Essa espécie de habitat muito específico utiliza lagoas com salinidade e pH altos, ou praias costeiras com tais características. A Lagoa do Peixe é um dos poucos locais do mundo, onde se pode observá-las rotineiramente em grandes números, durante a migração para o Norte, com picos de passagem em março. Utiliza o local na migração para o sul, como observado nos meses de outubro/novembro. As contagens obtidas em novembro e dezembro devem refletir a passagem das aves juvenis, cuja migração para o sul é um pouco mais atrasada do que a dos adultos, conforme já foi verificado na Argentina (Harrington et al., 1993 apud Nascimento, 1995).

Calidris canutus com várias áreas de invernada no continente sul-americano, tem a Lagoa do Peixe como principal ponto de parada no Brasil, para alimentação e repouso na migração de retorno ao Ártico, vindo da Argentina. A maior parte das aves chega ao local em março onde realizam mudas das penas de contorno e adquirem a maior parte de sua plumagem reprodutiva, antes de seguir rumo ao norte. A migração de retorno ao Ártico inicia-se ao final de abril, e/ou meados de maio. Realizam vôos longos com poucas paradas intermediárias. (Antas & Nascimento, 1990 apud Nascimento, 1995).

Calidris fuscicollis usam a Lagoa do Peixe entre outubro e abril, não unicamente para descanso como ponto de parada, mas também para obter o alimento requerido e necessário no processo de troca de penas de contorno (muda), seja para adquirir plumagem de repouso sexual, intermediário e reprodutivo (Resende, 1988 e Nascimento, 1995).

Calidris alba migra principalmente ao longo das costas marítimas do continente, reproduz-se na região mais setentrional, quase toda situada acima do Círculo Polar Ártico. De migração rápida, na última semana de abril até a segunda quinzena de maio podem ainda serem observados adultos reprodutores no Rio Grande do Sul, enquanto sua reprodução ocorre entre junho e julho. É uma das espécies que primeiro chegam à costa gaúcha e uma das últimas a retornar ao Hemisfério Norte. No PARNA da Lagoa do Peixe adquirem plumagem reprodutiva a partir do final de março e meados de abril. As aves dobram o peso antes de reiniciarem a rápida migração para o norte, sabendo-se através da recuperação de anilhas que as aves da Lagoa do Peixe chegam à costa americana, entre Nova Jersey e Carolina, no final de maio (Nascimento, 1995).

Calidris pusilla, chega ao país entre agosto e setembro, concentrando-se principalmente na parte norte do país. Pequenos bandos associados à *Calidris fuscicollis* são, no entanto, observados no Rio Grande do Sul (Antas & Nascimento, 1988 apud Nascimento, 1995).

Sterna hirundo (Trinta-réis-boreal) tem populações que invernam no Brasil, provenientes das colônias de reprodução da costa leste norte-americana, canadense e região dos Grandes Lagos, desde a foz do rio São Lourenço (Canadá) até Nova Iorque, com a maior parte nascida na colônia de Great Gulf Island e colônias menores na baía ao norte da cidade de Nova Iorque. Chegam ao norte do Brasil em setembro e, à costa do Rio Grande do

Sul, em novembro. A migração para o Hemisfério Norte inicia em abril. Muitos jovens e adultos que não irão reproduzir naquele ano, permanecem no Brasil até que estejam aptos à reprodução. A Lagoa do Peixe é citada como importante local de muda e ganho de peso para a população.

Do Cone Sul do continente, considerados visitantes do verão austral, temos as batuíras *Charadrius falklandicus*, *Zonibyx modestus* e *Oreopholus ruficollis*.

Charadrius falklandicus, migrante do Sul oriundo principalmente da Patagônia, Ilhas Falklands, é considerado visitante comum no local (Belton, 1994). Alguns indivíduos utilizam a área para reprodução em outubro, com densidade relativamente baixa na primavera e meados do verão austral, aumentando a partir de janeiro, março e abril (Resende e Leuweenberg, 1989).

Espécie típica de pastagens e campos na América do Sul, *Oreopholus ruficollis* é encontrada desde a Terra do Fogo até Lambayeque no Peru. Com reprodução entre setembro e outubro, sua movimentação é ainda pouco conhecida, sendo observados em pequenos números na região do Parque, entre dezembro e agosto.

Charadrius modestus, ave visitante da Patagônia, é relativamente comum nas regiões da praia e campos alagados no Parque, distribuindo-se nas áreas à oeste da Barra da Lagoa do Peixe. Sua chegada ocorre em abril, geralmente associada às frentes frias, mais fortes nesse período, habitando preferencialmente as áreas com vegetação de águas salinas e salobras.

O Parque Nacional da Lagoa do Peixe é ainda o único local no Brasil, onde podem ser observados o ano inteiro, bandos de flamingos *Phoenicopiterus chilensis* e *Phoenicoparrus andinus* (Antas, 1990 apud Nascimento, 1995).

Nos extremos norte e sul do Parque concentram-se milhares de aves aquáticas ligadas a ambiente de água doce, como por exemplo, a marrecapiadeira *Dendrocygna viduata*, marrecacaneleria *Dendrocygna bicolor*, o marrecão *Netta peposaca*, marrecapardinha *Anas flavirostris* e parda *Anas georgica*. Esta última encontra no PARNA da Lagoa do Peixe um de seus principais pontos de concentração.

O local é também importante área de reprodução e desasagem (muda das penas de vôo) de cisnes-de-pescoço-preto *Cygnus melanocoryphus* e capororocas *Coscoroba coscoroba*, espécies ameaçadas de extinção, segundo

a Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (Bernardes 1990 apud Nascimento 1995).

As matas do cordão de dunas fósseis do oeste do Parque abrigam uma avifauna ligada a um ambiente florestal muito significativo do sul do Brasil. Nelas estão desde espécies insetívoras e frutívoras. Uma parte importante das aves deste ambiente está ligada ao clima temperado do sul do continente, encontrando nas matas litorâneas do Estado o seu limite norte de distribuição.

A tabela a seguir representa as famílias e espécies de aves registradas para o PARNA da Lagoa do Peixe, bem como o seu *Status* (ver legenda ao final da tabela), conforme descrito por Nascimento (1995). Foi elaborada a partir de consultas em Resende e Leeuwenberg (1987), Resende (1988), Belton (1994), Nascimento (1995), Novelli (1997) e Knak (1999).

Família	Nome específico	Nome comum	Status
Podicipedidae	<i>Podiceps rolland</i>	Mergulhão-orelhas-brancas / Mergulhão-de-cara-branca / White-tufted Grebe	R
	<i>Podiceps major</i>	Mergulhão-grande / Great-Grebe	R
	<i>Podilymbus podiceps</i>	Mergulhão / Pied-billed Grebe	R
Diomedidae	<i>Diomedea melanophris</i>	Albatroz-de-sobrancelha / Black-browed Albatross	P
	<i>Diomedea cauta</i>	Albatroz-arisco / Shy Albatross	PV
Procellariidae	<i>Macronectes giganteus</i>	Pardelão-gigante / Giant Fulmar	P
	<i>Fulmarus glacialis</i>	Pardelão-prateado / Southern Fulmar	P
	<i>Pachyptila vittata</i>	Faigão-de-bico-largo / Broad-billed Prion	P
	<i>Procellaria aequinoctialis</i>	Pardela-preta / White-chinned Petrel	P
Hydrobatidae	<i>Oceanites oceanicus</i>	Alma-de-mestre / Wilson's Storm Petrel	P
Sphenicidae	<i>Spheniscus magellanicus</i>	Pinguim-de-magalhães / Magellanic Penguin	P
Phalacrocoracidae	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	Biguá / Neotropic Cormorant	R

Família	Nome específico	Nome comum	Status
Ardeidae	<i>Ardea cocoi</i>	Garça-moura / Socó-grande / White-necked Heron	R
	<i>Casmerodius albus</i>	Garça-branca-grande / Great Egret	R
	<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena / Snowy Egret	R
	<i>Butorides striatus</i>	Socozinho / Green Striated Heron	R
	<i>Nycticorax nycticorax</i>	Savacu / Black-crowned Night-Heron	R
	<i>Ixobrychus involucris</i>	Socoí-amarelo / Stripe-backed Bitten	R
	<i>Botaurus pinatus</i>	Socó-boi-baio / Pinnated Bittern	M
Threskiornithidae	<i>Phimosus infuscatus</i>	Maçarico-de-cara-pelada / Chapéu-velho / Bare-faced Ibis	R
	<i>Plegadis chihi</i>	Maçarico-preto / White-faced Íbis	R
	<i>Platalea ajaja</i>	Colhereiro / Espátula-rosada / Roseate Spoonbill	M
Ciconidae	<i>Mycteria americana</i>	Cabeça-seca / Wood Stork	M
	<i>Ciconia maguari</i>	João-grande, Maguari Stork	R
Cathartidae	<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-de-cabeça-preta / Black Vulture	R
Phoenicopteridae	<i>Phoenicopterus chilensis</i>	Flamingo / Chilean Flamingo	S
	<i>Phoenicopterus andinus</i>	Flamingo-andino, Andean Flamingo	V
Anatidae...	<i>Dendrosygna bicolor</i>	Marreca-caneleira / Fulvuos Whistling-Duck	R
	<i>Dendrosygma viduata</i>	Marreca-piadeira / Irerê / White-faced Whistling-Duck	R
	<i>Coscoroba coscoroba</i>	Capororoca / Coscoroba Swan	R
	<i>Cygnus melancoryphus</i>	Cisne-de-pescoço-preto / Black-necked Swan	R
	<i>Anas flavirostris</i>	Marreca-pardinha / Speckled Teal	R
	<i>Anas georgica</i>	Marreca-parda / Yellow-billed Pintail	S
	<i>Anas sibilatrix</i>	Marreca-oveira / Southern Wigeon	R

Família	Nome específico	Nome comum	Status
... Anatidae	<i>Anas versicolor</i>	Marreca cri-cri / Silver Teal	R
	<i>Netta peposaca</i>	Marrecão / Rosy-billed Pochard	M
	<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Marreca-pé-vermelho / Brazilian Duck	R
	<i>Oxyura vittata</i>	Marreca-pés-na-bunda / Lake Duck	S
	<i>Heteronetta atricapilla</i>	Marreca-de-cabeça-preta / Black-headed Duck	S
Anhimidae	<i>Chauna torquata</i>	Tachã / Tarrã / Southern Screamer	R
Accipitridae	<i>Rosthramus sociabilis</i>	Gavião-caramujeiro / Snall Kite	R
	<i>Buteo magnirostris</i>	Gavião-carijó / Roadside Hawk	R
	<i>Heterospizas meridionalis</i>	Gavião-caboclo / Savanna Hawk	R
Falconidae	<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro / Yellow-headed Caracara	R
	<i>Milvago chimango</i>	Chimango / Chimango Caracara	R
	<i>Polyborus plancus</i>	Caracarã / Crested Caracara	R
	<i>Falco peregrinus</i>	Falcão-peregrino / Peregrine Falcon	N
	<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri / American Kestrel	R
Aramidae	<i>Aramus guarana</i>	Carão / Limpkin	R
Rallidae	<i>Rallus sanguinolentus</i>	Saracura-do-banhado / Plumbeos Rail	R
	<i>Aramides cajanea</i>	Três-potes / Gray-necked Wood-Rail	R
	<i>Porphyriops melanops</i>	Frango-d'água-carijó / Polla Pintada / Spot-flanked Gallinule	R
	<i>Fulica armillata</i>	Carqueja-de-bico-maculado / Red-gartered Coot	R
	<i>Fulica leucoptera</i>	Carqueja-de-bico-amarelo / White-winged Coot	R
	<i>Fulica rufifrons</i>	Carqueja-de-escudo-roxo / Red-fronted Coot	R
Jacanidae	<i>Jacana jaçanã</i>	Jaçanã / Wattled Jaçanã	R
Haematopodidae	<i>Haematopus palliatus</i>	Piru-piru / American Oystercatcher	R

Família	Nome específico	Nome comum	Status
Charadriidae	<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero / Southern Lapwing	R
	<i>Pluvialis dominica</i>	Batuiruçu / Lesser Golden-Plover / American Golden-Plover	N
	<i>Pluvialis squatarola</i>	Batuiruçu-de-axila-preta / Black-bellied Plover	N
	<i>Charadrius semipalmatus</i>	Batuíra-norte-americana / Semipalmated Plover	N
	<i>Charadrius falklandicus</i>	Batuíra-de-coleira-dupla / Two-banded Plover	S
	<i>Charadrius collaris</i>	Batuíra-de-coleira / Collared Plover	R
	<i>Zonibyx modestus</i>	Batuíra-de-peito-avermelhado / Rufous-chested Dotterel	S
	<i>Oreopholus ruficollis</i>	Batuíra-de-papo-ferrugíneo / Tawny-throated Dotterel	S
Scolopacidae...	<i>Arenaria interpres</i>	Vira-pedra / Ruddy Turnstone	N
	<i>Tringa flavipes</i>	Maçarico-perna-amarela / Lesser Yellowlegs	N
	<i>Tringa melanoleuca</i>	Maçarico-grande-perna-amarela / Greater Yellowlegs	N
	<i>Catoptrophorus semipalmatus</i>	Maçarico-de-asa-branca / Willet	N
	<i>Calidris canutus</i>	Maçarico-de-papo-vermelho / Red Knot	N
	<i>Calidris minutilla</i>	Maçariquinho / Least Sandpiper	N
	<i>Calidris fuscicollis</i>	Maçarico-de-sobre-branco / White-rumped Sandpiper	N
	<i>Calidris melanotos</i>	Maçarico-de-colete / Pectoral Sandpiper	N
	<i>Calidris pusilla</i>	Maçarico-miúdo / Semipalmated Sandpiper	N
	<i>Calidris alba</i>	Maçarico-branco / Sanderling	N
	<i>Micropalama himantopus</i>	Maçarico-pernilongo / Stilt Sandpiper	N
	<i>Tryngites subruficollis</i>	Maçarico-acanelado / Buff-breasted Sandpiper	N
	<i>Numenius phaeopus</i>	Maçarico-de-bico-torto / Whimbrel	N
<i>Limosa haemastica</i>	Maçarico-de-bico-virado / Hudsonian Godwit	N	

Família	Nome específico	Nome comum	Status
... Scolopacidae	<i>Limnodromus griseus</i>	Narceja-de-costas-brancas / Short-billed Dowitcher	N
	<i>Gallinago galinago</i>	Narceja / Common Snipe	R
Recurvirostridae	<i>Himantopus himantopus</i>	Pernilongo / Black-necked Stilt	R
Thinocoridae	<i>Thinocorus rumicivorus</i>	Agachadeira-mirim / Least Seedsnipe	R
Chionidae	<i>Chionis alba</i>	Pomba-antártida / Snowy Sheathbill	PV
Stercorariidae	<i>Stercorarius parasiticus</i>	Gaivota-rapeira-comum / Parasitic Jaeger	PN
Laridae	<i>Larus dominicanus</i>	Gaivotão / Kelp Gull	R
	<i>Larus cirrocephalus</i>	Gaivota-de-cabeça-cinza / Grey-hooded Gull	D
	<i>Larus maculipennis</i>	Gaivota-maria-velha / Brown-hooded Gull	R
	<i>Larus belcheri</i>	Gaivota-de-rabo-preto / Band-tailed Gull	V
	<i>Chlidonias niger</i>	Trinta-réis-negro / Black Tern	NV
	<i>Gelochelidon nilotica</i>	Trinta-réis-de-bico-preto / Gull-billed Tern	R
	<i>Sterna hirundinacea</i>	Trinta-réis-de-bico-vermelho / South American Tern	M
	<i>Sterna hirundo</i>	Trinta-réis-boreal / Common Tern	N
	<i>Sterna trudeaui</i>	Trinta-réis-de-coroa-branca / Snowy-crowned Tern	R
	<i>Sterna superciliaris</i>	Trinta-réis-anão / Yellow-billed Tern	R
	<i>Sterna máxima</i>	Trinta-réis-real / Royal Tern	M
	<i>Sterna eurygnatha</i>	Trinta-réis-de-bico-amarelo / Cayenne Tern	M
	<i>Anous stolidus</i>	Andorinha-do-mar-preta / Brown Noddy	V
Rynchopidae	<i>Rynchops nigra</i>	Talha-mar / Black Skimmer	R
Columbidae	<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa / Ruddy Ground-dove	R
	<i>Columbina picui</i>	Rolinha-picuí / Picui Ground-dove	R
	<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupu / White-tipped Dove	R

Família	Nome específico	Nome comum	Status
Cuculidae	<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato / Squirrel cuckoo	R
	<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto / Smooth-billed Ani	R
	<i>Guira guira</i>	Anu-branco / Guira Cuckoo	R
	<i>Tapera naevia</i>	Saci / Striped Cuckoo	R
Tytonidae	<i>Tyto alba</i>	Coruja-da-igreja / Barn Owl	R
Strigidae	<i>Speotyto cunicularia</i>	Coruja-do-campo / Burrowing Owl	R
	<i>Rhinoptynx clamator</i>	Coruja-orelhuda / Striped owl	R
Trochilidae	<i>Hylocharis chrysura</i>	Beija-flor-dourado / Gilded Hummingbird	R
Alcedinidae	<i>Ceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande / Ringed Kingfisher	R
	<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde / Amazon Kingfisher	R
	<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno / Green Kingfisher	R
Picidae	<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo / Field Flicker	R
Thamnophilidae	<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	Choca-boné-vermelho / Rufous-capped Antshrike	R
Furnariidae	<i>Geositta cunicularia</i>	Curiqueiro / Common Miner	R
	<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro / Rufous Hornero	R
	<i>Limnornis curvirostris</i>	Junqueiro-de-bico-curvo / Curve-billed Reedhaunter	R
	<i>Phleocryptes melanops</i>	Bate-bico / Wren-like Rushbird	R
	<i>Synallaxis spixi</i>	João-teneném / Spix' Spinetail	R
	<i>Certhiaxis cinnamomea</i>	Curutiê / Yellow-chinned Spinetail	R
	<i>Anumbius anumbi</i>	Cochicho / Firewood-gatherer	R
	<i>Phacellodomus erythropthalmus</i>	João-botina / Red-eye Thornbird	R
Tyrannidae...	<i>Camptostoma obsoletum</i>	Risadinha / Southern Beardless Tyrannulet	R
	<i>Elaenia obscura</i>	Tucão / Highland Elaenia	R
	<i>Serpophaga nigricans</i>	João-podre / Sooty Tyrannulet	R

Família	Nome específico	Nome comum	Status
... Tyrannidae	<i>Tachuris rubigaster</i>	Papa-piri / Many-coloured Rush-tyrant	R
	<i>Myiophobus fasciatus</i>	Filipe / Bran-colored Flycatcher	R
	<i>Pyrocephalus rubinus</i>	Príncipe / Vermilion Flycatcher	M
	<i>Xolmis irupero</i>	Noivinha / White Monjita	R
	<i>Lessonia rufa</i>	Colegial / Austral Negrito	R
	<i>Knipolegus cyanirostris</i>	Maria-preta-bico-azulado / Blue-billed Black-Tyrant	R
	<i>Hymenops perspicillata</i>	Viuvinha-de-óculos / Spectacled Tyrant	R
	<i>Satrapa icterophrys</i>	Suiriri-pequeno / Yellow-browed Tyrant	R
	<i>Machetornis rixosus</i>	Suiriri-cavaleiro / Cattle Tyrant	R
	<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi / Great Kiskadee	R
	<i>Tyrannus savanna</i>	Tesourinha / Fork-tailed Flycatcher	M
	<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri / Tropical Kingbird	R
Hirundinidae	<i>Tachycineta albiventer</i>	Andorinha-do-rio / White-winged Swallow	R
	<i>Tachycinetta leucorrhoa</i>	Andorinha-de-testa-branca / White-rumped Swallow	R
	<i>Tachycinetta leucopyga</i>	Andorinha-chilena / Chilean Swallow	R
	<i>Phaeoprogne tapera</i>	Andorinha-do-campo / Brown-chested Martin	R
	<i>Progne chalybea</i>	Andorinha-doméstica-grande / Grey-breasted Martin	M
	<i>Alopochelidon fucata</i>	Andorinha-morena / Tawny headed Swallow	R
	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	Andorinha-serradora / Southern Rough-winged Swallow	M
	<i>Hirundo rústica</i>	Andorinha-de-bando / Barn Swallow	N
Troglodytidae	<i>Troglodytes aedon</i>	Corruíra / House Wren	R
Muscicapidae...	<i>Poliophtila dumicola</i>	Balança-rabo-de-máscara / Masked Gnatcatcher	R
	<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira / Rufous-bellied Thrush	R
	<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca / Creamy-bellied Thrush	R

Família	Nome específico	Nome comum	Status
... Muscicapidae	<i>Turdus albicollis</i>	Sabiá-coleira / White-necked Thrush	R
Mimidae	<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo / Chalk-browed Mockingbird	R
	<i>Mimus triurus</i>	Calhandra-de-três-rabos / White-banded Mockingbird	R
Motacilidae	<i>Anthus furcatus</i>	Caminheiro-de-unha-curta / Short-billed Pipit	R
	<i>Anthus lutescens</i>	Caminheiro-zumbidor / Yellowish Pipit	R
	<i>Anthus correndera</i>	Caminheiro-de-espora / Correndera Pipit	R
Emberizidae...	<i>Parula pitiayumi</i>	Mariquita / Tropical Parula	R
	<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pula-pula / Golden-crowned Warbler	R
	<i>Basileuterus leucoblepharus</i>	Pula-pula-assobiador / White-rimmed Warbler	R
	<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica / Bananaquit	R
	<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaçu-cinzentos / Sayaca Tanager	R
	<i>Thraupis bonariensis</i>	Sanhaçu-papa-laranja / Blue-and-yellow Tanager	R
	<i>Stephanophorus diadematus</i>	Sanhaçu-frade / Diademed Tanager	R
	<i>Ammodramus humeralis</i>	Tico-tico-do-campo / Grassland Sparrow	R
	<i>Donacospiza albifrons</i>	Tico-tico-do-banhado / Long-tailed Reed-Finch	R
	<i>Poospiza nigrorufa</i>	Quem-te-vestiu / Black-and-rufous Warbling-finch	R
	<i>Poospiza lateralis</i>	Quete / Red-rumped Warbling-Finch	R
	<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra-verdadeiro / Saffron Finch	R
	<i>Sporophila collaris</i>	Coleira-do-brejo / Rusty-collared Seedeater	R
	<i>Sporophila caerulea</i>	Coleirinho / Double-collared Seedeater	R
	<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico / Rufous-collared Sparrow	R
	<i>Coryphospingus cucullatus</i>	Tico-tico-rei / Red Pileated-Finch	R
<i>Paroaria coronata</i>	Cardeal / Red-crested Cardinal	R	

Família	Nome específico	Nome comum	Status
... Emberizidae	<i>Agelaius thilius</i>	Sargento / Yellow-winged Blackbird	R
	<i>Agelaius ruficapillus</i>	Garibaldi / Chestnut-capped Blackbird	R
	<i>Sturnella superciliaris</i>	Polícia-inglesa / White-browed Blackbird	R
	<i>Pseudoleistes virescens</i>	Dragão / Brown-and-yellow Marshbird	R
	<i>Amblyramphus holosericeus</i>	Cardeal-do-banhado / Scarlet-headed Blackbird	R
	<i>Molothrus badius</i>	Asa-de-telha / Bay-winged Cowbird	R
	<i>Molothrus bonariensis</i>	Vira-bosta / Shiny Cowbird	R
Fringillidae	<i>Spinus magellanicus</i>	Pintassilgo / Hooded Siskin	R

Legenda:

M = Migrante, residente de verão

N = Migrante, visitante do Hemisfério Norte

S = Migrante, visitante do cone sul da América do Sul

P = Pelágico

PN = Visitante pelágico vindo do Hemisfério Norte

R = Residente

V = Vagante

4. AS AVES DO PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE



www8.ufrgs.com.br

As descrições a seguir tiveram como base as publicações Resende e Leeuwenberg (1987), Resende (1988), Belton (1994), Nascimento (1995) e Novelli (1997). As fotos ilustrativas das espécies foram extraídas da rede mundial de computadores (internet), a partir de pesquisa por nome específico; as fontes de cada uma das fotos são informadas logo abaixo da mesma.

Família Podicipedidae

Rollandia (Podiceps) rolland (Mergulhão-orelhas-brancas, mergulhão-de-cara-branca, White-tufted Grebe)



<http://www.proteger.org.ar/archivos/Maca.jpg>



<http://www.astro.ruhr-uni-bochum.de/nielbock/images/LagunaTorca/tn/grebe.jpg.html>

Distribuição e Status: Residente. Ocorre ao longo de todo o litoral e nos morros do sul e sudeste; ocasionalmente em locais espalhados no extremo oeste, na Depressão central e no Planalto do Rio Grande do Sul. Ocorre geralmente em lagos juncosos e outras expansões de água com vegetação, mas algumas vezes em açudes e reservatórios abertos. Comum no extremo sul do estado. Presente no litoral durante todo o ano.

Características de campo: manchas brancas do lado da cabeça e tamanho pequeno o distinguem de outros mergulhões do Rio Grande do Sul. Íris de cor carmim-vivo a vermelho-vivo. Macho em plumagem nupcial: tarso anegrado no lado externo, tingido de verde claro no lado interno, bico preto. Macho em muda: tarso cinza com manchas branco-creme nos lóbulos dos dedos, maxila marrom-escura com uma mancha clara no lado perto da base, mandíbula esbranquiçada com linha tônia marrom. Fêmea jovem: tarso cinza-escuro no lado externo, lado interno verde-claro, cúlmen marrom, bem escuro em volta das narinas.

Podiceps major (Mergulhão-grande, Great Grebe)



<http://www.geocities.com/avesdechile2/huala.html>



<http://www.worldbirder.com/photonev/xpages/photo.asp>

Distribuição e Status: Residente. Comum ao longo de todo o litoral. Encontrados durante todo o ano, geralmente em lagos e reservatórios maiores

e na zona de rebentação do mar, mas também em canais e banhados com quantidade mais restrita de água aberta.

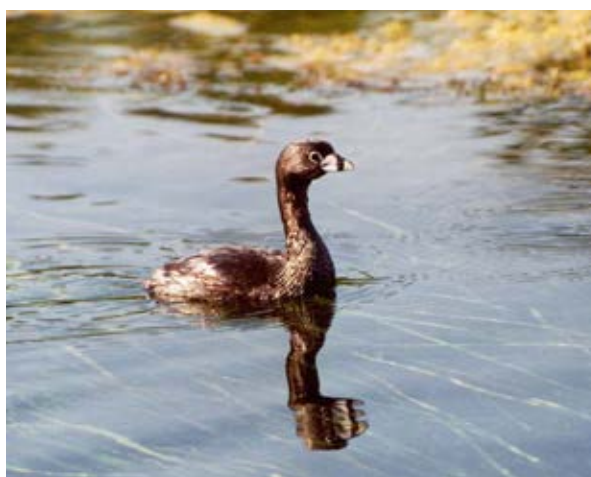
Características de campo: Único mergulhão grande do Rio Grande do Sul. Macho adulto: Tarso preto com manchas verde-amareladas, maxila preta com linhas claras no lado, mandíbula preta entre a base cinza e dorso distal branco, íris marrom-cinza. Imaturo: tarso preto no lado externo, lado interno amarelado, bico branco com cúlmen preto.

Podilymbus podiceps (Mergulhão, Pied-billed Grebe)



Juvenil

<http://www.birddigiscoping.com/birdPBGR.html>



http://www.floridanature.org/species.asp?species=Podilymbus_podiceps

Distribuição e Status: Residente abundante de açudes, banhados, lagos e reservatórios, através da maior parte do Rio Grande do Sul.

Características de campo: Único mergulhão gaúcho pequeno com bico relativamente possante e esbranquiçado, geralmente atravessado por uma listra reta. Pescoço mais curto e cabeça mais volumosa do que outros mergulhões do Rio Grande do Sul. Fêmea: tarso cinza-escuro na parte externa, lado interno cinza-esverdeado, bico branco acinzentado com listra vertical preta na metade, íris marrom, anel periocular branco.

Reprodução: Atividades reprodutivas podem ser observadas com frequência durante a primavera e o verão, mas na segunda metade do ano elas se concentram no Planalto. Juvenis com dois terços a três quartos do tamanho do adulto, com cabeça fortemente listrada de branco e preto, parte proximal do bico cor-de-rosa e ponta preta.

Comportamento: Algumas vezes alimentam-se com o pescoço e a cabeça esticados para frente e mantido embaixo d'água quase tocando a superfície.

Família Diomedidae

Diomedea melanophris (Abatroz-de-sombrancelha, Black-browed Albatross)



<http://www.praktejder.se/resor/newzealand/bilder>

Distribuição e Status: Circumpolar nos oceanos do Hemisfério Sul. Classificada como Pelágico por Nascimento (1995).

Características de campo: Adultos apresentam grande parte da plumagem branca, com asas e cauda pretas. Apresenta mancha marrom-anegrada passando através do olho.

Diomedea cauta (Abatroz-arisco, Shy Albatross)



http://photogallery.canberrabirds.org.au/images/Albatross_Shay_Cook.JPG



<http://www.parks.tas.gov.au/threatened/shyalbpic.html>

Distribuição e Status: Primeiro registro da espécie para o Rio Grande e Brasil foi uma fêmea jovem morta na praia perto de São Simão na península de Mostardas em (Petry et al., 1991 apud Belton, 1994). Classificada como Pelágico Vagante por Nascimento (1995).

Características de campo: Adultos apresentam grande parte da plumagem branca, com asas e cauda pretas.

Reprodução: Nidificam na Australásia, dispersando-se através dos oceanos do sul.

Família Procellariidae

Macronectes giganteus (Pardelão-gigante, Giant Fulmar)



<http://www.keeponbirding.com/foto.jsp?id=686&parentId=361&mostrecent=true>



<http://www.ericwpreston.com/sqpetrel1.html>

Distribuição e Status: Visitante ocasional de inverno ao longo da costa. Habita oceanos do sul. Classificada como Pelágico por Nascimento (1995).

Características de campo: É um albatroz relativamente pequeno. Apresentam grande variação de coloração da plumagem, em função do estágio de vida e época reprodutiva.

Fulmarus glacialis (Pardelão-prateado, Southern Fulmar)



<http://www.aviceda.org/abid/birddetail>



<http://www.qdargaud.net/Antarctica/Birds.html>

Distribuição e Status: Frequentemente encontrado morto na praia entre Cassino e a fronteira do Uruguai durante o inverno e primavera. Classificada como Pelágico por Nascimento (1995).

Características de campo: Tarso cinza-rosado, maxila cinza-clara com ponta preta e comissura rosa e listra rosa antes da ponta, mandíbula rosa com ponta preta, íris marrom.

Pachyptila vittata (Faigão-de-bico-largo, Broad-billed Prion)



<http://www.aviceda.org/abid/birddetail.php?imgid=258&PHPSESSID=888b81f89da738ecc2f60ee245558f09>

Distribuição e Status: Circumpolar nos oceanos do Hemisfério Sul. Em 1979 foi registrado um espécime na praia do Cassino. Porém, há relatos de que este espécime se perdeu e que a presença desta espécie precisa ser confirmada (Vooren e Fernandes, 1989 apud Belton, 1994).

A ocorrência na área do PARNA da Lagoa do Peixe foi assinalada por Nascimento (1995), classificando-a como Pelágico.

Procellaria aequinoctialis (pardela-preta, White-chinned Petrel)



<http://www.worldbirders.com/photonev/xpages/photo.asp?PhotoID=1218>



<http://www.oiseaux.net/photos/patrick.ingremeau/puffin.amenton.blanc.1.html>

Distribuição e Status: Observada em vários locais da costa do Rio Grande do Sul durante os meses de abril, maio, julho, setembro, novembro e dezembro. É possível que esteja presente o ano todo. Circumpolar nos oceanos do Hemisfério Sul. Classificada como Pelágico por Nascimento (1995).

Características de campo: Maior parte da plumagem marrom-anegrada.

Família Hydrobatidae

Oceanites oceanicus (Alma-de-mestre, Wilson's Storm Petrel)



<http://www.qdargaud.net/Antarctica/Birds.html>



http://jboyd.net/Birds/IMG_2535.html

A ocorrência na área do PARNA da Lagoa do Peixe foi assinalada por Nascimento (1995), classificando-a como Pelágico.

Família Sphenicidae

Spheniscus magellanicus (Pingüim-de-magalhães, Magellanic Penguin)



<http://www.avespampa.com.ar/Pingui2.jpg>

Distribuição e Status: Encontrado nas costas do Atlântico e Pacífico, na porção sul da América do Sul. Observado no inverno e primavera ao longo de toda a extensão das praias de mar do Rio Grande do Sul, geralmente morto ou morrendo. A ocorrência na área do PARNA da Lagoa do Peixe foi assinalada por Nascimento (1995), classificando-a como Pelágico.

Família Phalacrocoracidae

Phalacrocorax brasilianus (olivaceus) (Biguá, Neotropic Cormorant)



http://nhm.ku.edu/komar/imagegallery/misc/05f5_012_hires.jpg



<http://www.backyardbirdcam.com/gallery/cormorant-neotropic.htm>

Distribuição e Status: Residente. Presente durante todos os meses, mas os registros para o inverno são esporádicos e concentram-se principalmente ao longo do litoral. Abundante nos dois terços meridionais do Estado. Utiliza banhados, campos alagados, arrozais, canais, açudes e, durante a primavera e verão, solitário ou aos pares em lagos e riachos em terrenos do interior. Único biguá encontrado no Rio Grande do Sul.

Características de campo: Fêmea durante a estação reprodutiva: Tarso anegrado, bico branco-amarelado com cúlmen anegrado, pele facial e saco gular amarelo, íris acinzentada.

Comportamento: tendência a congregarem-se em grupos substanciais. Belton (1994) estimou cerca de 3000 na Lagoa do Peixe em janeiro de 1979. Geralmente mantém as asas esticadas enquanto tomam banho de sol.

Família Ardeidae

Ardea cocoi (Garça-moura, Socó-grande, White-necked Heron)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic20-5-4.html>



<http://www.avespampa.com.ar/GarzaMora2.jpg>

Distribuição e Status: Residente comum em banhados, lagos, açudes com vegetação aquática, campos alagados e praias de mar, em todo o litoral. Geralmente dispersa e solitária, mas Belton (1994) registrou em janeiro de 1974 um agrupamento de 100 a 200 em uma parte da Lagoa do Peixe que ainda não havia secado.

Características de campo: Sem comparação, a maior garça do Rio Grande do Sul. Peito e ventre pretos. Granido áspero e prolongado, geralmente emitido em vôo.

Comportamento: Fica parada por longos períodos, aparentemente esperando a presa aparecer, ao invés de procurar por ela. Algumas vezes, indivíduos se posicionam a intervalos regulares perto da beira d'água, nas praias de mar, para pescar nas ondas.

Casmerodius albus (Garça-branca-grande, Great Egret)



<http://bailey.aros.net/nature/Featured%20Photos/Great%20Egret.htm>



www.geometer.org/cr2003web/pages/greategyret.html



<http://www.dutchbirding.nl/misc/wallpapers/wallpaper1024.php?id=14>

Distribuição e Status: Residente abundante em banhados, açudes, lagos, campos alagados, arrozais no estado do Rio Grande do Sul.

Características de campo: Toda branca com bico amarelo, pernas e pés pretos. Geralmente matem o pescoço bem esticado quando está pousada, ao contrario da garça branca pequena, a qual amiúde fica parada com o pescoço dobrado e cabeça encolhida. Tem uma saliência na parte posterior do pescoço, a um terço do seu comprimento. O pescoço gira sobre seu eixo neste ponto e é muito mais delgado dali para cima.

Reprodução: Garçais são encontrados em vários locais com baixa altitude, onde banhados são comuns. Estes garçais geralmente contêm uma mistura de espécies e estão localizados entre moitas densas de arbustos baixos e lenhosos ou entre pequenas árvores conhecidas como sarandis, que crescem em banhados ou lagos.

Comportamento: Geralmente não formam bandos, mas Belton (1994) observou grupos de ate 30 indivíduos indo em direção ao dormitório ao longo do Rio Ibicuí em fevereiro de 1975.

Egretta thula (Graça-branca-pequena, Snowy Egret)



<http://www.geometer.org/D2x/>

Distribuição e Status: Residente abundante em regiões e habitats idênticos aos da garça-branca-grande (*Casmerodius albus*), mas também é encontrada em praias de mar onde as vezes está espaçada a cada 200 ou 300 m ao longo de muitos quilômetros na beira do mar, onde praticamente não há nenhuma outra espécie de ave presente.

Características de campo: plumagem toda branca com bico e perna pretas e pé amarelo.

Reprodução: Nidifica com mais freqüência em colônias mistas.

Comportamento: Esta espécie segue o gado pastando, para pegar insetos que a elese pertubam, do mesmo modo que a graça vaqueira, mas é menos agressiva. Embora garças-brancas-pequenas e graças-brancas-grandes compartilhem o mesmo habitat, e sejam frequentemente vistas juntas, em várias ocasiões uma espécie é abundante enquanto a outra é escassa ou ausente, provavelmente indicado uma diferença na disponibilidade da presa preferida.

Butorides striatus (Socozinho, Green Striated Heron)



<http://typhoon.wcp.muohio.edu/tropicalvideos/marineecology03/greenheroneverglades03a.jpg>



<http://www.worldbirder.com/photoneu/xpages/photo.asp?PhotoID=3283>

Distribuição e Status: Residente comum em banhados, margem de lagos e açudes com inços e vegetação baixa, e em arrozais ao longo da parte meridional do Rio Grande do Sul. Desaparece quase que totalmente no inverno, tornando-se escasso em abril e reaparecendo em setembro. Está presente em números reduzidos, no entanto, ao longo de todo o ano, na parte norte do litoral.

Características de campo: Boné e dorso preto-esverdeado, ventre cinza, garganta branca. Pescoço ferrugíneo na parte inferior e cinza nos lados e parte superior. Quando voa na direção do observador, a borda branca na frente das asas é notável.

Comportamento: Frequentemente encontrado escondido na vegetação, mas também pousa em árvores, arbustos e postes e nestas circunstâncias é bem visível.

Nycticorax nycticorax (Savacu, Black-crowned Night-Heron)



Imaturo

<http://www.geometer.org/D2x/>

Distribuição e Status: Residente. Presente todo ano com registros escassos para o inverno, concentrados em poucos lugares ao longo do litoral. Razoavelmente comum em banhados e terras úmidas das regiões mais baixas

do Rio grande do Sul, ocorrendo ocasionalmente em vales com matas na escarpa. A pousada noturna frequentemente é em lugares secos.

Características de campo: O pescoço curto dá a aparência corcunda ao savacu. Lado superior principalmente preto, cinza nas asas e branco no lado inferior, com testa branca. O imaturo é marrom manchado com branco em cima, e branco manchado com marrom embaixo, pode ser confundido com o socó-baixo, mas não tem listras horizontais no pescoço.

Reprodução: nidifica em grande colônias mistas, com outras garças, biguás e colhereiros.

Comportamento: Durante o dia é visto com mais frequência pousado em bandos de até 50 aves, frequentemente em posições bastantes expostas.

Ixobrychus involucris (Socó-amarelo, Stripe-backed Bittern)



<http://www.surfbirds.com/cgi-bin/gallery/search2.cgi?species=Stripe-backed%20Bittern>

Distribuição e Status: Escasso, presume-se que seja residente, em banhados com capins altos e juncos e em arrozais ao longo de todo o litoral. Tamanho, comportamento e habitat inacessível o tornam extremamente difícil de encontrar, e pode ser que seja mais comum do que registros indicam.

Características de campo: Menor ardeídeo do Rio Grande do Sul, predomina marrom-claro com estrias brancas no lado inferior, marrom-claro em cima com boné preto estreito, com estrias largas pretas no dorso.

Comportamento: Vive no meio dos capins altos e juncos dos banhados, raramente se expõe, a não ser para fazer vôos curtos e baixos sobre o topo da vegetação.

Botaurus pinatus (Socó-boi-baio, Pinnated Bittern)



<http://www.markeaton.org/Birding/Images/Pinnated%20Bittern.jpg>



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic20-60-3.html>

Distribuição e Status: Ocupante pouco comum de banhados rasos e áreas alagadas com capim alto ou juncos, geralmente em terrenos abertos e planos, ao longo do litoral. De difícil observação. Ave residente de verão.

Características de campo: Ave grande, marrom claro com vermiculações pretas, cor de areia e esbranquiçadas, com algumas estrias no dorso e partes inferiores, vértice anegrado.

Comportamento: Residente de terras alagadas com vegetação alta, raramente avistado, geralmente voa só, a curtas distâncias. Imobiliza-se em postura vertical.

Família Threskiornithidae

Phimosus infuscatus (Maçarico-de-cara-pelada, Chapéu-velho, Bare-faced Ibis)



http://www.ib.usp.br/ceo/imag_sons/fvthresk.htm



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/bare-facedibis.html>

Distribuição e Status: Comumente encontrado em arrozais, campos alagados, banhados e outras áreas de águas rasas, ao longo do litoral, ao sul dos 30° de latitude. Considerada como espécie residente, é avistado com mais frequência durante os meses que não são de inverno.

Características de campo: Todo preto com a face completamente nua.

Comportamento: Geralmente encontrado em bandos de tamanho pequeno a moderado.

Plegadis chihi (Maçarico-preto, White-faced Ibis)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages>



<http://www.bixby.org/parkside/multimedia/birds/>

Distribuição e Status: Residente encontrado ao longo de todo o litoral, em áreas planas, principalmente durante o inverno. Ocorre em arrozais, banhados, campos alagados e terras alagadas em geral. Muito abundante.

Características de campo: pescoço, lado inferior, dorso e coberteiras alares castanho-intenso, asas e cauda verde-bronze, e cabeça acinzentada. Face totalmente coberta de penas, exceto a área entre os olhos e maxila.

Comportamento: Encontrado em bandos de 1000 ou mais indivíduos. Voa em bandos largos e abertos, em foram de “V”, com a parte da frente do bando irregular e um pouco dispersa, planando batendo asas alternadamente.

Platalea (Ajaia) ajaja (Colhereiro, Espátula-rosada, Roseate Spoonbill)



<http://sosensky.com/bird-photos/RosSpo.htm>



<http://www.biology.lsu.edu/heydrjay/Cicindelidae/spoonbillsLakeMartin.html>

Distribuição e Status: Residente encontrado ao longo de todo o litoral, em áreas planas. Ocorre em arrozais, banhados, campos alagados e terras alagadas em geral. Presente durante todo o ano e mais escasso no inverno e mais restrito ao litoral.

Características de campo: Bico chato e em forma de espátula, plumagem com tom rosa.

Reprodução: Jovens sem rosa forte em qualquer parte do corpo tornam-se comuns em dezembro.

Comportamento: Indivíduos dispersos ou pequenos grupos, ocasionalmente em grupos de 80 indivíduos ou mais. A maior concentração foi encontrada em 1974 na Lagoa do peixe, um grupo de cerca de 150 indivíduos.

Família Ciconiidae

Mycteria americana (Cabeça-seca, Wood Stork)



<http://animalpicturesarchive.com/view.php?tid=2&did=60137>

Distribuição e Status: Visitante de verão e possivelmente residente nesta estação, geralmente distribuído ao longo do litoral, em banhados e campos alagados, geralmente em áreas mais planas e mais abertas de altitudes baixas. Não ocorre no inverno.

Características de campo: normalmente mantém o pescoço retraído, em postura corcunda, mostrando pouco preto quando a asa está dobrada. Bico curvado para baixo, parte nua da cabeça com uma faixa preta que se estende sobre o topo começando atrás dos olhos e pés rosados.

Comportamento: Indivíduos dispersos, mas com migração em bandos.

Ciconia (Euxenura) maguari (João-grande, Maguari Stork)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages>



<http://www.avespampa.com.ar>

Distribuição e Status: Residente comum de áreas alagadas, campos de arroz e outros banhados rasos. Raros em praias de mar.

Características de campo: Postura ereta, bico reto e grande área preta contra a plumagem branca do corpo. Torso avermelhado, bico verde-rosado e pele ao redor dos olhos cor-de-carne-rosada.

Comportamento: Reunem-se em bandos pequenos, planando com pescoços esticados.

Família Cathartidae

Coragyps atratus (Urubu-de-cabeça-preta, Black Vulture)



<http://naturalhistory.uga.edu/gawildlife/pub/birdphotos/vulturbl.jpg>



<http://www.duke.edu/~jspippen/blackvulture.htm>

Distribuição e Status: Residente comum a abundante. No extremo sul do Rio Grande do Sul, a partir dos anos 60, a espécie começou a ser eliminada com a utilização do veneno “Asunto!” devido ao renome que tinha de matar cordeiros recém-nascidos e ovelhas enfraquecidas pelo parto.

Família Phoenicopteridae

Phoenicopterus chilensis (Flamingo, Chilean Flamingo)



<http://image36.webshots.com/36/4/92/59/275149259jGcM>

[aV_fs.jpg](#)



<http://community.webshots.com/photo/95878846/>

Distribuição e Status: Migrante. Visitante do cone sul da América do Sul. Encontrado principalmente em lagoas costeiras rasas, no inverno. Locais favoritos ermos e de difícil acesso. Pouco se sabe sobre seus movimentos e abundância no Rio Grande do Sul. Nidificam fora do Estado, durante primavera e verão. Ocorre em corpos de água doce ou salobra, a maioria com fundo de areia-lamosa.

Phaenicoparrus andinus (Flamingo-andino, Andean Flamingo)



<http://i6.photobucket.com/albums/y209/Daldianus/animals/flamingo.jpg>

[mingo.jpg](#)



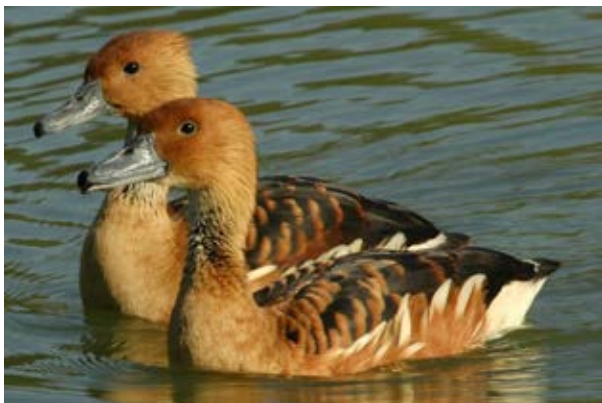
<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/a/a7/Flam.andean.250pix.jpg>

[0pix.jpg](#)

Distribuição e Status: Vagante. Primeiro registro para o estado do Rio Grande do Sul foi de um indivíduo sub-adulto alimentando-se regularmente junto com membros de um bando de *Phoenicopterus chilensis* na Lagoa do Peixe, durante uma operação de anilhamento patrocinada pelo IBAMA, em abril de 1990 (Antas, 1992 apud Belton, 1994).

Família Anatidae

Dendrocygna bicolor (Marreca-caneleira, Fulvous Whistling-Duck)



<http://www.oiseaux.net/photos/alain.girard/dendrocygne.fauve.1.html>



Fulvous Whistling Duck ©Harold Stiver

http://www.ontfin.com/FavAtoF/Fulvous_Whistling_Duck3.jpg

Distribuição e Status: Residente comum a moderadamente abundante em banhados, arrozais e lagos com vegetação aquática. Menos freqüente ao longo do litoral em lagos grandes com pouca vegetação. Comparando-se com maioria das espécies comuns de marrecas, a espécie é relativamente escassa em lagos e açudes pequenos.

Características de campo: Cor de canela com asas pretas, mostrando o sobre branco em vôo.

Dendrocygna viduata (Marreca-piadeira, Irerê, White-faced Whistling-Duck)



<http://community.webshots.com/photo/>



<http://www.oiseaux.net/photos/yves.thonnerieux/dendrocygne.veuf.1.html>

Distribuição e Status: Residente muito abundante em banhados, campos alagados, açudes e lagos, ao longo de todo o litoral do Rio Grande do Sul. É a espécie avistada com mais freqüência no Rio Grande do Sul, sendo provavelmente a mais abundante.

Características de campo: O branco da face, queixo e garganta contrastam com o preto da porção posterior da cabeça e pescoço. Algumas vezes a parte branca da face é fortemente manchada com ferrugineo. Tarso

cinza com preto, maxila preta com ponta cinza e gancho preto, mandíbula preta mosqueada com cinza rosado, íris castanha e anel periocular branco.

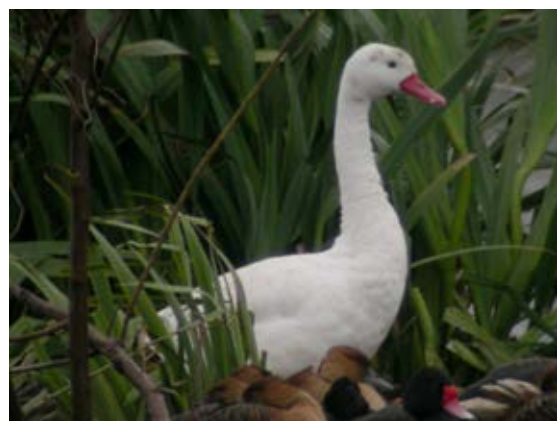
Reprodução: Auge da nidificação em fevereiro, época em que a maioria dos indivíduos encontra-se em casais, ao invés de bandos, comuns durante a maior parte do ano. Adultos com filhotes são comumente vistos durante março e abril.

Comportamento: Uma forma comum de exibição desta espécie, aparentemente não associada à alimentação, consiste em submergir a partir da posição normal para nadar, dando um pequeno salto no ar seguido por um mergulho vertical.

Coscoroba coscoroba (Capororoca, Coscoroba Swan)



<http://www.cema.edu.ar/eventos/muestras/rodriguez/1.html>



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages>

Distribuição e Status: Incomum ao longo do litoral do Rio Grande do Sul, ocorrendo próximo a banhados grandes, lagos, lagoas e pastagens úmidas. Embora descrita como ave migratória que aparece no Rio Grande do Sul durante o inverno (Cuello & Gerzenstein, 1962 *apud* Belton, 1994) ela é encontrada no estado durante todo o ano.

Características de campo: Toda branca, com exceção das pontas das asas, que é preta e do bico que é rosado.

Comportamento: Geralmente encontrada em pares dispersos ou grupos familiares, ocorrendo ocasionalmente em concentrações maiores. Resende & Leeuwenberg (1987) registraram a presença desta espécie na Lagoa do Peixe durante todo o ano.

Cygnus melancoryphus (Cisne-de-pescoço-preto, Black-necked Swan)



<http://www.astro.ruhrnibochum.de/nielbock/images/LagunaTorca>



<http://www.cvlbirding.co.uk/photos/birdgallery/blackneckedswan01.jpg>

Distribuição e Status: Residente incomum de banhados, lagos e lagoas na metade sul do litoral do Rio Grande do Sul.

Características de campo: Cabeça preta e pescoço preto comprido.

Comportamento: Utiliza áreas extensas de águas abertas com mais frequência do que outras aves aquáticas do Rio Grande do Sul.

Anas flavirostris (Marreca-pardinha, Speckled Teal)



<http://www.justbirds.org/Peru/Speckled%20teal.htm>



<http://wildaboutfowl.com/speckledtealdrakeflyingsingle.htm>

Distribuição e Status: Residente comum em toda a metade sul, no Planalto Nordeste e Norte do Rio Grande do Sul.

Características de campo: Semelhante à *Anas georgica*, mas menor, com a cabeça mais escura, curta e mais arredondada, além de ter a cauda mais curta. Tarso cinza esverdeado com manchas pretas; maxila esverdeada clara com cúlmene e margens pretas, porção proximal amarela; mandíbula esverdeada-clara com ponta escura (fêmea) e amarelada-esverdeada (macho); macho com íris castanha.

Reprodução: Estação reprodutiva na primavera

Comportamento: Geralmente vista aos pares ou pequenos grupos em lagos no meio do campo. No final do verão reúne-se em bandos de 500 ou mais em extensões maiores de água

Anas georgica (Marreca-parda, Yellow-billed Pintail)



http://ontfin.com/Fav/Brown_Pintail.jpg



<http://www.harteman.nl/omnibus/anseriformes/ducks/yellow-billed-pintail.html>

Distribuição e Status: Residente bastante comum, em todo o litoral da metade sul, na maior parte da porção central e nordeste do Planalto do Rio Grande do Sul. Ocorre em pequenos lagos, açudes e banhados, geralmente em terrenos abertos

Características de campo: Marrom-claro com cauda longa e pontuda. Duas listras beges na asa. A cabeça mais comprida, com tons ferrugineos na coroa, ajudam a diferencia-la de *Anas flavirostres*.

Reprodução: Período de nidificação bastante prolongados. De acordo com Belton (1994), ninhos com ovos e adultos com filhotes foram observados entre o final de setembro e início de abril.

Anas sibilatrix (Marreca-oveira, Southern Wigeon)



http://www.waarneming.nl/foto_overzicht.php?id_vogel=14

03



<http://www.cema.edu.ar/eventos/muestras/rodriguez/16.html>

Distribuição e Status: Visitante escassa, com poucos registros para o Rio Grande do Sul. Abundante no Uruguai durante o inverno (Cuello & Gerzenstein, 1962 *apud* Belton, 1994). Consta registro para a Lagoa do Peixe no mês de fevereiro.

Anas versicolor (Marreca-cri-cri, Silver Teal)



<http://www.oiseaux.net/photos/yvonnik.lhomer/sarcelle.bariolee.2.html>



http://ontfin.com/Fav/Silver_Teal.jpg

Distribuição e Status: Relativamente comum em banhados, lagoas e açudes com vegetação. Ocorre ao longo do litoral em localidades na Depressão Central, no Sudoeste e no Extremo Oeste do Rio Grande do Sul. Presente durante todo o ano no estado.

Características de campo: O boné preto estende-se abaixo do olho. Lados do corpo e cauda finamente listrados.

Reprodução: Registro de adultos com filhotes entre metade dos meses de setembro e outubro.

Comportamento: Geralmente visto aos pares ou em bandos pequenos, sendo uma das espécies de marreca que permite maior aproximação humana.

Netta peposaca (Marrecão, Rosy-billed Pochard)



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/rosy-billedpochard.html>



<http://www.cema.edu.ar/eventos/muestras/rodriguez/15.html>

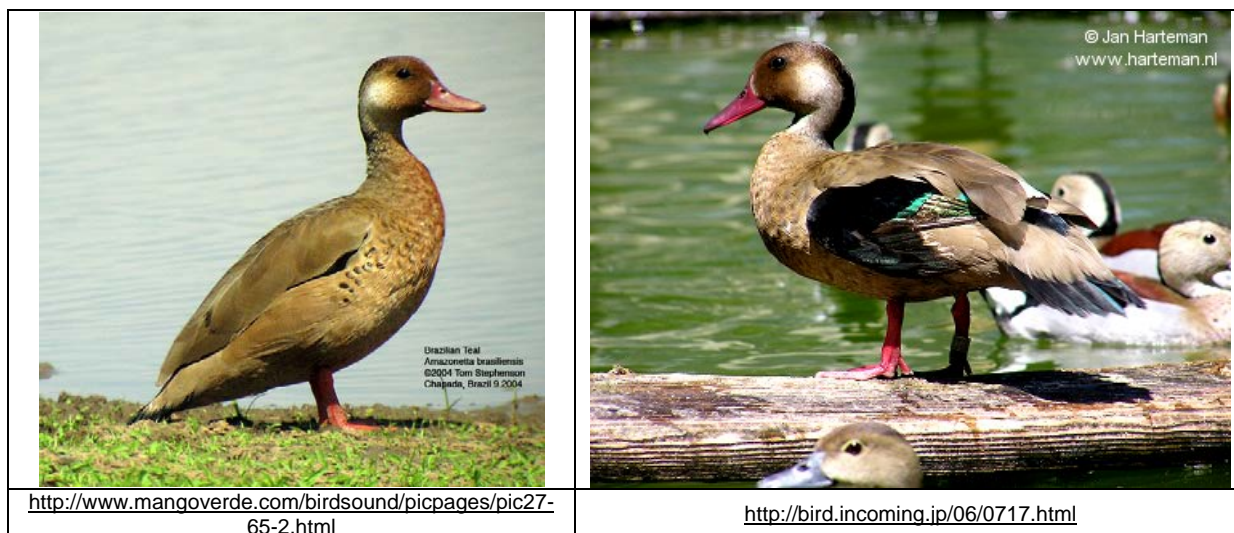
Distribuição e Status: Encontrado ao longo do litoral, em altitudes baixas na metade sul e no extremo oeste do Rio Grande do Sul. Ocorre em banhados grandes, lagos com vegetação aquática e arrozais. Seu número varia sendo escasso a comum no verão, e comum abundante no inverno. Nascimento (1995) considera a espécie migrante e residente de verão. Nidificam no litoral argentino.

Características de campo: Macho preto com flancos cinzas e bico rosado-escuro-vivo. Fêmea uniformemente marrom no dorso com coberteiras

inferiores da cauda brancas. Em ambos os sexos, uma mancha branca grande, ao longo das asas, é bastante evidente em vôo.

Comportamento: Espécie normalmente encontrada em águas relativamente rasas. Geralmente alimenta-se mergulhando a cabeça e ficando com a cauda para o ar, mechendo no fundo com bico.

Amazonetta brasiliensis (Marreca-pé-vermelho, Brazilian Duck)



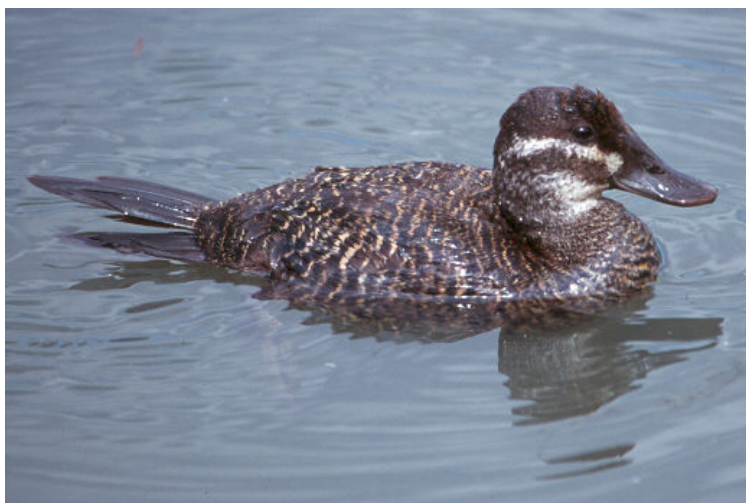
Distribuição e Status: Residente abundante, encontrada em quase todos os setores do Rio Grande do Sul. Corresponde a marreca mais amplamente distribuída no estado. Ocupa banhados, açudes e lagos com vegetação.

Características de campo: O macho possui uma área bem clara no lado da cabeça, atrás do olho, que se estende pelo pescoço. O bico e as patas são vermelhos. A fêmea apresenta duas manchas brancas entre o bico e os olhos. Em vôo, ambos os sexos mostram uma área branca extensa na asa, na região das terciárias, perto do corpo.

Reprodução: De acordo com Belton (1994), o período reprodutivo parece compreender todo o ano no Rio Grande do Sul.

Comportamento: Geralmente vista aos pares ou pequenos bandos, raramente formando bandos grandes.

Oxyura vittata (Marreca-pés-na-bunda, Lake Duck)



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/lake%20duck.html>



© Jan Harteman
www.harteman.nl

<http://www.harteman.nl/omnibus/anseriformes/ducks>

Distribuição e Status: Escasso visitante de inverno registrado infreqüentemente na porção sul do litoral do Rio Grande do Sul entre abril e agosto.

Características de campo: No estado os machos geralmente estão na plumagem de inverno, cinza amarronzado, semelhantes as fêmeas, sendo identificados pela cauda rígida, tamanho pequeno, linha branca única passando embaixo do olho e estendendo-se do bico até a nuca. Apresenta um tarso cinza, maxila cinza escuro, mandíbula rosada com cinza nos lados da base e íris marrom.

Heteronetta atricapilla (Marreca-de-cabeça-preta, Black-headed Duck)



Black-headed Duck © Harold Steyer



Black-headed Duck
© Harold Steyer

http://ontfin.com/Fav/Black_Headed_Duck.jpg

Distribuição e Status: Raro a incomum em banhados e lagos ao longo do litoral, mais comumente encontrado no extremo sul do Rio Grande do Sul. Avistado muito raramente durante a primavera e verão.

Características de campo: O macho na plumagem nupcial apresenta cabeça preta e bico com os lados acinzentados e base rosada. O macho na plumagem de repouso e a fêmea apresentam linha branca única passando pelo olho. Espécie de pescoço curto.

Família Anhimidae

Chauna torquata (Tachã, Tarrã, Southern Screamer)



<http://www.harteman.nl/omnibus/wallpapers/index.html>



<http://www.jacobwijkemaservices.nl/ARGENTINA/ppages/ppage6.htm>

Distribuição e Status: Residente comum em banhados e lagos com vegetação, no litoral e no oeste indo até as altitudes mais baixas do sudoeste do Rio Grande do Sul.

Características de campo: Maior parte da plumagem cinza, coleira preta-aveludada entorno da parte inferior do pescoço, embaixo de um anel quase sem penas. Bico semelhante ao da galinha. Tarso rosa, bico cinza, íris marrom alaranjado, pele entorno do olho rosa-avermelhado.

Reprodução: De acordo com Belton (1994), foram encontrados ninhos com ovos entre inícios de julho e dezembro.

Comportamento: Geralmente encontrado em casais esparsos e algumas vezes em grupos relativamente grandes. Normalmente encontrados caminhando em águas rasas, em banhados abertos ou parados em árvores baixas ou arbustos.

Família Accipitridae

Rostrhamus sociabilis (Gavião-caramujeiro, Snall Kite)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic30-24-4.html>



<http://jboyd.net/Venezuela04/20D-1488.html>

Distribuição e Status: Residente abundante de banhados, campos alagados, açudes e lagos com vegetação ao longo de todo o litoral, através da depressão central até a ponta oeste e nas partes baixas do sudoeste do Rio Grande do Sul.

Características de campo: Anegrado, com uma mancha branca na base da cauda, pele da face e patas cor laranja, maxila preta, extremamente comprida e curvada para baixo.

Reprodução: Belton (1994) observou cópulas em diversas ocasiões entre meados de agosto e início de dezembro. A nidificação no Rio Grande do Sul ocorre em matas ou capoeiras próximos da água.

Buteo magnirostris (Gavião-carijó, Roadside Hawk)



http://www.ccbirding.com/thw/id/roads_1.JPG



<http://www.aracruz.com.br/microbacia/ing/galeria>

Distribuição e Status: Residente abundante em todo o estado do Rio Grande do Sul, sendo o gavião de mais ampla distribuição no estado e um dos mais abundantes. Encontrado especialmente em matas, campos e zonas agrícolas.

Características de campo: O capuz anegrado se estende ventralmente ate tornar-se marrom claro com estrias verticais na parte superior do peito. Partes inferiores distintamente listradas de marrom e bege. As supra-caudais de cor clara e a mancha ferruginea na asa soa visíveis me vô. Tarso amarelo; bico cinza-claro com nódoas pretas ou preto com cinza perto da base. Íris amarela-clara.

Buteogallus (Heterospizias) meridionalis (Gavião-caboclo, Savanna Hawk)



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/photos/>



<http://www.mangoverde.com/birdsound/spec/spec30-167.html>

Distribuição e Status: Residente bastante comum distribuído na maior parte do Rio Grande do Sul. Gavião grande visto com freqüência em campos, arrozais pós-colheita e pastagens.

Características de campo: Em vô, as pontas pretas das rêmiges contrastam

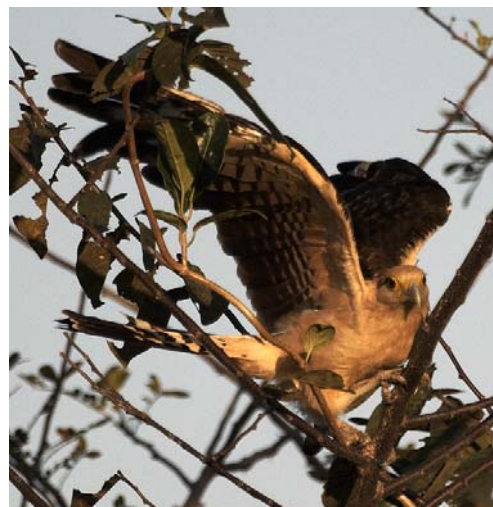
Comportamento: Frequentemente pousam bastante eretos no chão, em montes baixos ou diques ao lado de valas.

Família Falconidae

Milvago chimachima (Carrapateiro, Yellow-headed Caracara)



<http://www.oiseaux.net/photos/jean-michel.fenerole/>



<http://jboyd.net/Venezuela04/20D-1314.html>

Distribuição e Status: Residente comum na metade norte tornando-se entre escasso a raro ao sul e a oeste do Rio Grande do Sul. Ocupa margens de florestas, terrenos abertos próximos a matas, clareiras e áreas suburbanas.

Características de campo: Espécie passível de ser confundida com *Milvago chimango*. No entanto, áreas esbranquiçadas nas asas e cauda são mais claras e as marrons, em volta, são muito mais escuras que no chimango criando um contraste mais forte entre as cores.

Comportamento: Frequentemente alimentam-se de animais mortos a beira de estradas, aparecendo ocasionalmente m praias de mar para alimenta-se de restos de animais.

Milvago chimango (Chimango, Chimango Caracara)



<http://www.damisela.com/zoo/ave/otros/falcon/falconidae/milvago/chimango/>

Distribuição e Status: Residente, geralmente abundante na maior parte do Rio Grande do Sul. Ocorre em campo aberto, zonas agrícolas e margens de florestas.

Características de campo: Todo marrom, com exceção das manchas brancas nas asas e na base da cauda.

Comportamento: Frequentemente ocorre em concentrações elevadas. Alimenta-se de animais mortos a beira de estradas e em praias, mais frequentemente do que *Milvago chimachima*.

Polyborus plancus (Caracará, Crested Caracara)



<http://www.colorfotos.com.br/pantanal/>



<http://photo.zootrotters.nl/>

Distribuição e Status: Residente comum na maior parte do Rio Grande do Sul, mais abundante ao longo do litoral. Encontrado em terrenos abertos, como campos, banhados e plantações.

Características de campo: Boné preto com topete, face nua, manchas brancas nas asas e na cauda. Pele da face vermelha.

Comportamento: Espécie perseguida por fazendeiros por causar danos a coredeiros recém-nascidos e ovelhas enfraquecidas pelo parto.

Falco peregrinus (Falcão peregrino, Peregrine Falcon)



http://www.hlasek.com/falco_peregrinus

Distribuição e Status: De acordo com Nascimento (1995) esta espécie é migrante, visitante do Hemisfério Norte.

Falco sparverius (Quiriquiri, American Kestrel)



<http://www.flmnh.ufl.edu/>



<http://cedarcreek.umn.edu/birds/midsiz/falco-sparverius.jpg>

Distribuição e Status: Residente comum e abundante em campos abertos, zonas agrícolas, clareiras e banhados em todo o Rio Grande do Sul. Também encontrado em zonas urbanas

Características de campo: Tarso amarelo, bico cinza-claro na base e escurecendo gradualmente até tornar-se preto na ponta. Íris marrom, cera laranja, pele facial laranja-pálido no macho e amarela na fêmea.

Família Aramidae

Aramus guarauna (Carão, Limpkin)



<http://www.flmnh.ufl.edu/natsci/ornithology/sephotos/birdinde.htm>

Distribuição e Status: Residente comum de banhados, campos alagados, arrozais, valas com água e açudes ao longo de todo o litoral, além de áreas interiores do Rio Grande do Sul. Em geral é encontrado em lagos maiores, frequentemente em números razoáveis.

Características de campo: Plumagem quase totalmente marrom-escura com estrias brancas no pescoço. Fêmeas apresentam tarso cinza-anegrado, maxila cinza com ponta escura, mandíbula amarelo-laranja com ponta cinza, anel periocular amarelo e íris marrom.

Comportamento: Quando perturbada, a ave frequentemente corre por alguma distância antes de levantar vôo. Em vôo, levanta as asas no sentido ascendente com um movimento brusco, mantém o pescoço estendido e baixo.

Família Rallidae

Rallus sanguinolentus (Saracura-do-banhado, Plumbeos Rail)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/>



<http://www.avifaunasantafecina.8m.com/aves/>

Distribuição e Status: Residente comum em banhados de todos os tamanhos com bastante vegetação na maior parte do Rio Grande do Sul.

Características de campo: Aves oliváceas na parte superior, apresentando mancha vermelho-vivo na base do bico. Tarso laranja sem brilho a vermelho-rosado. Maxila azul na base com vermelho na tônia, verde clara no centro, tornando-se mais escura e acinzentada na direção da ponta do bico. Mandíbula vermelha na base, verde-claro no centro acinzentando-se na direção da ponta. Íris vermelho-alaranjado

Comportamento: A espécie é ouvida mais frequentemente do que vista, e emite seu chamado tanto durante o dia quanto a noite. Quando um indivíduo começa a cantar, frequentemente outros cantam junto.

Aramides cajanea (Três-potes, Gray-necked Wood-Rail)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic46-70-2.html>



http://www.amazonair.com/Llanos/llanos4_e.html

Distribuição e Status: Residente comum de matas de galeria, pedaços de mata perto de banhados e áreas pantanosas na maior parte do Rio Grande do Sul.

Características de campo: Pescoço e manto cinza, tarso vermelho-rosado, maxila amarela escura na base e gradualmente mudando de cor até tornar-se verde em cima, mandíbula verde com amarelo nos lados da base, íris vermelha-laranja, anel periocular vermelho-rosado.

Comportamento: É a saracura gaúcha mais difícil de ser observada, pois tende a não sair do seu habitat de matas, onde caminha frequentemente no meio da vegetação densa.

Porphyriops melanops (Frango-d'água-carijó, Polla Pintada, Spot-flanked Gallinule)



<http://www.avifaunasantafecina.8m.com/aves/P/Por-mel.htm>

Distribuição e Status: Residente comum em todo o sul, leste e extremo oeste do Rio Grande do Sul. Ocorre em lagoas pequenas, banhados e lagos com vegetação, mas geralmente não é encontrado em águas abertas.

Características de campo: É a menor ave desta família no estado. Apresenta a face preta, corpo com plumagem cinza e olivacea, com flancos manchados

Reprodução: A época de nidificação é prolongada. Belton (1994) descreve a presença de filhotes com adultos entre meados de outubro e março.

Comportamento: Geralmente encontrada aos pares ou em grupos familiares, raramente em bandos grandes.

Fulica armillata (Carqueja-de-bico-maculado, Red-gartered Coot)



http://ontfin.com/Fav/Red_Gartered_Coot.jpg



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/photos/fularm11671.jpg>

Distribuição e Status: Residente que ocorre em banhados, lagos e açudes, incluindo áreas relativamente grandes de águas abertas. Incomum ao longo da maior parte do litoral do Rio Grande do Sul. Presente durante todo o ano, mas efetua movimentos consideráveis e forma concentrações locais.

Características de campo: Embora substancialmente maior do que as outras duas espécies de carqueja do Estado (*Fulica leucoptera* e *Fulica rufifrons*), não é de fácil discernimento; diferenças na cor do bico e do escudo auxiliam na identificação. O bico e o escudo amarelos são separados por vermelho na base da maxila nesta espécie

Comportamento: Alimentam-se com a cabeça na água e a cauda para o ar, como certas marrecas.

Fulica leucoptera (Carqueja-de-bico-amarelo, White-winged Coot)



<http://www.cema.edu.ar/eventos/muestras/rodriguez/img/aves1/2.jpg>

Distribuição e Status: Comum a localmente abundante em banhados, lagos e açudes ao longo da parte sul, da costa até a ponta oeste do Rio Grande do Sul. Raramente encontrado ao longo do litoral nordeste. Presente durante todo o ano, mas com considerável movimento local.

Características de campo: Em vôo, uma linha branca estreita é visível nas pontas das secundárias. A cor clara do bico e do escudo mesclam-se de modo que ambos parecem formar uma unidade. O escudo desta espécie é maior e mais arredondado superiormente do que das outras duas espécies de carqueja que ocorrem no Rio Grande do Sul.

Reprodução: Estação reprodutiva bastante prolongada. Belton (1994) descreve a presença de filhotes com adultos entre meados de outubro e final de março.

Fulica rufifrons (Carqueja-de-escudo-roxo, Red-fronted Coot)



[http://ontfin.com/Fav/Red Fronted Coot2.jpg](http://ontfin.com/Fav/Red_Fronted_Coot2.jpg)

Distribuição e Status: ocupante escasso de banhados e lagos com juncos, principalmente na ponta sul do Rio Grande do Sul. Provavelmente presente durante todo o ano.

Características de campo: O escudo vermelho arroxeadado é relativamente estreito e termina em uma ponta arredondada perto da coroa. O tom escuro do escudo estende-se sobre a base do bico, que é amarelo.

Família Jacanidae

Jacana jacana (Jaçanã, Wattled Jaçanã)



http://ontfin.com/Fav/Wattled_Jacana.jpg



<http://www.justbirds.org/Trinidad/Wattled%20jacana.jpg>

Distribuição e Status: Residente encontrada em praticamente qualquer área de água com vegetação. Abundante na maior parte das áreas baixas, de comum a escassa em outros lugares, a medida que a temperatura média diminui.

Características de campo: Plumagem preta ferruginea, escudo frontal vermelho e dedos extremamente longos. Apresentam uma mancha grande verde-amarela, visível quando a asa esta aberta.

Reprodução: Estação reprodutiva prolongada. Segundo Belton (1994), de início de outubro a final de março.

Comportamento: Encontrado principalmente sobre vegetação aquática flutuante.

Família Haematopodidae

Haematopus palliatus (Piru-piru, American Oystercatcher)



<http://www.wildlifephotoprest.com/images/Birds>



<http://www.ctbirding.org/images/oystercatcher>

Distribuição e Status: Residente, abundante em praias de mar e de lagoas grandes ao longo de todo o litoral do Rio Grande do Sul.

Características de campo: Bico longo, reto e laranja-vermelho-vivo; uropígio branco e manchas brancas nas asas visíveis em vôo.

Comportamento: Geralmente encontrado aos pares ou em pequenos bandos, frequentemente fica na parte mais alta da praia, longe da água, mas também se alimenta na beira do mar.

Família Charadriidae

Vanellus chilensis (Quero-quero, Southern Lapwing)



<http://jboyd.net/Venezuela04/20D-1492.html>



<http://www.cema.edu.ar/eventos/muestras/rodriguez/17.htm>

Distribuição e Status: Residente, abundante em todo o Rio Grande do Sul. Ocorre em pastagens e outras áreas com capim baixo. Raramente em praias.

Características de campo: Tarso cinza-azulado, bico magenta sem brilho e com a ponta preta, íris e anel periocular magenta. Apresenta esporões agudos nas asas.

Reprodução: A nidificação ocorre em campos abertos, geralmente em pequenas depressões. A fêmea coloca geralmente quatro ovos.

Comportamento: Espécie agressiva e altamente territorialista, normalmente pousa no chão. Depois da nidificação, os indivíduos tendem a formar bandos.

Pluvialis dominica (Batuiruçu, Lesser Golden-Plover, American Golden-Plover)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/>

Distribuição e Status: Comum a abundante. Visitante de verão vindo da América do Norte. Encontrado ao longo de todo o litoral do Rio Grande do Sul e ocasionalmente em localidades espalhadas no interior, em praias de mar,

planícies lamacentas e pastagens alagadas. Resende e Leeuwenberg (1987) encontraram esta espécie presente na Lagoa do Peixe entre os meses de setembro e maio, com o número máximo em janeiro.

Comportamento: Quando estão se alimentando em campos podem formar bandos de 200 ou mais indivíduos, geralmente bastante espalhados. Em vôo, no entanto, eles se comportam como um bando unido, voando em formação relativamente compacta.

Pluvialis squatarola (Batuiruçu-de-axila-preta, Black-bellied Plover)



<http://www.featheredfotos.com/spppages/shorebirds/bbpl2.html>

Distribuição e Status: Incomum. Visitante de verão vindo da América do Norte. Encontrado em praias de mar e às vezes em campos alagados ou planícies lamacentas perto da costa. Na lagoa do Peixe, Resende e Leeuwenberg (1987) encontraram esta espécie durante todos os meses, com números variando de alguns poucos em junho e julho até centenas em dezembro.

Charadrius semipalmatus (Batuíra-norte-americana, Semipalmated Plover)



<http://www.oiseaux.net/photos/ian.boustead/gravelot.semipalme.1.html>



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/>

Distribuição e Status: Escasso. Visitante de verão vindo da América do Norte. Geralmente encontrado sozinho ou em pequenos bandos. Ao longo do litoral do Rio Grande do Sul, geralmente perto da costa. Em planícies lamacentas e em praias de mar. Resende e Leeuwenberg (1987) encontraram esta espécie presente na Lagoa do Peixe durante o ano todo, com um número máximo de indivíduos em março.

Charadrius falklandicus (Batuíra-de-coleira-dupla, Two-banded Plover)



http://ontfin.com/Fav/Two_Banded_plover.jpg



<http://www.greglasley.net/twobanpl.html>

Distribuição e Status: Moderadamente comum durante o inverno, sendo a maioria dos indivíduos vindos do sul. Alguns residentes, no entanto, nidificam na Lagoa do Peixe e possivelmente em outras áreas costeiras. Encontrado em praias de mar, planícies arenosas, pastagens e terras baixas ao longo da parte externa do litoral norte do Rio Grande do Sul até Tramandai. Comum na Lagoa do Peixe, em fins de maio.

Características de campo: Única batuíra no Estado com duas faixas largas, pretas ou marrom-acinzentadas, através do branco das partes inferiores. Tarso de cinza a preto, bico preto e íris marrom.

Charadrius collaris (Batuíra-de-coleira, Collared Plover)



<http://www.oiseaux.net/oiseaux/charadriiformes/images>



http://nhm.ku.edu/komar/research/jiboa/05fb_015crop.jpg

Distribuição e Status: Residente comum de praias de mar e planícies arenosas ou com capim, ao longo de todo o litoral e em localidades esparsas no interior na porção sul do Rio Grande do Sul. Aparentemente mais comum em praias de mar no inverno que no verão.

Características de campo: É a menor batuíra do Rio Grande do Sul. Apresenta somente uma listra preta no peito, tarso branco rosado, bico preto mais claro na base da mandíbula e íris marrom.

Comportamento: Quase sempre encontrado aos pares ou solitário. Parece não formar bandos.

Charadrius (Zonibyx) modestus (Batuíra-de-peito-avermelhado, Rufous-chested Dottered)



<http://www.avesphoto.com/website/CH/species/DOTRCH->

[1.htm](#)



<http://www.cvlbirding.co.uk/photos/birdgallery/rufouschesteddotte>

[rel01.jpg](#)

Distribuição e Status: Visitante de inverno, vindo de latitudes patagônicas. Comum em praias de mar, campos úmidos e planícies lamacentas e arenosas ao longo de todo o litoral do Rio Grande do Sul e em localidades esparsas nas áreas de campo do oeste do Estado.

Características de campo: Distingue-se das outras batuíras pelo peito marrom-acinzentado, ventre e garganta brancos e sobranceiras compridas que se estendem até bem atrás do olho, quando esta batuíra chega ao estado no começo do outono. Na metade de julho, a maioria dos indivíduos já adquiriu a plumagem nupcial e são facilmente distinguíveis pelo peito ferrugineo que se

separa do ventre branco por uma faixa preta e por sobrancelhas muito mais largas que se tocam na testa. A cor do tarso varia entre cinza-esverdeado-claro e preto esverdeado, bico preto e íris marrom.

Comportamento: Geralmente solitário.

Eudromias (Oreopholus) ruficollis (batuíra-de-papo-ferrugíneo, Tawny-throated Dotterel)



<http://www.avesphoto.com/website/CH/species/DOTTTH-1.htm>

Distribuição e Status: Visitante de inverno, vindo de latitudes patagônicas. Escasso, encontrado ao longo do litoral do Rio Grande do Sul. Normalmente utiliza campos abertos.

Características de campo: Garganta ferrugínea e uma mancha preta grande no centro do ventre. Tarso vermelho-arroxeadado, bico preto e íris marrom.

Comportamento: Ocorre em bandos isolados que variam de tamanho.

Família Scolopacidae

Arenaria interpres (vira-pedra, Ruddy Turnstone)



http://nhm.ku.edu/komar/research/jiboa/05fb_017crop.jpg

[http://batman.jypoly.fi/~34469/roni/kuvat/Kahlaajat/slides/Karikukko%20\(Arenaria%20interpres\).html](http://batman.jypoly.fi/~34469/roni/kuvat/Kahlaajat/slides/Karikukko%20(Arenaria%20interpres).html)

Distribuição e Status: Visitante vindo da América do Norte. Escasso, encontrado em praias de mar, enseadas costeiras e campos úmidos próximos a costa. De acordo com Resende e Leeuwenberg (1987) esta espécie foi vista durante todo o ano na Lagoa do Peixe, com o número máximo registrado no mês de abril.

Tringa flavipes (Maçarico-perna-amarela, Lesser Yellowlegs)



<http://www.bobsteelephoto.com/Species/leye.html>

Distribuição e Status: Visitante vindo da América do Norte. Encontrado no Rio Grande do Sul ao longo de todo o ano, embora os registros no inverno sejam raros. Torna-se comum durante o final de setembro até o final de março. Registros de abril e maio são escassos. Ocorre ao longo de todo o litoral do Rio Grande do Sul, bem com localidades dispersas no Planalto.

Tringa melanoleuca (Maçarico-grande-perna-amarela, Greater Yellowlegs)



<http://www.featheredfotos.com/spppages/shorebirds/grye.html>

Distribuição e Status: Visitante vindo da América do Norte. Comum na primavera e verão. Indivíduos que ficam invernando no Rio Grande do Sul concentram-se ao longo do litoral, sendo encontrados nesta região durante todo o ano, enquanto que, entre novembro e março, também ocorre através da porção sul do Estado e em localidades do extremo oeste.

Catoptrophorus semipalmatus (maçarico-de-asa-branca, Willet)



<http://www.oiseaux.net/oiseaux/charadriiformes/images/chevalier.semipalme.iabu.2g.jpg>



http://jrscience.wcp.muohio.edu/birds/tropical_bird_collection/bahamas/willet_perched.jpg

Distribuição e Status: Visitante vindo da América do Norte. Poucos registros para o Rio Grande do Sul.

Calidris canutus (Maçarico-de-papo-vermelho, Red Knot)



<http://www.oiseaux.net/oiseaux/charadriiformes/images/becasseau.maubeche.iabu.1g.jpg>



<http://www.nawwal.org/~mrgoff/photojournal/2005/winspr/pictures/05-06p20redknot.jpg>

Distribuição e Status: Visitante vindo da América do Norte. Registrado em praias de mar no Rio Grande do Sul em todos os meses com exceção de dezembro a fevereiro. Esta espécie é incomum no final de setembro e início de outubro, quando os indivíduos estão prontos para partir para o sul. Em abril e maio, no entanto, bandos dirigindo-se para o norte aparecem em abundância. De acordo com Resende e Leeuwenberg (1987), a espécie ocorre ao longo de todo o ano na Lagoa do Peixe, com um máximo em abril.

Calidris minutilla (Maçariquinho, Least Sandpiper)



http://nhm.ku.edu/komar/imagegallery/bird_index.html



<http://www.nawwal.org/~mrgoff/photojournal/2005/winspr/04-29p214lsandpiper.html>

Distribuição e Status: Visitante vindo da América do Norte. O primeiro registro para o Rio Grande do Sul foi em 1984 na Lagoa do Peixe (Harrington, 1984 *apud* Belton, 1994).

Calidris fuscicollis (Maçarico-de-sobre-branco, White-rumped Sandpiper)



<http://www.oiseaux.net/oiseaux/charadriiformes/images/becasseau.de.bonaparte.camu.1g.jpg>



<http://www.praktejder.se/images/2005/0505/VitgumpMN-050515.htm>

Distribuição e Status: Visitante vindo da América do Norte. Aparece no Rio Grande do Sul em pequeno numero na primavera, tornando-se mais comum durante o verão. De fevereiro ate a metade de abril é abundante ao longo de praias de mar. Poucos indivíduos ainda são encontrados em maio. De acordo com Resende e Leeuwenberg (1987), a espécie ocorre ao longo de todo o ano na Lagoa do Peixe, com um máximo em novembro e dezembro. Além das praias de mar, este maçarico ocorre ocasionalmente próximo a lagos pequenos e beiras de açudes no interior do Estado.

Calidris melanotos (Maçarico-de-colete, Pectoral Sandpiper)



<http://www.bobsteelephoto.com/Species/pesa.html>

Distribuição e Status: Visitante de verão vindo da América do Norte. Incomum, ocupa margens com gramíneas de lagos pequenos e açudes, valas na beira da estrada e extensões de água não permanentes em campos e pastagens. Ocorre na maior parte da metade sul do Rio Grande do Sul, do interior ate as praias de mar, também ocorrendo no extremo oeste do Estado. São observados a partir do final de setembro até o final de março.

Comportamento: Geralmente solitário ou em grupos bem pequenos.

Calidris pusilla (Maçarico-miúdo, Semipalmated Sandpiper)



<http://www.bobsteelephoto.com/Species/pesa.html>

Distribuição e Status: Visitante de verão vindo da América do Norte. O primeiro registro para o Rio Grande do Sul foi em 1984 na Lagoa do Peixe (Harrington, 1984 *apud* Belton, 1994).

Calidris alba (Maçarico-branco, Sanderling)



<http://www.bobsteelephoto.com/Species/pesa.html>

Distribuição e Status: Visitante de verão vindo da América do Norte. Abundante entre o final de novembro até meados de maio. De acordo com Resende & Leeuwenberg (1987), a espécie ocorre ao longo de todo o ano na Lagoa do Peixe, com um máximo em novembro e dezembro. Morrison & Ross (1989 *apud* Belton, 1994) afirmaram que as praias de mar do Rio Grande do Sul são a mais importante área de invernada para esta espécie na costa Atlântica da América do Sul.

Comportamento: É encontrado quase que exclusivamente em praias de mar.

Calidris (Micropalama) himantopus (Maçarico-pernilongo, Stilt Sandpiper)



<http://www.surfbirds.com/mb/Features/waders/wader-gallery-part4.html>



<http://www.wildlifeweb.co.uk/birdlists/pics/stiltsan.jpg>

Distribuição e Status: Visitante vindo da América do Norte. Escasso. De acordo com Resende & Leeuwenberg (1987), a espécie ocorre irregularmente na Lagoa do Peixe até o começo de outubro, quando passa a ser observada com maior regularidade, não tendo sido observada durante os meses de janeiro e fevereiro e junho e julho.

Tryngites subruficollis (Maçarico-acanelado, Buff-breasted Sandpiper)



<http://www-chaos.engr.utk.edu/~kde/birds/pics/birds/BIRDpics.html>



http://perso.wanadoo.es/sghnornitologia/IMAXES_GAL_ORNITO/Tryngites_subruficollis.jpg

Distribuição e Status: Visitante de verão vindo da América do Norte. Comum no litoral e em áreas úmidas com gramíneas, frequentemente em companhia de *Pluvialis dominica* (família Charadriidae). Registrada em todos os meses entre agosto e abril.

Numenius phaeopus (Maçarico-de-bico-torto, Whimbrel)



<http://www.bobsteelephoto.com/Species/whim.html>

Distribuição e Status: Visitante de verão vindo da América do Norte. Pouco comum. Resende & Leeuwenberg (1987) registraram a ocorrência da espécie na Lagoa do Peixe entre dezembro e abril.

Limosa haemastica (Maçarico-de-bico-virado Hudsonian Godwit)



http://www.oiseaux.net/oiseaux/charadriiformes/images/barge_hudsonienne.cam.1g.jpg



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic62-30-7.html>

Distribuição e Status: Visitante vindo da América do Norte. Resende & Leeuwenberg (1987) registraram a ocorrência da espécie na Lagoa do Peixe ao longo de todo o ano, com o máximo em novembro.

Limnodromus griséus (Narceja-de-costas-brancas, Short-billed Dowitcher)



<http://www.featheredfotos.com/spppages/shorebirds/sbdo2.htm>

Distribuição e Status: Visitante vindo da América do Norte. Poucas ocorrências para o Rio Grande do Sul, tendo sido confirmada por Harrington et al. (1986 apud Belton, 1994), quando a espécie foi observada na Lagoa do Peixe, entre final de abril e início de maio.

Gallinago gallinago (Narceja, Common Snipe)



http://www.waarneming.nl/foto_overzicht.php?id_vogel=25



<http://www.oiseaux.net/oiseaux/charadriiformes/images/becassine.des.marais.yvth.1g.jpg>

Distribuição e Status: Residente comum no litoral do Rio Grande do Sul, áreas de campo do oeste e do planalto, campos úmidos e margens gramíneas de lagos e açudes.

Reprodução: Existem indícios de que a nidificação ocorre na primavera. No entanto, há relatos de que a nidificação ocorra no fim de outono ou no inverno.

Família Recuvirostridae

Himantopus himantopus (Pernilongo, Black-necked Stilt)



<http://www.wildlife-photo.org/wildlife-photography-pictures-ru/himantopus-himantopus-ru.htm>



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic57-1-2.html>

Distribuição e Status: Residente abundante encontrado em todo o Rio Grande do Sul, com exceção do extremo norte e planalto, ocorrendo em campos alagados, margens de banhados, lagos, açudes e praias de mar.

Características de campo: pernas extremamente longas e delgadas; corpo preto e branco com um pouco de cinza. Tarso rosa-laranja, bico preto e íris castanha clara.

Comportamento: alimenta-se “varrendo” a água, de um lado para o outro, com o bico semi-aberto.

Família Thinocoridae

Thinocorus rumicivorus (agachadeira-mirim, Least Seedsnipe)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic64-4-1.html>

Distribuição e Status: Residente. O primeiro registro para o Brasil foi em 1990, em campos úmidos, na margem da Lagoa do Peixe (Antas, 1992 apud Belton 1994).

Família Chionidae

Chionis alba (pomba-antártida, Snowy Sheathbill)



http://www.avespampa.com.ar/Paloma_Antartica.jpg



http://www.birdinfo.com/A_Images_S/SnowySheathbill_0007.html

Distribuição e Status: Classificado por Nascimento (1995) como sendo Pelágico vagante. O primeiro registro para o Rio Grande do Sul foi em 1973 na praia a sudoeste do Cassino (Belton, 1974 *apud* Belton 1994).

Características de Campo: toda a plumagem é branca, com bico e cauda curtos. Postura ereta. Tarso cinza-claro e cinza-escuro, bico dividido em aproximadamente quatro setores diferentes de cor, de cinza-claro na base, passando por verde a amarronzado, até chegar a preto na ponta. Íris marrom e anel periocular rosa.

Família Stercorariidae

Stercorarius parasiticus (gaivota-rapineira-comum, Parasitic Jaeger)



<http://www.bobsteelephoto.com/Species/paja.html>



<http://www.oiseaux.net/oiseaux/charadriiformes/images/labbe.parasite.emfr.1g.jpg>

Distribuição e Status: Classificado por Nascimento (1995) como sendo visitante pelágico vindo do hemisfério norte.

Características de Campo: Tarso preto com manchas cinza-claras. Bico preto com cúlmen do selin supra-nasal acinzentado. Íris escura.

Família Laridae

Larus dominicanus (gaivotão, Kelp Gull)



<http://www.oiseaux.net/oiseaux/charadriiformes/images/goeland.dominicain.pain.3g.jpg>



<http://www.racerocks.com/racerock/eco/taxalab/gullfeed.jpg>

Distribuição e Status: Residente ao longo de toda a costa do Rio Grande do Sul, na Lagoa Mirim e Lagoa dos Patos. Geralmente ocorre nas extensões de grandes extensões de água, aventurando-se com pouca frequência para o interior. Escassa no litoral nordeste, comum em lagoas grandes e bastante variável próximo à Barra do Rio Grande, indo de escassa a muito abundante, sem nenhuma sazonalidade aparente.

Características de Campo: Única gaivota grande provável de ser vista no Estado. Única gaivota sem preto no bico. Tarso cinza-amarelado; bico amarelo com mancha laranja redonda e pequena, na mandíbula perto da ponta. Íris cinza e anel periocular amarelo.

Comportamento: Reúnem-se na praia para alimentar-se de restos de peixes.

Larus cirrocephalus (Gaivota-de-cabeça-cinza, Grey-hooded Gull)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic67-29-3.html>



http://ontfin.com/Fav/Gray_Headed_Gull.jpg

Distribuição e Status: Os poucos registros desta gaivota para o Rio Grande do Sul podem ser devido à dificuldade de diferenciá-la da abundante *Larus maculipennis*.

Características de Campo: A distinção entre esta gaivota e *Larus maculipennis*, em plumagem de repouso sexual, depende das asas, as quais na segunda têm uma área muito maior de branco, especialmente nas pontas

das primárias. De acordo com Belton (1994), esta característica é relativa, não sendo fácil seu discernimento com certeza.

Comportamento: Tarso laranja-pálido tingido de preto, bico laranja-pálido com ponta preta e íris marrom.

Larus maculipennis (Gaivota-maria-velha, Brown-hooded Gull)



<http://www.avesphoto.com/website/CH/species/GULBRH-1.htm>



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/photos/larmac11610.jpg>

Distribuição e Status: Residente abundante ao longo de todo o litoral do Rio Grande do Sul, incluindo áreas a alguma distancia de grandes corpos d'água, aparecendo ocasionalmente em terrenos ondulados ao pé da serra. Utiliza principalmente praias e margens de grandes extensões de água, mas também é comum entorno de lagos rasos com banhados, pastagens alagadas e em campos recém-arados. Presente durante todo o ano, mas movimentos locais consideráveis são influenciados por fontes de alimentos. Frequentemente escassa na primavera e verão ao longo das praias do nordeste.

Características de Campo: Na plumagem nupcial, a cabeça marrom anegrada com um semi-círculo branco entorno da parte posterior do olho a diferencia de *Larus cirrocephalus*.

Reprodução: Belton (1994) observa que a plumagem nupcial torna-se mais comum no final de julho. Há registros de aves nidificando em outubro e novembro.

Comportamento: As aves costumam caçar insetos em vôo e se alimentam de restos de peixes na praia juntamente com *Larus dominicanus*.

Larus belcheri (Gaivota-de-rabo-preto, Band-tailed Gull)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic67-3-4.html>



<http://www.stevemetzphotography.com/images/Chile/Band-tailed-Gull1b.jpg>

Distribuição e Status: Nascimento (1995) classifica esta espécie como vagante.

Chlidonias niger (Trinta-réis-negro, Black Tern)



http://www.hlasek.com/foto/chlidonias_niger

Distribuição e Status: Nascimento (1995) classifica esta espécie como migrante, visitante do Hemisfério Norte e vagante.

Gelochelidon nilotica (Trinta-réis-de-bico-preto, Gull-billed Tern)



<http://www.ppp.agenciaekoserwis.pl/i/Gelochelidon%20nilotica%20110704%20Turawski%20Gebski3.jpg>



http://www.hlasek.com/gelochelidon_nilotica_558.html

Distribuição e Status: Incomum ao longo do litoral do Rio Grande do Sul, ocorrendo principalmente no sul e na península de Mostardas, geralmente no interior e próximo a locais com água doce.

Características de campo: Tarso preto-avermelhado e bico preto.

Reprodução: Resende & Leeuwenberg (1987) encontraram ninhos desta espécie entre meados de novembro e final de janeiro na Lagoa do Peixe.

Comportamento: Geralmente encontrada solitária ou em pares.

Sterna hirundinacea (Trinta-réis-de-bico-vermelho, South American Tern)



http://www.birdinfo.com/A_Images_S/SouthAmericanTern_0005.html

Distribuição e Status: Esporadicamente comum, mas frequentemente escasso ou ausente em praias de mar em todo o Rio Grande do Sul. Ocorre próximo a banhados de água doce e em lagos no interior ao longo do litoral. Parece estar ausente da costa gaúcha durante os meses de verão.

Características de campo: Único trinta-réis de tamanho médio, com bico e patas vermelho-vivo e com cauda longa e bifurcada, provável de ser visto no Estado. Tarso e bico laranja-avermelhado e íris marrom.

Reprodução: Aparentemente reproduzem-se durante do verão do Hemisfério sul. Não há registro de nidificação para o Estado.

Comportamento: Comumente encontrado em bandos pequenos, esparsamente espalhados ao longo das praias de mar.

Sterna hirundo (Trinta-réis-boreal, Common Tern)



<http://www.andreavellani.it/images/gliuccelli/sternacomune.jpg>



<http://www.oiseaux.net/photos/yves.thonnerieux/sterne>

Distribuição e Status: Visitante vindo do Hemisfério Norte sendo encontrados na Lagoa do Peixe durante todo o ano, em abundancia durante o verão e pouco abundante no inverno. Resende & Leeuwenberg (1987) informaram que os picos de abundancia ocorrem em janeiro, diminuindo rapidamente após a metade de fevereiro.

Sterna trudeaui (Trinta-réis-de-coroa-branca, Snowy-crowned Tern)



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/snowy-crownedtern.html>

Distribuição e Status: Residente comum de praias de mar e lagos interiores, banhados e açudes, em toda a extensão do litoral e no oeste do Rio Grande do Sul.

Características de campo: Na plumagem nupcial o branco puro do boné é característico, sendo este o único trinta-réis gaúcho que nunca tem coroa preta. Tarso-amarelo tingido de marrom ou preto, bico amarelo com listra carregada na metade distal, com exceção da ponta e íris marrom.

Sterna superciliaris (Trinta-réis-anão, Yellow-billed Tern)



<http://www.oiseaux.net/photos/patrick.ingremeau/sterne.argentee.2.html>

Distribuição e Status: Residente incomum ao longo do litoral e em vários locais no interior, na depressão central e porção meridional do Rio Grande do Sul. Encontrado próximo a praia, em banhados de água doce, lagos, açudes e rios.

Características de campo: É o único trinta-réis realmente pequeno no Estado, e o único com bico amarelo e pequeno. Tarso amarelo esverdeado, bico amarelo com ponta preta e íris escura.

Reprodução: Belton (1994) registrou a ocorrência de ninho com ovos no final de dezembro.

Sterna máxima (Trinta-réis-real, Royal Tern)



http://home.comcast.net/~harrington.james/anna_maria_island/anna_maria_island_florida_birds_wildlife_2.html



<http://wildpic.tripod.com/wild/charadriiformes/royalterns.html>

Distribuição e Status: Escasso, provavelmente residente, encontrado em localidades dispersas em praias de mar no Rio Grande do Sul. Registrada junho a setembro, novembro, fevereiro e abril.

Características de campo: Maior de todos os trinta-réis gaúchos. Apresenta topete nugal proeminente. Tarso preto, bico laranja-avermelhado e íris marrom.

Comportamento: Voa vagarosamente, batendo as asas muito compridas em movimento que lembra o de uma gaivota.

Sterna eurygnatha (Trinta-réis-de-bico-amarelo, Cayenne Tern)



http://www.ib.usp.br/ceo/imag_sons/fvlarid.htm



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/cayennetern.html>

Distribuição e Status: Ocorre ao longo de toda a extensão das praias de mar do Rio Grande do Sul. Registrado no estado de junho a setembro, novembro, janeiro e fevereiro. Estas épocas coincidem com as oscilações de densidade populacional no Uruguai (Scalante, 1970 *apud* Belton, 1994).

Características de campo: Ave grande, com boné preto, bico amarelo comprido e relativamente delgado, tarso laranja com preto, dedos pretos no lado superior e íris escura.

Reprodução: Não há registro de colônia reprodutiva para o Estado, sendo possível que as aves que aqui invernam formem bandos no final de setembro e voem para o sul para nidificar.

Anous stolidus (Andorinha-do-mar-preta, Brown Noddy)



<http://www.kingsnake.com/westindian/anousstolidus1.JPG>



<http://geocities.yahoo.com.br/catamarasanuk/catamara/viuvinha.gif>

Distribuição e Status: Nascimento (1995) classifica esta espécie como vagante e a descreve de águas tropicais, sendo que um registro a cerca de 10 km ao norte da barra da Lagoa do Peixe em abril de 1992, constitui-se como o mais ao sul de sua área de distribuição.

Reprodução: Ocorre em ilhas oceânicas como Penedos de São Pedro e São Paulo, Atol das Rocas, Fernando de Noronha, Trindade e Martim Vaz.

Família Rynchopidae

Rynchops niger(nigra) (Talha-mar, Black Skimmer)



Black Skimmer, ©Dan Sudia

<http://www.flmnh.ufl.edu/NATSCI/IMAGES/ORNITH/GALLERY/SKIMMRBL.JPG>



<http://www.itaicora.com/safarinautico/aves/uniformados.jpg>

Distribuição e Status: Residente. Encontrado em praias de mar, bancos de areia e planícies lamacentas ao longo da costa, enseadas e lagoas litorâneas grandes, geralmente no lado do oceano e, ocasionalmente, em rios e grandes açudes no interior do Rio Grande do Sul. Há registros de indivíduos ou grupos pequenos para julho à dezembro, e bandos grandes para janeiro, fevereiro e abril.

Características de Campo: Mandíbula vermelho-vivo com parte inferior do bico mais longa do que a superior.

Reprodução: De acordo com Belton (1994) na ausência de evidências de colônias reprodutivas grandes, ainda não se sabe se os bandos vem de fora do Estado, ou se correspondem a reuniões pós-reprodutivas de indivíduos que nidificaram ou nasceram em localidades do Rio Grande do Sul.

Família Columbidae

Columbina talpacoti (rolinha-roxa, Ruddy Ground-dove)



<http://www.oiseaux.net/oiseaux/columbiformes/images/colombe.rousse.pain.1g.jpg>



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/photos/coltal8657.jpg>

Distribuição e Status: Residente. Comum a abundante durante todo o ano, com exceção de áreas com altitudes acima dos 750 m, e rara dentro da faixa de aproximadamente 100 Km ao longo da fronteira uruguaia. Encontrada principalmente no chão, em uma grande variedade de habitats abertos ou com capoeiras, especialmente ao longo de estradas de terra. Mostra preferência por locais úmidos, próximos a riachos e banhados.

Características de Campo: A única rola pequena no Estado com corpo e asas ferrugíneas (macho) ou amarronzada (fêmea), e com coberteiras alares com manchas pretas. Tarso rosa, bico cinza e íris vermelha.

Comportamento: Geralmente encontrada aos pares, com pouca tendência a formar bandos.

Columbina picui (rolinha-picuí, Picui Ground-dove)



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/photos/colpicui11202.jpg>

Distribuição e Status: Residente. Abundante durante o ano todo em todos os setores do Rio Grande do Sul, com exceção da região nordeste em altitudes superiores a 700 m. Encontrada no chão ou em vegetação baixa, capoeiras, áreas com plantação de cereais e ao longo de estradas.

Características de Campo: Pequena, cinzenta, reconhecida imediatamente, em vôo, pela área branca extensa na cauda, e pelo contraste de preto e branco nas asas. Tarso vermelho-escuro, bico preto. Íris com anéis concêntricos de dentro para fora, de bege, azul vivo e carmin (macho); fêmeas com íris esbranquiçada.

Reprodução: Período reprodutivo amplo.

Comportamento: Geralmente encontrada aos pares, ou em pequenos bandos.

Leptotila verreauxi (juriti-pupu, White-tipped Dove)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic72-133-1.html>



<http://www.avesphoto.com/website/NA/species/DOVWTP-1.htm>

Distribuição e Status: Residente comum do chão e estratos inferiores de matas do Rio Grande do Sul, frequentemente alimentando-se em campos abertos.

Características de Campo: Tamanho médio e cauda com ponta branca, pele orbital azul e testa escura e amarronzada, tarso rosa, bico preto e íris laranja-pálida.

Reprodução: Nidifica em árvores baixas, entre novembro e janeiro.

Comportamento: Encontrada solitária ou aos pares, embora números maiores ocorram ocasionalmente em áreas de alimentação. Geralmente tímidas, fugindo para a mata ao primeiro sinal de intrusos.

Família Cuculidae

Piaya cayana (Alma-de-gato, Squirrel cuckoo)



http://www.angelfire.com/bc/gonebirding/images/squirrel_cuckoo_3_B.JPG



http://ontfin.com/Fav/Squirrel_Cuckoo2.jpg

Distribuição e Status: Residente comum de florestas e matas abertas na maior parte do Rio grande do Sul, mas é escasso nas partes mais altas do nordeste e não foi registrado ao sul de Rio Grande.

Características de Campo: Cauda extremamente longa com penas fortemente graduadas com as pontas brancas, tarso cinza, bico verde claro, íris vermelha, anel periorcular e pele orbital vermelhos.

Crotophaga ani (Anu-preto, Smooth-billed Ani)



<http://www.oiseaux.net/photos/patrick.ingremeau/>



<http://www.manqoverde.com/birdsound/picpages/pic76-125-2.html>

Distribuição e Status: Residente abundante na maior parte do Rio Grande do Sul, mas evita as áreas mais elevadas do nordeste. Habita capoeiras, cercas vivas, campos e vegetação de beira de estrada.

Características de Campo: Plumagem toda preta, maxila alta, tarso e bico pretos e íris marrom.

Comportamento: Vive em bandos pequenos, ocasionalmente alimenta-se próximo ao gado, capturando insetos levantados pelos animais.

Guira guira (Anu-branco, Guira Cuckoo)



<http://photo.zootrotters.nl/albums/BatchUpload/Dierentuinen/Antwerpen/Guira-Koekoek1.jpg>



http://www.slideandprint.com/images/Gallery3/DSC_2352E.jpg



<http://www.mangoverde.com/birdsound/images/0000011788.jpg>

Distribuição e Status: Uma das espécies mais abundantes e amplamente distribuídas. É encontrada em todos os setores do Rio Grande do Sul, durante todo o ano. Ocupa campos, cercas-vivas, capoeiras, pomares e vegetação na beira de estradas.

Características de Campo: Topete eriçado laranja-ferrugíneo, pele em volta do olho amarela, cauda longa com base e pontas brancas em todas as penas, com exceção das centrais, tarso cinza-claro, bico com quantidades variáveis de laranja e amarelo e algumas vezes com o cúlmen marrom, íris laranja e pele orbital amarelo a verde-amarelado.

Comportamento: Quando pousados, as asas geralmente ficam caídas nos lados, expondo o branco no dorso, aparentemente para absorver o calor do sol, pois este comportamento ocorre com menor frequência em dias nublados. Quando se empoleiram para passar a noite e em dias frios o bando se amontoa junto, formando uma massa compacta. Os bandos se alimentam em campos com inços, avançando um ao lado do outro em busca de insetos, répteis e anfíbios.

Tapera naevia (Saci, Striped Cuckoo)



<http://www.oiseaux.net/photos/patrick.ingremeau/geocoucou.tachete.4.html>

Distribuição e Status: Residente comum da depressão central, litoral e sul do Rio Grande do Sul e ao longo do Rio Uruguai até o extremo norte, mas não registrado na maior parte do planalto nem em algumas áreas do sudoeste. Ocupa principalmente áreas com capoeiras, cercas vivas, vegetação de restingas e florestas.

Características de Campo: Topete desgrenhado, ferrugíneo e com estrias pretas, peito cinza-amarelado sem marcas, tarso cinza, maxila cinza escura ou marrom clara, com cúlmen preto, mandíbula cinza-clara a esbranquiçada, íris esbranquiçada e anel periocular cinza-claro.

Comportamento: Muito mais ouvido do que visto. O hábito de mover as alulas pretas longas para frente e para trás sobre o peito mais claro lhe deu o nome de “quatro-asas” em algumas regiões.

Família Tytonidae

Tyto alba (Coruja-da-igreja, Barn Owl)



www.wildlife-foto.org

Distribuição e Status: Residente incomum registrada na metade leste da depressão central e no litoral, sendo também encontrada nos morros do sul e no noroeste do Rio Grande do Sul.

Características de Campo: É a coruja gaúcha de coloração mais clara. Asas compridas, tarso cinza, maxila branca com bordas cinza, mandíbula cinza com manchas brancas e íris escura.

Reprodução: Registros de nidificação em torres de igrejas.

Família Strigidae

Speotyto cunicularia (coruja-do-campo, Burrowing Owl)



http://www.treknature.com/images/photos/885/crw_0194.jpg



http://www.treknature.com/images/photos/885/crw_0193.jpg

Distribuição e Status: Residente comum e abundante em todo o Rio Grande do Sul. Ocorre em campos abertos, pastagens e espinilho.

Características de Campo: Coruja diurna com pernas longas, tarso coberto por penas, patas cinza, bico verde-claro com ponta esbranquiçada e íris amarela.

Comportamento: Costuma pairar no ar, sobre campos. Normalmente pousa em montes baixos e postes de cercas.

Rhinoptynx clamator (coruja-orelhuda, Striped owl)



http://www.pantanal.it/mocho-orelhudo_rhinoptynx_clamator.jpg



<http://photo.zootrotters.nl/albums/BatchUpload/Dierentuinen/Antwerpen/Ohoe.jpg>

Distribuição e Status: Residente incomum ao longo da maior parte do litoral e na porção leste da depressão central do Rio Grande do Sul. Ocupa capões perto de banhados e campos alagados.

Características de Campo: Tamanho grande, “orelhas proeminentes”, parte inferior riscada com marrom escuro em um fundo creme. Tarso coberto por penas, bico preto e íris marrom clara.

Comportamento: De hábitos noturnos, ocasionalmente aparece durante o dia.

Família Trochilidae

Hylocharis chrysurus (Beija-flor-dourado, Gilded Hummingbird)



<http://www.cvlbirding.co.uk/photos/birdgallery/gildedssapphire01.jpg>



<http://www.bolivianbeauty.com/Mysteries/Hylocharis2.jpg>

Distribuição e Status: Residente comum a abundante na porção leste da depressão central, litoral, com exceção da porção norte e ao longo do sul do Rio Grande do Sul, com raras ocorrências no planalto. Ocorrem em capoeiras, beiras de florestas e cercas-vivas e espinilho.

Características de Campo: Cauda bronzeada, bico vermelho alaranjado com ponta preta, tarso preto e íris escura.

Comportamento: Foi observado que alguns indivíduos ficam tão cobertos de pólen na cabeça e bico, que inviabiliza uma identificação rápida.

Família Alcedinidae

Ceryle torquata (Martim-pescador-grande, Ringed Kingfisher)



<http://www.cayaya-birding.com/certor.jpg>



<http://www.greglasley.net/Images/Ringed-Kingfisher-0015.jpg>

Distribuição e Status: Residente comum na depressão central, ao longo do litoral e no oeste, um pouco menos no sudoeste do Rio Grande do Sul. Incomum no nordeste, não tendo sido registrado nos morros do sul e na maior parte do planalto. Ocorre em banhados, lagos e rios.

Características de Campo: Ave grande, cinza-azulado em cima e castanho embaixo, tarso cinza-amarelado, maxila preta com cinza-esverdeado nos lados da base, mandíbula cinza-esverdeado com ponta preta e íris marrom.

Chloroceryle amazona (Martim-pescador-verde, Amazon Kingfisher)



http://www.wildbirdgallery.com/images/birds/chloroceryle_amazona/amazona5.jpg

Distribuição e Status: Residente comum em toda a depressão central, ao longo do litoral, na metade sul e no oeste do Rio Grande do Sul. Ocasionalmente encontrado no topo da escarpa no nordeste do estado. Ocorre em riachos, banhados, canais de drenagem, lagos e açudes.

Características de Campo: Ave grande, lado superior verde-escuro, tarso e bico pretos e íris escura.

Chloroceryle americana (Martim-pescador-pequeno, Green Kingfisher)



<http://www.martinreid.com/Image%20files/greenkingfisher2.jpg>



Photo/Robert Straub

http://www.geocities.com/avesxal/GRKI_coax_nov_2004_042_photoshop_signed_websmall.jpg

Distribuição e Status: Residente comum através da depressão central até o oeste, ao longo do litoral, no sul do Rio Grande do Sul, não tendo sido registrado nas porções mais altas do nordeste do estado.

Características de Campo: Ave pequena, lado superior verde-escuro, bico relativamente delgado e preto, tarso preto e íris marrom.

Reprodução: Relatos de ninhos com filhotes no final de outubro.

Família Picidae

Colaptes campestris (Pica-pau-do-campo, Field Flicker)



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/campo%20flicker.HTML>



<http://www.avespampa.com.ar/CarpinteroCampestre.jpg>

Distribuição e Status: Uma das espécies mais abundantes e mais bem distribuídas no Rio Grande do Sul. Residente em todo o Estado, embora seja menos comum no extremo norte. Encontrada em campos, beiras de matas e em cercas e postes.

Características de Campo: Boné preto, peito amarelo, uropígio claro, tarso cinza a verde-acinzentado, bico preto e íris marrom-avermelhada.

Reprodução: Ninhos com ovos e ninhegos são descritos entre início de outubro e novembro.

Comportamento: Social, geralmente visto em grupos pequenos, frequentemente visto pousado em postes.

Família Thamnophilidae

Thamnophilus ruficapillus (Choca-boné-vermelho, Rufous-capped Antshrike)



<http://www.mangoverde.org/birdsound/picpages/pic109-43-3.html>

Distribuição e Status: Residente muito comum na maior parte do Rio Grande do Sul, encontrado em áreas abertas, com arbustos, capoeiras, cercas-vivas e matagais, mas não em florestas.

Características de Campo: Boné ferrugíneo, peito listrado, tarso cinza a cinza-anegrado, maxila preta, mandíbula cinza-clara com ponta escura, íris laranja a vermelha.

Família Furnariidae

Geositta cunicularia (Curiqueiro, Common Miner)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic107-4-1.html>

Distribuição e Status: Residente comum a abundante em solos arenosos ao longo de todo o litoral do Rio Grande do Sul. Menos freqüente na margem oeste da Lagoa dos Patos e no extremo oeste do estado.

Características de Campo: Sobrancelha comprida e branca, tarso cinza-escuro a anegrado, bico preto com cinza ou rosado na base da mandíbula e íris escura.

Comportamento: Normalmente pousa no chão em áreas abertas, voa baixo e quando se alimenta, frequentemente balança a cauda para cima e para baixo.

Furnarius rufus (João-de-barro, Rufous Hornero)



<http://www.avespampa.com.ar/Hornero.htm>

Distribuição e Status: Uma das espécies mais abundantes e mais amplamente distribuídas e mais bem conhecidas do Rio Grande do Sul. Ocupa terrenos abertos, margens de florestas, plantações de eucaliptos, espinilho e áreas suburbanas em todos os setores do Estado durante todo o ano. É menos comum nas regiões altas do nordeste do Estado

Características de Campo: A cauda de cor ferrugíneo contrasta com o restante do lado superior mais fosco, tarso anegrado, maxila marrom-anegrada a preta, mandíbula esbranquiçada ou rosada com ponta escura e íris laranja-avermelhada.

Reprodução: A construção dos ninhos de barro em forma de iglu ocorre durante a maior parte do ano. Registros de filhotes sendo alimentados vão de final de outubro a final de janeiro.

Comportamento: Atividade de construção dos ninhos geralmente é intensa após as chuvas, sendo interrompida quando não há lama disponível. Tais ninhos são frequentemente construídos em postes de luz e de cercas, cumieira de telhados e galhos de aves, constituindo-se uma característica marcante da paisagem gaúcha. Durante o canto, as aves vibram vigorosamente as asas e a cauda.

Limnornis curvirostris (Junqueiro-de-bico-curvo, Curve-billed Reedhaunter)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic107-56-1.html>



<http://bird.incoming.jp/22/3930.html>

Distribuição e Status: Residente moderadamente comum ao longo do litoral, especialmente no sul do Rio Grande do Sul, habitando capins cortantes e juncais em banhados e ao longo de suas margens.

Características de Campo: Bico comprido e curvado para baixo, superciliar esbranquiçada, cauda ferruginea, tarso cinza, maxila marrom a anegrada, mandíbula branca com manchas marrons e íris marrom.

Comportamento: Geralmente permanece perto do chão, em vegetação densa, subindo de vez em quando em hastes de capim para cantar.

Phleocryptes melanops (Bate-bico, Wren-like Rushbird)



http://ontfin.com/Fav/Wren_Like_Rushbird.jpg

Distribuição e Status: Residente comum em juncais ao longo do litoral, também encontrado em uns poucos locais no sudoeste do Rio Grande do Sul.

Características de Campo: Superciliar clara e proeminente, área preta extensa e estriada com branco na porção dorsal, asas ferrugíneas e pretas, tarso cinza, maxila marrom a preta, mandíbula esbranquiçada, rosada ou cinza esverdeada na base e escura na ponta e íris marrom.

Reprodução: Período de nidificação prolongado, ninhos com ovos foram encontrados do início de outubro a meados de janeiro.

Comportamento: Emite som de bico batendo, embora este seja considerado por Belton (1994) essencialmente vocal ao invés de mecânico.

Synallaxis spixi (João-teneném, Spix'Spinetail)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic107-75-2.html>

Distribuição e Status: Residente muito comum na maior parte do Rio Grande do Sul, embora não registrado para a porção sudoeste e considerado escasso ao longo da fronteira com o Uruguai. Encontrado em capoeiras e matagais, dando preferências para moitas de arbustos e touceiras de capim, e sub-bosques densos em áreas pantanosas.

Características de Campo: Boné e coberteiras alares de cor ferrugínea, cauda marrom-acinzentada, tarso cinza a cinza esverdeado, maxila preta, mandíbula cinza e íris marrom-avermelhada a laranja.

Comportamento: Muito ativo, constantemente se movimentando dentro da cobertura densa de seu habitat normal, subindo em árvores ocasionalmente.

Certhiaxis cinnamomea (Curutiê, Yellow-chinned Spinetail)



<http://pdubois.free.fr/guyane/images/1898CerthiaxisCinnamomea.jpg>



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages>

Distribuição e Status: Residente encontrado ao longo da maior parte dos dois terços meridionais do Rio grande do Sul, mas raro próximo à fronteira uruguaia e planalto. Especialmente comum ao longo do litoral e na parte leste da depressão central do estado. Ocorre em banhados e áreas úmidas com juncais ou arbustos pequenos.

Características de Campo: Boné, asas e cauda ferrugíneos, porção inferior esbranquiçada, bico relativamente comprido e mancha amarela na garganta nem sempre visível. Tarso cinza-claro a cinza-esverdeado, maxila preta, mandíbula cinza com ponta preta, íris laranja-pálida ou esbranquiçada, com tom avermelhado ou com a borda interna avermelhada.

Anumbius annumbi (Cochicho, Firewood-gatherer)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic107-167-2.html>

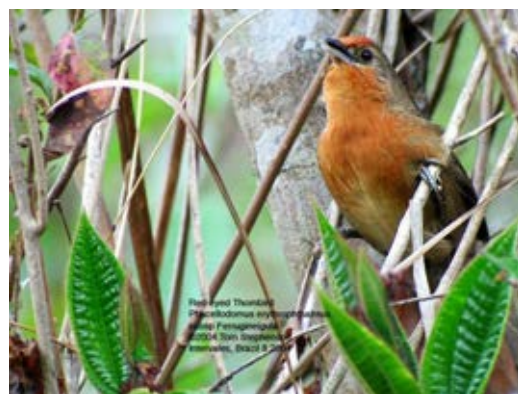
Distribuição e Status: Residente comum no estado do Rio Grande do Sul, com exceção do extremo noroeste e regiões na parte central do oeste e nordeste do Estado. Ocorre em terrenos abertos, matagais e campos com arvores esparsas.

Características de Campo: Cauda com ponta branca em forma de leque, colar de manchas pretas circundando a garganta branca, tarso cinza-esverdeado, maxila marrom-claro, mandíbula cinza-claro e íris avermelhada.

Reprodução: Construção de ninhos foi observada da metade de outubro ate o final de março.

Comportamento: Balança a cauda com bastante violência quando perturbado.

Phacellodomus erythrophthalmus (João-botina, Red-eye Thornbird)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic107-165-3.html>

Distribuição e Status: Incomum. Provável residente, não tendo sido, no entanto, registrado entre março e maio. Registrado ao sul ao longo do litoral do Rio Grande do Sul. Ocorre em pântanos e áreas com banhados, geralmente com árvores ou arbustos altos.

Características de Campo: Parte anterior do vértice, garganta e peito ferrugineo-vivo intenso. Tarso cinza-esverdeado a cinza, maxila preta, mandíbula cinza e íris vermelha.

Comportamento: Extremamente tímido, geralmente mantendo-se escondido.

Família Tyrannidae

Camptostoma obsoletum (Risadinha, Southern Beardless Tyrannulet)



http://www.aracruz.com.br/microbacia/shared/fauna/camptostoma_obsoletum1.jpg



<http://www.amazilia.net/images/Birds/Tyrannids/SBeardlessTyrannulet.htm>

Distribuição e Status: Comum através de todo o Rio Grande do Sul até 31°30'S, em florestas, beiras de florestas, agrupamentos pequenos de árvores, capoeiras, jardins. Segundo Belton (1994), os registros para o meio do inverno são muito escassos e é provável que a massa da população vá para o norte durante esta estação.

Características de Campo: Tamanho pequeno, leve linha superciliar esbranquiçada, faixa dupla cor-de-areia escura na asa, tarso cinza a preto, maxila marrom-escura a anegrada, mandíbula rosa com ponta escura e íris castanha a marrom.

Comportamento: Embora estes tiranídeos frequentemente cantem na copa das árvores ao amanhecer, durante o dia eles geralmente freqüentam níveis mais baixo de árvores e arbustos, onde esvoaçam ativamente no meio da folhagem.

Elaenia obscura (Tucão, Highland Elaenia)

*Fotografias desta espécie não foram encontradas.

Distribuição e Status: Residente incomum de áreas de capoeira com árvores pequenas, beira de matas de galeria e matas, em alturas baixas e médias, essencialmente no sudeste, mas não chega até a ponta do extremo sul do Rio Grande do Sul.

Características de Campo: peito cor de olivácea escuro, ventre bem amarelado, tarso marrom a preto, bico marrom anegrado a preto com rosa-azulado a cinza-avermelhado na base da mandíbula e íris marrom.

Serpophaga nigricans (João-pobre, Sooty Tyrannulet)

*Fotografias desta espécie não foram encontradas.

Distribuição e Status: Residente incomum, encontrado principalmente no sul, mas também no planalto nordeste esporadicamente na área norte central do Rio Grande do Sul. Quase sempre perto da água, tanto riachos quanto banhados, frequentemente em pedras ou de qualquer outro modo, perto

da superfície, mas também em áreas pequenas com arbustos, e raramente dentro das matas.

Características de Campo: Todo cinza, mais claro embaixo, quase branco na garganta e no ventre. Duas faixas inconspícuas de cor cinzento-claro na asa, píleo branco geralmente escondido, tarso e bicos pretos e íris marrom.

Comportamento: Como muitas aves de praia, esta espécie ocasionalmente “bombeia” sua cauda comprida e a abana frequentemente.

Tachuris rubigastra (Papa-piri, Many-coloured Rush-tyrant)



<http://www.surfbirds.com/Features/chile.html>



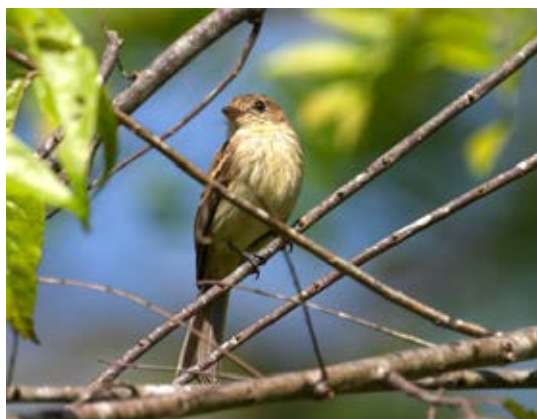
<http://www.stevemetzphotography.com/images/Chile/M-C-Rush-Tyrant1a.jpg>

Distribuição e Status: Encontrado ao longo de todo o litoral, e na direção do interior do Rio Grande do Sul, até um pouco a oeste de Porto Alegre, em juncais de lagos e banhados, algumas vezes a várias centenas de metros de distancia da terra mais próxima. Abundante no nordeste do Estado em julho e completamente ausente em janeiro. Presente no sul do Estado durante todo o ano.

Características de Campo: Espetacular padrão de variedade de cores, inconfundível. Aves imaturas tem o lado inferior somente cor-de-areia, sem faixa no peito, mas com faixa transocular e alares. Tarso preto, parte de baixo dos dedos laranja-pálido e bico preto.

Reprodução: Segundo Belton (1994), provavelmente nidifica no Rio Grande do Sul.

Myiophobus fasciatus (Filipe, Bran-colored Flycatcher)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic116-214-5.html>



http://animaldiversity.ummz.umich.edu/site/resources/misty_mcphee/index_0030.html

Distribuição e Status: Residente de verão encontrado na maior parte do Rio Grande do Sul, com exceção do extremo nordeste e setores mais altos do nordeste. Embora seja uma espécie muito difundida, os indivíduos estão espalhados e nunca são vistos em um lugar em números substanciais. Prefere matas abertas ou capoeiras ralas, frequentemente perto da margem de banhados e outras regiões úmidas.

Características de Campo: dorso de cor marrom intenso, cor escura no peito se encontrando em estrias verticais, tarso maxila preta, mandíbula rosa-amarronzada a cinza-rosada e íris marrom.

Comportamento: Espécie inconspícua que não chama atenção. Geralmente caça insetos dentro do espaço de 2 m de altura, em locais infreqüentemente utilizados pelo homem.

Pyrocephalus rubinus (Príncipe, Vermilion Flycatcher)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic116-266-3.html>



<http://graphicstock.com/graphicstock/Pages/100198.html>

Distribuição e Status: Residente de verão na metade sul do Rio Grande do Sul, encontrado em áreas abertas com árvores esparsas, jardins, campos com inço e capoeiras. Espalhado raramente ao longo do litoral e na Depressão Central do Estado e mais comum no extremo oeste e na Serra do Sudeste.

Características de Campo: Boné e lado inferior vermelho-brilhantes no macho. Fêmea muito singela e tem o lado superior marrom mais claro e o lado inferior esbranquiçado e fortemente estriado, o ventre, os flancos posteriores e as coberteiras inferiores da cauda são rosa-amarelado-forte. Machos jovens parecem com fêmeas. Tarso e bico pretos e íris marrom.

Comportamento: Normalmente encontrado aos pares. Prefere poleiros baixos entre 1 e 3 metros acima do chão, frequentemente na beira de grupos pequenos de árvores, ou em arames de cercas, postes ou em arbustos baixos, quando não existem árvores por perto.

Xolmis irupero (Noivinha, White Monjita)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic116-291-1.html>

Distribuição e Status: Residente, no sul do Rio Grande do Sul até a Depressão Central e a oeste de 55°W. Comum a muito comum no sul e oeste e menos comum no norte do Estado. Ocorre em terrenos abertos com ou sem árvores esparsas, incluindo pastagens e plantações.

Características de Campo: Toda branca, com exceção das pontas das asas e da cauda que são pretas. Tarso e bico pretos e íris entre marrom-acinzentado-escuro e marrom-amarelado-escuro.

Comportamento: Geralmente muito silenciosa e freqüentemente usa árvores, postes e outros poseiros, com 4 a 5 m de altura para seus pontos de observação, mas também pode ser vista em cercas e outros pontos mais baixos. Quando está fazendo incursões para pegar comida, o vôo é fraco e flutuante.

Lessonia rufa (Colegial, Austral Negrito)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic116-316-1.html>



http://ontfin.com/Fav/Austral_Negrito2.jpg

Distribuição e Status: Visitante de inverno, comum, encontrado na área do rio Uruguai desde a borda meridional até o banhado de São Donato, em localidades espalhadas para o interior do Rio Grande do Sul, desde a fronteira sudoeste e ao longo do litoral do Estado até Capão da Canoa. É encontrado em praias, beira de banhados com capim curto e em pastagens que são usadas com intensidade, incluído algumas pastagens secas longe da água.

Características de Campo: Macho inconfundível, com dorso ferrugineo sobreposto ao preto do resto da plumagem. A fêmea é muito modesta e tem o lado superior marrom-acinzentado, com cinza no ventre, em contraste com as asas e caudas pretas. Tarso e bico pretos e íris marrom.

Comportamento: Quando caminha sobre a areia ou pastagem com capim curto à procura de comida é caracterizado por movimentos rápidos e constantes. Raramente voa quando está se alimentando e, quando o faz, os vôos são curtos e muito baixos.

Knipolegus cyanirostris (Maria-preta-bico-azulado, Blue-billed Black-Tyrant)



<http://www.cema.edu.ar/eventos/muestras/rodriguez/34.html>

Distribuição e Status: Comum. Ampla, embora irregularmente distribuída, sem registros para uma grande parte do centro-oeste e noroeste do Rio Grande do Sul. Encontrado com mais frequência em estratos médios das florestas abertas e sombrias, mas é versátil em suas necessidades. Está presente durante todo o ano, mas flutuações mal definidas em abundância podem indicar movimentos sazonais que ainda não foram descobertos.

Características de Campo: O macho é todo preto com bico cinza-azulado e olho vermelho. Fêmeas e imaturos são amarronzados com bonés e uropígios ferrugíneos e lados inferiores fortemente rajados e com grande contraste entre preto e branco. Tarso preto, bico no macho é cinza-azul-claro com a ponta preta e frequentemente com um pouco de preto no cúlmen e na fêmea é preto, algumas vezes com cinza na base da maxila e íris vermelho-pálida a laranja em ambos os sexos.

Comportamento: Extraordinariamente quieto e inconspícuo. Raramente pousa em lugares salientes, sendo comumente encontrado perto do centro dos galhos mais baixos de árvores. Quando está em poleiros mais altos e mais expostos, algumas vezes lança-se quase verticalmente para cima, para pegar a presa e então dá um mergulho aéreo quase reto para baixo, com as asas abertas, de volta para o mesmo poleiro. Quando está atravessando áreas abertas, o vôo saltitante inclui uma seqüência constante de mergulhos pequenos.

Hymenops perspicillata (Viuvinha-de-óculos, Spectacled Tyrant)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/spec/>

Distribuição e Status: Residente em beiras de banhados e campos úmidos adjacentes em todo o litoral do Rio Grande do Sul, na área ao norte do Rio Uruguai, até as vizinhanças do banhado de São Donato e em áreas pantanosas do setor central sul do Estado. Embora seja encontrada durante todo o ano, especialmente ao longo do litoral, há um aumento significativo em números durante o outono e o inverno.

Características de Campo: A roseta larga e carnosa amarela-pálida entorno do olho e o bico saliente cor de marfim, combinados com a plumagem preta e mancha branca extensa na asa é peculiar ao macho. A fêmea, marrom, apresenta roseta menos saliente e bico mais escuro. Tarso preto, bico marfim a amarelo-pálido, algumas vezes com a ponta preta (macho) e rosado com cúlmen marrom (fêmea). Íris e anel periocular amarelo-pálidos.

Comportamento: Passam muito tempo no chão, mas também pousam em cercas em pontos altos de arbustos e juncos.

Satrapa icterophrys (Suiriri-pequeno, Yellow-browed Tyrant)



<http://www.birdingperu.com/upload/picsfiles/YellowbrowedTyrantQuestionMark-hornbuckle.JPG>



http://www.ib.usp.br/ceo/imag_sons/fvtyran.htm

Distribuição e Status: Pouco abundante embora extensamente encontrado ao sul da escarpa sulina, bem como na costa nordeste e no planalto noroeste do Rio Grande do Sul. Menos comum ao longo do Rio Uruguai ao norte e rara no Planalto Central. Geralmente encontrada em locais abertos, frequentemente perto de banhados e outras áreas com água. Embora

conste como parcialmente migratória, esta ave é encontrada regularmente durante todo o ano no Estado, sem flutuações numéricas sazonais notáveis.

Características de Campo: A linha superciliar saliente e a porção inferior amarelo-vivo chamam a atenção. Imaturos tem peito cinza e linha superciliar esbranquiçada. Tarso e bico pretos e íris marrom-acinzentada

Comportamento: Espécie quieta, relativamente inconspícua, geralmente solitária ou aos pares. Pousa em galhos expostos de altura média a alta.

Machetornis rixosus (Suiriri-cavaleiro, Cattle Tyrant)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic116-338-4.html>



<http://www.cema.edu.ar/eventos/muestras/rodriguez/42.html>

Distribuição e Status: Residente muito comum na maioria das áreas, mas um pouco menos no extremo norte do Rio Grande do Sul. Ocorre em terrenos abertos, geralmente nas proximidades de gado e cavalo.

Características de Campo: Garganta e parte superior do peito esbranquiçados, plumagem da porção superior marrom-clara. O píleo laranja-vivo raramente é exibido. Tarso e bico pretos e íris castanho-avermelhado.

Comportamento: Hábitos terrestres e postura horizontal quando está pousado. Passam boa parte do tempo correndo no chão atrás de insetos, frequentemente acompanhando o gado. Além de pousarem em postes de cercas e árvores, frequentemente utilizam o dorso de gado e cavalos. Em algumas áreas do Rio Grande do Sul, esta ave é conhecida pelo nome de ginete.

Pitangus sulphuratus (Bem-te-vi, Great Kiskadee)



http://www.flmnh.ufl.edu/NATSCI/IMAGES/ORNITH/GALLERY/FLYCAT_KS.JPG



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/photos/pitsul2429.jpg>

Distribuição e Status: Residente abundante em todo o Rio Grande do Sul durante todo o ano, com exceção do inverno, quando desaparece completamente das áreas mais altas do nordeste. Geralmente é mais comum próximo a áreas abertas e úmidas, mas é encontrado em quase todos os habitats, incluindo praias de mar, jardins em cidades, clareiras em florestas e plantações de eucalipto.

Características de Campo: O boné preto é completamente circundado por uma faixa branca larga embaixo da qual, lateralmente, uma faixa preta larga cruza pelo olho. Tarso cinza-escuro a preto, bico preto e íris marrom.

Reprodução: Belton (1994) observou construções de ninho entre meados de novembro e fevereiro.

Comportamento: Aves barulhentas, agressivas e conspícuas. Pousam em lugares salientes, em postes de cerca e de eletricidade, galhos expostos e topos de árvores. Cantam, batendo as asas vigorosamente, durante todo o dia. AS vezes aparecem em grandes números na areia úmida da beira do mar para se alimentarem. Também se alimentam de frutos, além de apresentar comportamento parecido ao do Martín-pescador, capturando organismos aquáticos.

Tyrannus savanna (Tesourinha, Fork-tailed Flycatcher)



<http://www.oiseaux.net/oiseaux/passeriformes/images/tyran.des.savanes.pain.4g.jpg>



http://ontfin.com/Fav/Fork_Tailed_Flycatcher2.jpg

Distribuição e Status: Residente de verão, comum em praticamente qualquer tipo de área aberta ou semi-aberta, sendo mais abundante em áreas de pastagens elevadas e onduladas. Chegam ao Rio Grande do Sul nos últimos 10 dias de setembro. A partida ou passagem de aves migrando da Argentina e do Uruguai pelo Estado começa no princípio de fevereiro.

Características de Campo: Cauda extremamente longa com lado inferior branco. Indivíduos com caudas mais curtas, presumivelmente jovens e/ou adultos em muda são comuns em fevereiro. Píleo amarelo-vivo raramente visível, tarso e bico pretos e íris marrom-escura.

Comportamento: A espécie está entre as aves mais populares do Rio Grande do Sul. Pousam em lugares salientes, em várias alturas. São bastante agressivas e combativas contra outras espécies. A cauda é aberta e fechada regularmente, dando um efeito de tesoura. A maior parte dos alimentos são obtidos no ar, mas também capturam insetos na superfície da água. Alimentam-se também de frutos silvestres.

Tyrannus melancholicus (Suiriri, Tropical Kingbird)



<http://pdubois.free.fr/guyane/images/1365TyrannusMelancholicus.jpg>



<http://www.oiseaux.net/photos/georges.olioso/tyran.melancolique.1.html>

Distribuição e Status: Residente de verão muito comum encontrado em todo o Rio Grande do Sul, em beiras de matas e áreas abertas com árvores. A maioria chega ao Estado antes da metade de outubro, permanecendo até o início de abril.

Características de Campo: Ave grande, com garganta cinza e parte superior do peito olivácea acinzentada, píleo alaranjado, raramente visível, tarso e bico pretos e íris marrom.

Comportamento: Geralmente solitário ou aos pares. Normalmente pousam em postura ereta em poleiros altos. Defende seu território vigorosamente contra outras aves, frequentemente vocalizando em vôo, enquanto persegue o intruso. Alimentam-se de insetos e frutos selvagens.

Família Hirundinidae

Tachycineta albiventer (Andorinha-do-rio, White-winged Swallow)



<http://www.oiseaux.net/photos/patrick.ingremeau/hiron-delle.a.ailes.blanches.4.html>



<http://pdubois.free.fr/guyane/images/1794TachycinetaAlbiventer.jpg>

Distribuição e Status: Comum na vizinhança imediata de rios, no extremo noroeste do Rio Grande do Sul, ocorrendo raramente perto do centro do Estado. Desaparece do Rio Grande do Sul durante o inverno, estando presente entre meados de setembro e abril, com exceção de algumas aves possivelmente residentes.

Características de Campo: Nenhuma outra andorinha gaúcha tem uma quantidade tão grande de branco nas asas. Tarso e bico pretos e íris marrom.

Comportamento: Efetuam descidas rápidas sobre a água para se alimentar de insetos em vôo.

Tachycinetta leucorrhoa (Andorinha-de-testa-branca, White-rumped Swallow)



www.ontfin.com

Distribuição e Status: Ocorre em todo o Rio Grande do Sul, com exceção do extremo noroeste. Prefere campos e arredores de açudes e de banhados, aparecendo em clareiras de florestas e em áreas habitadas. Presente ao longo de todo o ano, sendo encontrada principalmente ao longo do litoral e no extremo oeste, no final do outono e no inverno. Sazonalmente

abundante, especialmente no final do verão, mas em números menores durante o inverno.

Características de Campo: As linhas brancas finas supra-lorais, as quais geralmente se encontram acima do bico, permite a distinção desta espécie de *Tachycinetta leucopyga*. AS secundárias internas frequentemente tem pontas brancas largas, dando a impressão de uma escada enquanto a ave esta pousada. Tarso e bico pretos e íris marrom.

Comportamento: No final do verão e no outono, depois de ter nidificado em locais isolados de outras da mesma espécie, formam bandos grandes, frequentemente junto com andorinhas de outra espécie.

Tachycinetta leucopyga (Andorinha-chilena, Chilean Swallow)



<http://www.surfbirds.com/media/Photos/chilswallows.jpg>



<http://www.birdventures.com/Gallery/Chile04Gallery.htm>

Distribuição e Status: Visitante de inverno incomum ao longo do lado leste do litoral do Rio Grande do Sul, sobre banhados e campos planos abertos que margeiam o oceano, lagos costeiros e lagoas. Ocorre no Estado entre meados de maio e setembro.

Características de Campo: Plumagem das partes superiores em tons azul-intenso, tarso e bico pretos e íris escura.

Comportamento: Associa-se em bando com *Tachycinetta leucorrhoa*

Phaeoprogne tapera (Andorinha-do-campo, Brown-chested Martin)



<http://www.oiseaux.net/photos/patrick.ingremeau/hirondelle.tapere.html>

Distribuição e Status: Residente de verão abundante na maior parte do Rio Grande do Sul, sendo, no entanto, incomum a ausente no norte e nordeste do Estado. Ocorre em campos e áreas com algumas árvores, entre o início de setembro e meados de maio. A maioria das aves deixa o Estado no começo de

março. São escassas ao longo do litoral em abril, sendo abundantes nesse local durante a estação reprodutiva.

Características de Campo: Ave grande, marrom-sem-brilho nas partes superiores, apresentando faixa marrom mal definida no peito. Tarso e bico pretos e íris marrom.

Reprodução: Belton (1994) observou aves adultas alimentando ninhegos entre o final de janeiro e fevereiro.

Comportamento: Costuma nidificar em casas de João-de-barro.

Progne chalybea (Andorinha-doméstica-grande, Grey-breasted Martin)



<http://www.oiseaux.net/photos/patrick.ingremeau/hirondelle.chalybee.4.html>



<http://naturalhistory.uga.edu/gawildlife/pub/birdphotos/MARTNGR.JPG>

Distribuição e Status: Residente comum de verão encontrada na maioria das regiões do Rio Grande do Sul. Utiliza uma ampla variedade de habitats, mas é mais provável de ser encontrada em regiões que originalmente tinham florestas onde ainda existam fragmentos de matas. Ocorre no Estado entre agosto e abril.

Características de Campo: É a maior andorinha gaúcha. Plumagem superior azul-escuro, garganta e peito cinza e ventre esbranquiçado, tarso e bico pretos e íris escura.

Alopochelidon fucata (Andorinha-morena, Tawny headed Swallow)

*Fotografias desta espécie não foram encontradas.

Distribuição e Status: Incomum, encontrada essencialmente ao longo do litoral e na depressão central e no extremo oeste do Rio Grande do Sul. Ocorre com mais frequência em áreas abertas ou parcialmente abertas. Presente em todas as estações do ano, sendo mais numerosa no final do outono e no inverno. Há relatos de que a espécie está ausente no Uruguai de abril a julho, de modo que a população uruguaia pode passar o inverno parcialmente no Rio Grande do Sul.

Características de Campo: A cor ferrugínea nos lados da cabeça unise na nuca, apresenta boné anegrado, garganta e peito amarelo-castanho e ventre branco, tarso cinza-avermelhado a preto, bico preto e íris marrom.

Comportamento: Embora geralmente seja encontrada aos pares ou em pequenos grupos familiares, pode ocorrer em bandos relativamente grandes.

Stelgidopteryx ruficollis (Andorinha-serradora, Southern Rough-winged Swallow)



<http://www.design2d.co.uk/digiscoping/ecuador/seven/Dscn8966a.jpg>

Distribuição e Status: Incomum e esparsamente espalhada ao longo da maior parte do Rio Grande do Sul. Ocorre em áreas abertas e em clareiras. A maioria é residente de verão. Presente entre final de agosto e meados de fevereiro.

Características de Campo: Apresenta a parte superior e asas marrom bem mais escuro que peito e ventre. Tarso e bico pretos e íris marrom.

Hirundo rustica (Andorinha-de-bando, Barn Swallow)



<http://www.oiseaux.net/photos/thierry.tancrez/hirondelle.rustique.6.html>



<http://popgen0146uns50.unimaas.nl/~jilindsey/commanster/Birds/Hirundinidae.html>

Distribuição e Status: Visitante de verão vinda da América do Norte. Encontrada em pastagens planas e úmidas e em banhados ao longo do litoral e também no interior. Presente entre final de setembro e março. Localmente abundante, algumas vezes aparecendo em bandos de milhares.

Características de Campo: Única andorinha gaúcha que tem o lado inferior avermelhado. As retrizes externas compridas geralmente não estão presentes até o final da estação de permanência no Estado. Tarso e bico pretos e íris marrom.

Comportamento: bandos grandes foram observados voando sobre campos alagados, próximos da superfície da água.

Família Troglodytidae

Troglodytes aedon (Corruíra, House Wren)



<http://cedarcreek.umn.edu/birds/midsite/troglodytes-aedon.jpg>



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic135-56-3.html>



http://nhm.ku.edu/komar/imagegallery/volcansa/hires/0485_004_trae.jpg

Distribuição e Status: Comum em todo o Rio Grande do Sul. Ocorrendo em capoeiras, beiras de matas, margens de banhados, espinilhos, jardins e capões. Registrada no Estado durante todos os meses do ano.

Características de Campo: Apresenta listras, tanto nas asas quanto na cauda. Tarso cinza, cinza-avermelhado, cinza-oliva, marrom ou preto, maxila marrom escura, cinza ou preta. Mandíbula cinza-clara a rosa acinzentada, com ponta escura e íris marrom-amarelada.

Reprodução: Ninhos com filhotes foram observados em novembro e dezembro.

Família Muscicapidae

Poliophtila dumicola (Balança-rabo-de-máscara, Masked Gnatcatcher)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic141-15-3.html>

Distribuição e Status: Residente ao longo do litoral norte até os 30°S, em partes da depressão central e a oeste de 55° W e em altitudes mais baixas do sudoeste. Ocorre incomumente perto da costa, tornando-se mais comum na direção oeste. Encontrada em cercas-vivas espinhentas e capoeiras abertas.

Características de Campo: A cauda comprida preta e branca contrasta com o lado superior cinza-azulado e com a superfície ventral cinza, tarso cinza, maxila preta, mandíbula cinza com ponta preta e íris escura.

Reprodução: Ninhos com filhotes são relatados em novembro.

Comportamento: Ave ativa e vigorosa, que constantemente esvoaça e pula em vegetação aberta, com a cauda empinada, balançando para cima e para baixo. Geralmente vista em pares ou grupos familiares.

Turdus rufiventris (Sabiá-laranjeira, Rufous-bellied Thrush)



http://ontfin.com/Fav/Red_Bellied_Thrush2.jpg

Distribuição e Status: Residente abundante em todo o Rio Grande do Sul. Ocorre em florestas, matas abertas, capoeiras, cercas-vivas e jardins. É uma das aves mais comuns e melhor conhecidas do Rio Grande do Sul.

Características de Campo: Ventre laranja-carregado abaixo do peito marrom-acinzentado. Jovens tem garganta cinza e peito com bastante marrom-escuro. Tarso cinza-arroxeadado, maxilaolivácea-acinzentado, mandíbula amarelo-esverdeado, íris marrom e anel periocular amarelo-laranja.

Comportamento: Ave tímida. Alimenta-se de diversos frutos de plantas silvestres e cultivadas.

Turdus amaurochalinus (Sabiá-poca, Creamy-bellied Thrush)



<http://www.cema.edu.ar/eventos/muestras/rodriguez/40.html>



<http://www.zoo.ufl.edu/ajahn/Bolivia%20pictures/TUAM.png>

Distribuição e Status: Encontrado em todo o Rio Grande do Sul, em estrato médio ou inferior de florestas e matas, também no chão em jardins, campinas e outras áreas abertas não muito distantes de vegetação. Ocorre na maioria das áreas em todas as estações do ano. Belton (1994) relata indícios de movimentos locais significativos, talvez com alguma migração latitudinal ou para dentro e para fora do Estado. Além disso, comenta que a grande quantidade destas aves observadas em meados do inverno em áreas do litoral sul, pode representar um influxo da Argentina e do Uruguai.

Características de Campo: Loros marrom-anegrados, tarso cinza-claro a cinza-amarronzado, bico amarelo, podendo apresentar manchas marrons ou ser totalmente marrons, íris marrom avermelhado ou marrom-acinzentado.

Reprodução: Registro de ninhos com ovos entre novembro e janeiro.

Comportamento: Mais freqüente em áreas com matas. Embora vários sibiás locais também balancem a cauda ocasionalmente enquanto estão pousados, esta espécie pratica esta atividade com mais freqüência. Costumam caçar cupins em vôo, além de se alimentar de frutos silvestres e cultivados.

Turdus albicollis (Sabiá-coleira, White-necked Thrush)



<http://www.alpec.org/aves/offen/turdus%20albicollis.JPG>

Distribuição e Status: Residente. Embora comum, é visto com menos freqüência que outros sibiás residentes de distribuição ampla. Encontrados principalmente no leste e sul do Rio Grande do Sul.

Características de Campo: A base da garganta de cor branca contrasta fortemente com o peito marrom-cinza e com a parte superior da garganta que é estriada. Apresenta ventre branco no centro e laranja nos lados. Tarso cinza-amarronzado, maxila preta a marrom, mandíbula amarela. Íris marrom e anel periocular amarelo-laranja.

Reprodução: Registro de ninho com ninhegos para dezembro.

Comportamento: Não costuma ser visto longe de vegetação onde possa se esconder. Alimentam-se de frutos silvestres.

Família Mimidae

Mimus saturninus (Sabiá-do-campo, Chalk-browed Mockingbird)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic136-6-1.html>

Distribuição e Status: Residente. Abundante nas colinas com campos no sudeste e comum a incomum no oeste e norte do Rio Grande do Sul. Ocorre geralmente em terrenos abertos com árvores baixas, arbustos, moitas ou capões pequenos.

Características de Campo: Apresenta linha supra-ciliar branca, comprida e saliente, retrizes externas com pontas brancas extensas. Tarso e bico pretos, íris oliva-acinzentada.

Reprodução: Registros de ninhos com ninhegos e ovos em novembro.

Comportamento: Prefere puleiros baixos em lugares abertos, em árvores, topos de arbustos ou postes de cercas. Alimenta-se de frutos silvestres.

Mimus triurus (Calhandra-de-três-rabos, White-banded Mockingbird)



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/photos/mimtri11376.jpg>

Distribuição e Status: Visitante de inverno. Incomum. Encontrado em localidades bastante espalhadas ao longo do litoral, no sudoeste e oeste, e ao norte. Ocorre em áreas abertas com arbustos baixos, árvores esparsas e em jardins.

Características de Campo: Cauda com três partes em preto e branco, sobre ferrugíneo e manchas brancas grandes nas asas. Tarso anegrado, bico preto com cinza na base da mandíbula e íris variando de marrom-claro a cinza-amarronzado.

Comportamento: Ave quieta e relativamente inativa.

Família Motacillidae

Anthus furcatus (Caminheiro-de-unha-curta, Short-billed Pipit)

*Fotografias desta espécie não foram encontradas.

Distribuição e Status: Residente comum de campos abertos no litoral, região da fronteira uruguaia e área a oeste de 55° W.

Características de Campo: Coloração mais intensa observada de março a julho, quando a cor básica do peito é amarelo-laranja-pálido, com estriações largas marrom-escuro. Ventre branco, com marcas do peito estendendo-se na direção do ventre. No verão apresenta ventre com plumagem acinzentada e peito com menos estriações. Tarso rosa-amarelado-pálido, maxila marrom-escuro a preta, mandíbula rosa-pálida a esbranquiçada na base, escurecendo na direção da ponta. Íris marrom.

Anthus lutescens (Caminheiro-zumbidor, Yellowish Pipit)



http://www.zoo.ufl.edu/centers/migration/partial_migration_and_caparu/cerrado_birds.html

Distribuição e Status: Residente comum ao longo do litoral, em áreas planas da serra do sudeste e na maior parte da depressão central, tornando-se raro à oeste de 53° W. Aparentemente evita habitats diferentes de planícies.

Características de Campo: Menos do que outros caminheiros locais, com tons distintamente amarelo na porção inferior. Tarso amarelado ou branco-acinzentado a marrom-claro, maxila marrom-anegrada, mandíbula rosa, cinzenta ou branco-azulada na base, escurecendo na direção da ponta. Íris marrom.

Anthus correndera (Caminheiro-de-espora, Correndera Pipit)



<http://www2.kongju.ac.kr/srcho/pintail/2005/antarctic/checklistpunta.htm>



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/correnderapipit.html>

Distribuição e Status: Residente comum na ponta sul e provavelmente em números pequenos mais ao norte, ao longo do litoral do Rio Grande do Sul, quase até 30° S, onde há registros em fevereiro, maio, setembro e outubro. Registros esparsos de inverno para a serra do sudeste e extremo oeste podem se referir a aves migratórias de latitudes mais meridionais. Encontrado em planícies úmida e áreas pouco alagadas, sendo mais abundante em ambientes mais secos.

Características de Campo: Ventre branco e estrias pretas largas no peito. Tarso marrom-claro, maxila marrom-escura a anegrada, mandíbula rosa-azulada, anegrada na ponta. Íris marrom.

Família Emberizidae

Parula pitiayumi (Mariquita, Tropical Parula)



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/photos/parpit11444.jpg>

Distribuição e Status: Residente comum em árvores latifoliadas, em florestas, parques e jardins, geralmente no alto.

Características de Campo: Peito amarelo-laranja, mancha cor de oliva no centro do dorso cinza-azulado. Tarsos marrom amarelado e cinza em aves jovens, maxila preta, mandíbula amarela e íris marrom.

Comportamento: Normalmente encontrada sozinha ou aos pares, ocasionalmente forma partes de bandos mistos no outono e inverno. Investiga constantemente o nível superior de árvores, procurando alimento entre as folhas. Capturam cupins em vôo.

Basileuterus culicivorus (Pula-pula, Golden-crowned Warbler)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic199-100-2.html>

Distribuição e Status: Residente comum a abundante em quase todo o Rio Grande do Sul, exceto na ponta oeste. Geralmente utiliza o estrato médio de florestas ou capões.

Características de Campo: Faixa laranja-fosca no centro da coroa, margeada por preto. Tarsos amarelo claro a marrom-amarelado, maxila marrom, anegrada ou preta, mandíbula cinza e algumas vezes com ponta preta. Íris marrom.

Reprodução: Foram relatados ninhos com ninhegos entre outubro e janeiro.

Comportamento: Espécie ativa, com tendência a investigar intrusos.

Basileuterus leucoblepharus (Pula-pula-assobiador, White-rimmed Warbler)



http://www.ib.usp.br/ceo/imag_sons/fvparul.htm

Distribuição e Status: Residente. Registrado em todo o Rio Grande do Sul, com exceção da ponta sul. Ocorre em florestas, pedaços de matas e, ocasionalmente, em capoeiras. Habita o estrato inferior, do chão até cerca de 3 m. Geralmente abundante, mas escasso nas florestas costeiras no nordeste e na ponta oeste.

Características de Campo: Os louros brancos grandes, o anel periocular branco largo, interrompido nas partes posterior e anterior, e a sombrancelha branca estreita contrastam com o cinza-escuro na face e com duas faixas pretas nos dois lados do vértice. Imaturos não apresentam branco na face. Tarso rosa-amarelado com exceção da frente que é vermelho-escuro com estrias. Bico preto e íris marrom-escura.

Comportamento: De acordo com Belton (1994), estas aves mantêm casais durante todo o ano. É uma das aves menos tímidas e mais inquisitivas de florestas, do Estado.

Coereba flaveola (Cambacica, Bananaquit)



<http://www.oiseaux.net/oiseaux/passeriformes/images/sucrier.a.ventre.jaune.raro.1g.jpg>



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/bananaquit.html>

Distribuição e Status: Residente ao longo do litoral, da fronteira com Santa Catarina até Rio Grande, a oeste através da depressão central, incluindo a borda sul do planalto e noroeste do Rio Grande do Sul. Geralmente em beiras de florestas, jardins e matagais. Comum ao longo da costa nordeste, tornando-se mais rara em maiores altitudes.

Características de Campo: Sobrancelha branca comprida e cabeça preta, bico preto curvado para baixo, tarso cinza e íris marrom.

Comportamento: Alimenta-se de frutos de espécies silvestres e cultivadas.

Thraupis sayaca (Sanhaçu-cinzento, Sayaca Tanager)



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/sayaca%20tanager.htm>

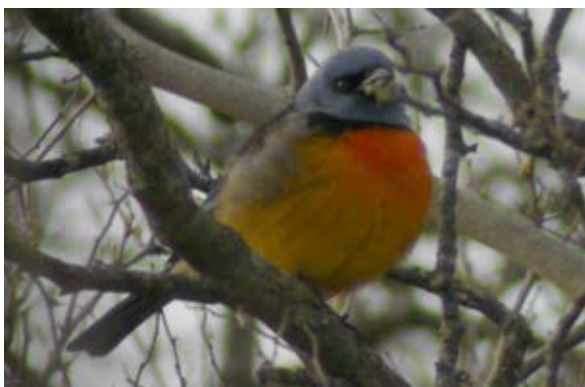
Distribuição e Status: Encontrado em todo o Rio Grande do Sul, comum a abundante em quase todos os setores. Presente durante todas as estações do ano, sendo mais escasso no inverno. Geralmente pousa em pontos altos, em florestas, matas abertas, jardins e plantações de eucaliptos.

Características de Campo: Cinza com um tom azul-esverdeado, cores mais fortes nas asas e cauda, tarso cinza, maxila preta, mandíbula cinza e íris marrom-escura.

Reprodução: Registro de ninhos com ninhegos entre novembro e fevereiro.

Comportamento: Geralmente é encontrado aos pares; alimenta-se de frutos silvestres e cultivados, além de insetos. Quando está pousado vira o corpo continuamente de um lado para o outro.

Thraupis bonariensis (Sanhaçu-papa-laranja, Blue-and-yellow Tanager)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic201-124-1.html>



<http://photo.zootrotters.nl/albums/BatchUpload/Dierentuinen/Papegaaienopvang/Birdy.jpg>

Distribuição e Status: Residente comum a abundante em todo o Rio Grande do Sul, sendo menos comum no oeste. Ocorre em pomares, jardins, parques, áreas abertas com árvores e matas ralas.

Características de Campo: Fêmeas pouco coloridas, apresentam tom laranja no peito durante a estação reprodutiva, tarso marrom acinzentado, maxila preta, mandíbula esbranquiçada (fêmeas com a ponta mais escura) e íris marrom a vermelho.

Reprodução: Registro de ninhos com ninhegos em dezembro.

Comportamento: Alimenta-se de frutos silvestres e cultivados e flores, captura cupins em vôo.

Stephanophorus diadematus (Sanhaçu-frade, Diademed Tanager)



<http://www.worldwildlife.org/wildworld/profiles/photos/nt/nt0101aS.html>



<http://www.avifaunasantafecina.8m.com/aves/S/Stephanophorus%20diadematus.jpg>

Distribuição e Status: Residente comum a abundante nos dois terços leste do Rio Grande do Sul, sendo menos comum no oeste. Ocupa florestas e matas abertas, jardins e arbustos altos em banhados.

Características de Campo: Apresenta topete achatado e vértice vermelho e branco, a plumagem do corpo frequentemente parece ser preta e nos jovens ela é acinzentada e sem cor no topete. Tarso preto, maxila preta, mandíbula acinzentada e íris marrom.

Comportamento: Alimenta-se de frutos de plantas silvestres e cultivadas.

Ammodramus humeralis (Tico-tico-do-campo, Grassland Sparrow)



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/photos/ammhum5100.jpg>

Distribuição e Status: Residente comum a abundante em todo o Rio Grande do Sul, com exceção do Planalto no extremo nordeste. Encontrado em campos abertos e plantações de cereais, beira de estradas e terrenos com inços.

Características de Campo: Apresenta mancha supra-loral amarela, a qual pode não estar presente na plumagem gasta. Tarso em tons de rosa-claro, maxila marrom-escuro a preta, mandíbula cinza a marrom e íris marrom.

Reprodução: Registro de ninhos com ovos e ninhegos entre novembro e janeiro.

Comportamento: Normalmente ocorre sozinho ou aos pares, mas bandos pequenos são formados no fim do verão.

Donacospiza albifrons (Tico-tico-do-banhado, Long-tailed Reed-Finch)



http://www.cobrap.org.br/site/ver_galeria.php?id_categoria=3

Distribuição e Status: Residente relativamente comum nos dois terços leste do Rio Grande do Sul e escasso no extremo oeste. Ocupa valas com inços em beira de estradas, capins altos em beira de banhados e capoeiras.

Características de Campo: Superciliar comprida e branca em um fundo cinza, lado inferior cor de areia, tarso marrom, cinza ou marrom-anegrado, maxila preta, mandíbula cinza a preta e íris marrom.

Comportamento: Geralmente só dá vôos curtos, balançando a cauda durante os mesmos.

Poospiza nigrorufa (Quem-te-vestiu, Black-and-rufous Warbling-finch)



http://ontfin.com/Fav/Black_Rufous_Warbling_Finch.jpg

Distribuição e Status: Comum durante todo o ano na maior parte do Rio Grande do Sul. Ocupa beiras de banhados e terrenos com arbustos, geralmente perto da água.

Características de Campo: Superciliar comprida e branca, lado inferior ferrugíneo e retrizes externas com pontas brancas. Tarso cinza-amarrozado, maxila preta, mandíbula esbranquiçada a cinza com ponta preta e íris marrom.

Comportamento: Balança a cauda vigorosamente enquanto voa.

Poospiza lateralis (Quete, Red-rumped Warbling-Finch)



<http://www.vidasilvestre.org.uy/fotos/17.jpg>



http://www.ib.usp.br/ceo/imag_sons/fvember.htm

Distribuição e Status: Residente de matas abertas e beiras de florestas na maior parte do Rio Grande do Sul. Comum no nordeste e serra do sudeste, escasso no oeste e noroeste. Registros esparsos para o litoral ao sul de Rio Grande.

Características de Campo: Sobre, coberteiras superiores da cauda e flancos ferrugíneo. Superciliar comprida e branca, tarso cinza-avermelhado, maxila marrom a preta, mandíbula amarelada com ponta cinza e íris marrom a vermelhada.

Comportamento: Geralmente encontrada em grupos pequenos, juntando-se em bandos mistos durante o inverno.

Sicalis flaveola (Canário-da-terra-verdadeiro, Saffron Finch)



<http://www.nps.gov/kaho/KAHOckLs/images/safron%20finch%2027.jpg>



<http://www.oiseaux.net/photos/hans.spiecker/sicale.bouton-d.or.1.html>

Distribuição e Status: Abundante e comum em todo o Rio Grande do Sul e em todo o ano. Ocupa capoeiras abertas, cercas-vivas, beiras de estradas, plantações, gramados de jardins e beiras de mata.

Características de Campo: Testa de cor vermelho-laranja (macho). Fêmea estriada, na porção inferior, num fundo esbranquiçado. Bordas das asas, cauda, axilares, e das coberteiras inferiores das asas amarelas. Tarso cinza, maxila cinza-anegrada, mandíbula cinza e íris marrom acinzentado.

Reprodução: Estação reprodutiva prolongada (entre outubro e fevereiro).

Sporophila collaris (Coleira-do-brejo, Rusty-collared Seedeater)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic202-105-2.html>

Distribuição e Status: Escasso, encontrado ocasionalmente em banhados ao longo do litoral, na Depressão Central e no oeste do Rio Grande do Sul, ao longo de todo o ano.

Características de Campo: Boné preto e faixa no peito, coleira cor de areia clara a ferrugínea. Tarso cinza a anegrado, bico preto, algumas vezes com a parte inferior da mandíbula marrom-clara. Íris marrom acinzentada.

Sporophila caerulescens (Coleirinho, Double-collared Seedeater)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/spec/spec202-112.html>

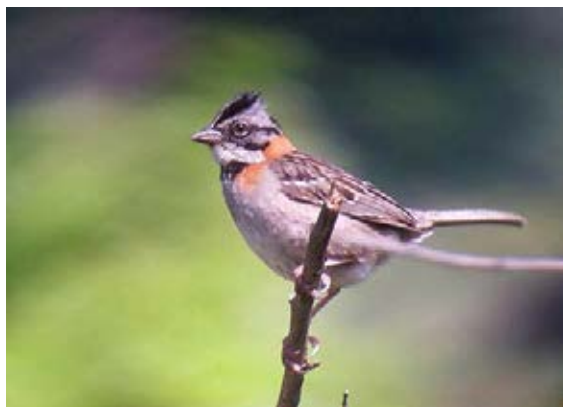
Distribuição e Status: Comum a abundante em todas as áreas do Rio Grande do Sul, ao longo de todo o ano, com abundância diminuindo significativamente no inverno, quando ocorre principalmente nas vizinhanças da Depressão Central. Ocupa capoeiras, campos com capins altos, beiras de estradas, jardins e cercas vivas, frequentemente próximo à água.

Características de Campo: Queixo, parte superior da garganta e faixa no peito pretos. Tarso cinza escuro, bico cinza claro amarelado (machos adultos) e marrom escuro (imaturos e fêmeas). Íris marrom.

Reprodução: Registros de ninhos com ovos entre dezembro e janeiro.

Comportamento: Geralmente vistos aos pares, podendo formar pequenos bandos para migrarem.

Zonotrichia capensis (Tico-tico, Rufous-collared Sparrow)



http://www.angelfire.com/bc/gonebirding/images/rufous_collared_sparrow_1_B.JPG



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/rufous-collaredsparrow.html>

Distribuição e Status: Comum a abundante em todos os setores do Rio Grande do Sul, durante todas as estações do ano. Encontrado em praticamente todos os tipos de hábitat, desde o interior de florestas até beiras de banhados, preferindo campos e beiras de florestas com arbustos, capoeiras e jardins, especialmente nas áreas de maior altitude e mais temperadas.

Características de Campo: Topete listrado, manchas pretas nos lados da garganta. Tarso marrom-avermelhado a esbranquiçado, maxila marrom a anegrada, mandíbula cinza e íris marrom.

Reprodução: Registros de atividades reprodutivas entre setembro e fevereiro.

Comportamento: Alimentam-se de frutos silvestres e cultivados, e capturam insetos em vôo.

Coryphospingus cucullatus (Tico-tico-rei, Red Pileated-Finch)



http://www.avespampa.com.ar/Brasita_de_Fuego.jpg

Distribuição e Status: Residente na parte norte do litoral, Depressão Central, parte central do oeste e na maior parte da metade norte do Rio Grande do Sul. Incomum a comum no leste e comum a abundante no oeste. Ocupa beiras de florestas, cercas vivas, capoeiras e áreas cultivadas.

Características de Campo: Tom rosa no uropígio e no lado inferior distingue a fêmea. Tarso cinza-escuro, base da mandíbula mais clara e íris marrom. Maxila preta e mandíbula cinza (macho); fêmea com bico marrom-anegrado.

Reprodução: Registros de ninhos com ninhegos em novembro.

Comportamento: alimentam-se de frutos de árvores silvestre e inços.

Paroaria coronata (Cardeal, Red-crested Cardinal)



http://www.oiseaux.net/photos/neil.fifer/paroare_huppe.1.html



http://ontfin.com/Fav/Red_Crested_Cardinal2.jpg

Distribuição e Status: Residente, entre comum a abundante no sul e oeste, incomum na borda norte da Depressão Central e raramente encontrado na parte central do Planalto do Rio Grande do Sul. Prefere terrenos abertos com árvores, arbustos e beiras de banhados.

Características de Campo: Cabeça e topete vermelho nos adultos, e laranja-amarronzado nos imaturos. Tarso preto, maxila marrom a cinza-escura, algumas vezes com borda branca, mandíbula cinza-clara a branca. Íris marrom-claro a vermelho-pálido.

Reprodução: Relatos de ninhos com ninhegos em fevereiro e março.

Comportamento: Forma bandos pequenos durante o inverno.

Agelaius thilius (Sargento, Yellow-winged Blackbird)



[http://ontfin.com/Fav/Yellow Winged Blackbird fem.jpg](http://ontfin.com/Fav/Yellow_Winged_Blackbird_fem.jpg)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic204-3-2.html>

Distribuição e Status: Residente, localmente comum em todo o litoral norte do Rio Grande Sul, e em localidades esparsas do interior. Ocorre em banhados, geralmente afastados da civilização e plantações. Abundante no banhado do Taim e regiões vizinhas.

Características de Campo: Macho todo preto com exceção do encontro amarelo. Fêmea mais forte e distintamente estriada na porção inferior. Tarso e bico pretos e olho escuro.

Comportamento: Associa-se aos pares e bandos pequenos. Alimenta-se de insetos pequenos.

Agelaius ruficapillus (Garibaldi, Chestnut-capped Blackbird)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic204-12-1.html>

Distribuição e Status: Residente abundante ao longo de todo o litoral, na Depressão Central e no oeste do Rio Grande do Sul. Ocorre em banhados com juncos e apresenta-se fortemente associado a arrozais.

Características de Campo: O macho apresenta boné, garganta e peito castanhos, com preto no restante da plumagem. Fêmeas com garganta e parte superior do peito fulvos, e tons oliváceos no restante da plumagem. Tarso e bico pretos. Iris marrom.

Reprodução: Registros de ninhos com ovos entre dezembro e fevereiro.

Comportamento: Juntam-se em bandos muito grandes, principalmente no outono e inverno, quando os arrozais estão maduros.

Sturnella superciliaris (Polícia-inglesa, White-browed Blackbird)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic204-15-2.html>

Distribuição e Status: Residente localmente comum, bem distribuído ao longo do Rio Grande do Sul, menos comum no Planalto e ao norte de 28° S. Geralmente ocorre na vizinhança de plantações de cereais como arroz, sorgo ou trigo. Encontrado durante todo o ano, sendo menos freqüente no final do outono e inverno. A presença em determinadas áreas é esporádica, variando de poucos indivíduos à bandos substanciais.

Características de Campo: Peito vermelho característico nos machos, além disso estes apresentam tarso cinza-avermelhado, maxila preta ou bronzeado claro, mandíbula preta com cinza nos lados da base e íris marrom. As fêmeas são marrom-claras mosqueadas, frequentemente com tom rosa no peito, tarso cinza-amarronzado, maxila marrom, mandíbula bronzeado-acinzentado e íris escura.

Comportamento: busca alimento no chão em campos de cereais.

Pseudoleistes virescens (Dragão, Brown-and-yellow Marshbird)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic204-89-1.html>



<http://www.arthurgrosset.com/sabirds/brown-and-yellowmarshbird.html>

Distribuição e Status: Residente comum em áreas de banhados e em campinas úmidas de baixa altitude. Geralmente evita terrenos mais altos e montanhosos.

Características de Campo: Coloração amarela restrita à porção inferior. Tarso e bico pretos e íris laranja-amarronzado.

Comportamento: Encontrado quase que exclusivamente em bandos.

Amblyramphus holosericeus (Cardeal-do-banhado, Scarlet-headed Blackbird)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic204-90-2.html>

Distribuição e Status: Residente incomum de banhados com juncos e com outras vegetações altas, ao longo do litoral e em pontos esarsos do interior do Rio Grande do Sul.

Características de Campo: A cabeça, pescoço, peito, dorso superior e coxas laranja-avermelhado vívido contrastam com o restante da plumagem preta. Tarso e bico pretos e íris marrom.

Comportamento: Raramente observa-se mais de um par ou grupo familiar em determinada área.

Molothrus badius (Asa-de-telha, Bay-winged Cowbird)



<http://www.cema.edu.ar/eventos/muestras/rodriguez/63.html>



http://ontfin.com/Fav/Bay_Winged_Cowbird3.jpg

Distribuição e Status: Residente comum de terrenos abertos ou com capoeiras, com árvores ou arbustos, em todo o sul do Rio Grande do Sul, Depressão Central e a oeste de 55° W. Encontrado no litoral gaúcho até a fronteira com Santa Catarina.

Características de Campo: Plumagem do corpo cinza-amarronzada com asas ferrugíneo-claro. Tarso e bico pretos e íris marrom-escuro.

Reprodução: Registros de ninhos com ninhegos entre fevereiro e maio.

Comportamento: Geralmente observado em bandos pequenos.

Molothrus bonariensis (Vira-bosta, Shiny Cowbird)



<http://www.mangoverde.com/birdsound/picpages/pic204-35-4.html>



http://ontfin.com/Fav/Shiny_Cowbird2.jpg

Distribuição e Status: Residente abundante em todo o Rio Grande do Sul, em campos de cereais, pastagens, jardins de cidades, beiras de matas e terrenos com inços.

Características de Campo: Plumagem com brilho púrpura, nem sempre visível. Tarso, bico e íris pretos.

Comportamento: Parasita de ninhos, principalmente de tico-tico (*Zonotrichia capensis*) e João-de-Barro (*Furnarius rufus*). Comumente avistado em bandos pequenos ou aos pares, reunindo-se em numerosos bandos em plantações de cereais, especialmente de arroz, principalmente durante e após a colheita. Bandos pequenos frequentemente associam-se ao gado.

Família Fringillidae

Carduelis (Spinus) magellanica (Pintassilgo, Hooded Siskin)



<http://ontfin.com/>



http://www.brunoperi.it/lucherino_testa_nera.htm

Distribuição e Status: Residente comum a abundante a leste de 55° W. Ocorre em matas abertas, jardins, terrenos com inços e terrenos abertos com árvores esparsas.

Características de Campo: Ambos os sexos são amarelos nas asas e cauda. Tarso marrom-acinzentado, maxila cinza-escura com faixa preta, mandíbula acinzentada e íris escura.

Reprodução: Comportamento reprodutivo observado entre outubro e fevereiro.

Comportamento: Ocasionalmente formam grandes bandos, para se alimentarem.

A partir de uma criteriosa busca na rede mundial de computadores (internet), foi elaborada uma listagem comentada de *sites* que, de alguma forma, abordam os assuntos tratados nesta Revisão Bibliográfica acerca do Parque Nacional da Lagoa do Peixe. Tal tabela é apresentada no ANEXO 2.

5. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BEMVENUTI, C. E. & ROSA-FILHO. Estrutura e Dinâmica das Associações de Macroinvertebrados Bentônicos dos Ambientes Estuarinos do Rio Grande do Sul: Um Estudo de Caso. <http://www.bdt.fat.org.br/workshop/costa/macroinvert/> Consultado em 20 de novembro de 2005.
- BELTON, W. 1994. Aves do Rio Grande do Sul. Distribuição e biologia. Editora UNISINOS. 584p.
- CALLIARI, L. J. & KLEIN, A. H. F. 1993. Características morfodinâmicas e sedimentológicas das praias oceânicas entre Rio Grande e Chuí, RS. Pesquisas (porto Alegre) 20(1):48-56.
- COLLARES, E. P. & WALDEMARIM, H. F. 1996. Estudo da ecologia de lontras (*Lutra longicaudis*) no Parque Nacional da Lagoa do Peixe: Manejo e Conservação. FURG. Relatório de Pesquisa.
- CORDAZZO, C. V., SEELIGER, U. 1995. Guia Ilustrado da Vegetação Costeira no Extremo Sul do Brasil. Rio Grande: FURG. 275 p.
- COSTA, C. S. B., COPERTINO, M., CUNHA, S. R., KNAK, R. B., MAZZO, A. M. M. 1996. Levantamento das associações vegetais das marismas do Parque Nacional da Lagoa do Peixe -RS.
- DANILEVICZ, E. 1989. Flora e vegetação de restinga na barra da Laguna do Peixe, Tavares, Rio Grande do Sul: levantamento preliminar. Iheringia, 39:69-79.
- DORNELES, L. P. P. 2004. Diferenciação de comunidades arbóreas no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul. Tesese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 72p.
- HARTMANN, C. SANO, E. E. PAZ, R. S. MOLLER, O. JR. 1986. Avaliação de um período de cheia (junho de 1984) n aregião sul da Laguna dos Patos, através de dados de sensoriamento remoto, metereológicos e oceanográficos. Anais IV Simp. Brás. Sens. Remoto., 10 a 15 de agosto. Gramado, RS. P685-694.
- HARRINSON, P. 1983. SEABIRDS, an identification Guide. Houghton Mifflin. 448 p.

- ILHA, H. H. LOURENÇO, M. MARRONE, E. BOHRER, P. ANDRÉS, I. DESING, B. 1996. Parque Nacional da Lagoa do Peixe. Primeira Edição. Ed. Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NEMA) & Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA/MMA), Rio Grande, RS. 18 p.
- KNAK, R. B. 1999. Plano de Manejo do Parque Nacional da Lagoa do Peixe – Fase 2. FNMA/ FURG/IBAMA/NEMA/UFPEL.327 p.
- KNAK, R. B. & CAPÍTOLI, S. M. N. 1991. Distribuição de *Ruppia maritima* L. na parte sul da Lagoa do Peixe, RS. In: SEMANA NACIONAL DE OCEANOGRAFIA, 4 e 7, Rio de Janeiro. Resumo.
- KJERFVE, B. 1986. Comparative oceanography of coastal lagoons. In: Wolfe, D.A. Estuarine variability. Academic Press, New York, p 63-81.
- LOEBMANN, D. 2004. Caracterização da ictiofauna, crustáceos decápodos e avaliação do rejeito da pesca do camarão rosa (*Farfantopus paulensis*) do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, RS, Brasil. Tese de Mestrado. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, RS. 93 p.
- LOEBMANN, D. & VIEIRA, J. P. 2005. Distribuição espacial e abundância das assembléias de peixes no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul, Brasil. Revista Brasileira de Zoologia. 22(3):667-675.
- LOEBMANN, D. & VIEIRA, J. P. 2005b. Relação dos anfíbios do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul, Brasil. Revista Brasileira de Zoologia. 22(2): 339-341.
- MAISONAVE, L., KNAK, R. B., PAIXÃO, C. M. 1995. Variação morfológica de *Zannichellia palustris* L. nas lagoas costeiras do Rio Grande do Sul. Atlântica, Rio Grande, 17: 63-72.
- MÜLLER, R. R. 1989. Considerações ecológicas sobre a comunidade bentônica do Parque Nacional da Lagoa do Peixe (Tavares, RS - Brasil). Pelotas: Universidade Católica de Pelotas. 39 p. (Monografia).
- NASCIMENTO, I. L. S., 1995. As aves do Parque Nacional da Lagoa do Peixe. IBAMA, Brasília, 41p.
- NOVELLI, R. 1997. Aves marinhas costeiras do Brasil: Identificação e Biologia. Ed. Cinco Continentes. 90p.
- NOBRE, C. A. CAVALCANTI, M. A. G. NOBRE, P. KAYANO, M. T. RAO, V. B. BONATTI, J. P. SATYAMURTI, P. UVO, C. B. COHEN, J. C. 1986. Aspectos da climatologiadinâmica do Brasil. Climanálise número especial.
- POLETTE, M. & TAGLIANI, P. R. A. 1990. Organização e utilização atual do espaço na porção da restinga da Lagoa dos Patos - RS. In: II SEMINÁRIO

- SOBRE ECOSSISTEMAS DA COSTA SUL-SUDESTE BRASILEIRA, 2, Águas de Lindóia - SP. Anais.
- RAMOS, L. S. 1999. Estudo comparativo das assembléias de peixes de zonas rasas dos estuários do Rio Grande do Sul, Brasil (Diversidade e abundância). Tese de Mestrado. Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, RS. 140 p.
- REIS, E. G. 1992. An assessment of the exploitation of the white croaker *Micropogonias furnieri* (Pisces, Sciaenidae) by the artisanal and industrial fisheries in coastal waters of southern Brazil. Tese de Doutorado. Univ. East. Anglia, Inglaterra.
- RESENDE, S. 1988. Nobreeding strategies of migratory birds of Lagoa do Peixe, RS, Brasil. 150 p. (Tese de Mestrado).
- RESENDE, S. L. & LEEUWEMBERG, F. 1987. Ecological studies of Lagoa do Peixe. [S.l. : s.n.]. 54p.
- SANTOS, S., MARTINS, C. D., RIEGER, P. J. 1997. Composição e distribuição preliminar de crustacea Decapoda da Lagoa do Peixe - R.S. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 21, Porto Alegre, UFRGS. 57 p.
- SEELIGER, U. ODEBRECHT, C. CASTELLO, J. P. (eds.) 1998. Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil. Ed. Ecocientia. Rio Grande, RS. 326 p.
- SCHWARZBOLD, A. & SCHÄFER, A. 1984. Gênese das lagoas costeiras do Rio Grande do Sul – Brasil. Amazoniana, Manaus. 9(1): 87-104.
- STECH, J. L. & LORENZETT, J. A. 1992. The response of the South Brazil Bight to the passage of wintertime cold front. J. Geophys. Res. 97(C6): 9507-9520.
- TAGLIANI, P. R. A. 1995. Estratégia de planificação ambiental para o sistema ecológico da Restinga da Lagoa dos Patos-Planície Costeira do Rio Grande do Sul. São Carlos: Universidade de São Carlos. (Tese de Doutorado).
- TOMAZELLI, L. J. 1993. Regime dos ventos e a taxa de migração das dunas eólicas costeiras do Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisas. Porto Alegre, RS. 20(1):18-26.
- TRUCCOLO, E. C. 1993. Caracterização química da Lagoa do Peixe. Rio Grande: FURG. 51p. (Monografia).
- VIEIRA, E. F. 1983. Rio Grande. Geografia física, humana e econômica. Ed. Sagra. Porto Alegre, RS.

- VIEIRA, E. F. & RANGEL, S. S. 1988. Planície costeira do Rio Grande do Sul: geografia física, vegetação e dinâmica sócio-demográfica. Porto Alegre: Sagra. 1988. 256p.
- VILLWOCK, J. A. 1987. Geology of the Rio Grande do Sul coastal province. In: RABASA, J. (Ed). Quaternary of South America and Antarctic Peninsula. Rotterdam. v.4, p. 79-97.
- VILLWOCK, J. A. & TOMAZELLI, L. J. 1989. Sea-level changes and Holocene evolution in the Rio Grande do Sul coastal plain, Brazil. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON GLOBAL CHANGES IN SOUTH AMERICA DURING THE QUATERNARY: PAST-PRESENT-FUTURE, São Paulo, 1989. Special Publication, n.1, p.192-196
- WALDEMARIN, H. F. 1997. Estudo da ecologia de lontras (*Lontra longicaudis*) no Parque Nacional da Lagoa do Peixe: manejo e conservação. Monografia. Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, RS. 54 p.

DECRETO Nº 93.546, DE 6 DE NOVEMBRO DE 1986.

Cria o Parque Nacional da Lagoa do Peixe.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, e considerando o que dispõe o artigo 5º, alínea a, da Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965,

DECRETA:

Art. 1º Fica criado, no Estado do Rio Grande do Sul, o Parque Nacional da Lagoa do Peixe, com os objetivos, dentre outros, de proteger amostra dos ecossistemas litorâneos da região da Lagoa do Peixe, e particularmente as espécies de aves migratórias que dela dependem para seu ciclo vital.

Art. 2º O Parque Nacional da Lagoa do Peixe, localizado no litoral sul do Rio Grande do Sul, abrangendo terras dos municípios de Mostardas, Tavares e São José do Norte, tem os seguintes limites, descritos a partir das cartas topográficas em escala 1:50.000 nºs SH.22-2-C-I-1, SH.22-2-C-I-2, SH.22-(H-II-4) (U-IV-2) (U-I-3) editadas pela Diretoria do Serviço Geográfico do Exército:

Começa no Ponto 1, de coordenadas geográficas aproximadas 31º27'00" S e 51º11'12" WGr.; situado no ponto trigonométrico; segue por uma linha de azimute aproximado 39º48' e distância aproximada de 2733,60 metros até o Ponto 2, de coordenadas geográficas aproximadas 31º25'52" S e 51º10'06" WGr.; desse ponto, segue por uma linha seca de azimute aproximado 41º50' e distância aproximada de 4.496,94m até o Ponto 3, de coordenadas geográficas aproximadas 31º24'03" S e 51º08'12" WGr.; desse ponto, segue por uma linha seca de azimute aproximado 28º26' e distância aproximada de 1.364,70m, até o Ponto 4, de coordenadas geográficas aproximadas 31º23'24" S e 51º07'48" WGr.; desse ponto, segue por uma linha seca de azimute aproximado 47º51' e distância aproximada de 2831,90m, até o Ponto 5, de coordenadas geográficas aproximadas 31º22'22" S e 51º06'28" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 16º42' e distância aproximada de 522,00m, até o Ponto 6, de coordenadas geográficas aproximadas 31º22'06" S e 51º06'22" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 48º30' e distância aproximada de 1735,65m, até o Ponto 7, de coordenadas geográficas 31º21'29" S e 51º05'33" WGr ; daí, segue por uma linha de azimute aproximado 18º26' e distância aproximada 474,30m até o Ponto 8, de coordenadas geográficas 31º21'14"

S e 51°05'27" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 33°01' e distância aproximada de 2.385,37m até o Ponto 9, de coordenadas geográficas aproximadas 31°20'09" S e 51°04'38" WGr.; desse ponto segue por uma linha de azimute aproximado 45°00' e distância aproximada de 565,69m até o Ponto 10, de coordenadas geográficas aproximadas 31°19'57" S e 51°04'23" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 29°21' e distância aproximada de 1.835,76m até o Ponto 11, de coordenadas geográficas aproximadas 31°19'04" S e 51°03'49" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 47°02' e distância aproximada de 1.981,20m até o Ponto 12, de coordenadas geográficas aproximadas 31°18'21" S e 51°02'54" WGr.; daí, segue por uma linha de azimute aproximado de 35°32' e distância aproximada de 1720,46m até o Ponto 13, de coordenadas geográficas aproximadas 31°17'36"S e 51°02'16" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 55°18' e distância aproximada de 1.581,14m até o Ponto 14, de coordenadas geográficas aproximadas 31°17'06" S e 15°01'27" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 55°18' e distância aproximada de 1581,14m até o Ponto 15, de coordenadas geográficas aproximadas 31°15'24" S e 51°00'17" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 50°11' e distância aproximada de 1.171,60m até o Ponto 16, de coordenadas geográficas aproximadas de 31°14'60" S e 50°59'43" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 38°22' e distância de 3.061,00m até o Ponto 17, de coordenadas geográficas aproximadas 31°13'41" S e 50°58'31" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 90°00' e distância aproximada de 400,00m até o Ponto 18, de coordenadas geográficas aproximadas 31°13'42" S e 50°58'18" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 37°44' e distância aproximada de 9231,00m até o Ponto 19, de coordenadas geográficas aproximadas 31°09'44" S e 50°54'43" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 73°18' e distância aproximada de 522,00m até o Ponto 20, de coordenadas geográficas aproximadas 31°09'40" S e 50°54'24" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 38°39' e distância aproximada de 4.162,00m até o Ponto 21, de coordenadas geográficas aproximadas 31°02'45" S e 55°42'04" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 306°52' na distância aproximada de 1.000,00m até o Ponto 22, de coordenadas geográficas aproximadas 31°07'34" S e 50°53'16" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximada 40°35' e distância aproximada de 16.524,68m até o Ponto 23, de coordenadas geográficas aproximadas 31°00'46" S e 50°46'31" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 131°17' e distância aproximada de 2.728,00m até o Ponto 24, de coordenadas geográficas aproximadas 31°01'44" S e 50°45'13" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado 180°00' e distância aproximada de 5.200,00m até o Ponto 25, de

coordenadas geográficas aproximadas 31°04'33" S e 50°45'13" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado de 219°12' e distância aproximada de 23.809,77m até o Ponto 26, de coordenadas geográficas aproximadas 31°14'34" S e 50°54'40" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado de 176°25' e distância aproximada de 801,55m até o Ponto 27, de coordenadas geográficas aproximadas de 31°15'00" S e 50°54'39" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado de 150°15' e distância aproximada de 403,11m até o Ponto 28, de coordenadas geográficas aproximadas 31°15'09" S e 50°54'31" WGr.; desse ponto, segue pela orla marítima até o Ponto 29 de coordenadas geográficas aproximadas 31°29'00" S e 51°09'51" WGr.; desse ponto, segue por uma linha de azimute aproximado de 329°50' e distância aproximada de 4.279,31m até o ponto 1, inicial da descrição do perímetro, perfazendo uma área total aproximada de 34.400 hectares.

Parágrafo único. A faixa de mar situada entre os pontos 28 e 29 da descrição, e com largura de 1000 (mil) metros, fica também constituindo parte do Parque Nacional da Lagoa do Peixe.

Art. 3º O Parque Nacional da Lagoa do Peixe fica subordinado ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF, que deverá tomar as medidas necessárias para sua efetiva implantação e controle.

Art. 4º O Parque Nacional da Lagoa do Peixe fica sujeito ao que dispõem, com relação à matéria, a Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965, e o Decreto nº 84.017, de 21 de setembro de 1979.

Art. 5º Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 6 de novembro de 1986; 165º da Independência e 98º da República.

JOSÉ SARNEY

Iris Rezende Machado

PÁGINAS ELETRÔNICAS SOBRE O PARQUE NACIONAL DA LAGOA DO PEIXE, RS, BRASIL.

Uma pesquisa criteriosa na rede mundial de computadores foi realizada, no intuito de encontrar, selecionar, avaliar, e indicar páginas eletrônicas com conteúdo de qualidade a respeito do Parque Nacional da Lagoa do Peixe

Foram utilizados os buscadores www.google.com.br, www.altavista.com.br e www.cade.yahoo.com.br, nos quais se procedeu a pesquisa pelo termo-chave “Lagoa do Peixe”, em toda a rede. Uma verificação completa das páginas encontradas, pelo sistema de busca descrito, foi realizada no buscador google, utilizado rotineiramente em pesquisas de interesse geral e tradicionalmente descrito como uma boa ferramenta de busca.

Vinte e uma páginas foram selecionadas para compor a listagem de páginas com conteúdo de qualidade sobre a Lagoa do Peixe.

A tabela seguinte apresenta os *links* diretos para as páginas, organizados de em ordem decrescente de qualidade de conteúdo apresentado. Além disso, traz informações a respeito do idioma da página, conteúdo apresentado, e observações sobre a página.

No item conteúdo as áreas preenchidas de cinza indicam que a página trata do assunto listado no cabeçalho.

Link para o site		Idioma	Conteúdo								Observações
			Textos						Imagens		
			Descrição do local	Histórico/Legal	Flora	Fauna		Informações turísticas		Mapas	
Geral	Aves	Dicas				Infra-estrutura					
1	http://www.furg.br/furg/projet/pnlpeixe/	Port									Site do Projeto Parna da Lagoa do Peixe (FURG)
2	http://www.paginadogauchocom.br/lpeixe/	Port									Material baseado em Projeto sobre o PARNA da Lagoa do Peixe (NEMA/IBAMA)
3	http://www.parkswatch.org/parkprofile.php?l=eng&country=bra&park=lpnp&page=inf	Ingl									Informações no site Parks Watch
4	http://www.manomet.org/WHSRN/viewsite.php?id=64	Ingl									Informações sobre o Parque no site WHSRN
5	http://www.bemtevivrasil.com.br/lagoapeixe.html	Port									Site de Eco-turismo
6	http://www2.ibama.gov.br/unidades/parques/reuc/66.htm	Port									Descrição do PARNA da Lagoa do Peixe
7	http://www.wetlands.org/RD/B/Ramsar_Dir/Brazil/BR002D02.htm	Ingl									Descrição sucinta no site Wetlands International
8	http://www2.uol.com.br/caminhosdaterra/reportagens/134_lagoa_do_peixe.shtml	Port									Matéria publicada na edição 134 da Revista Cam. Da Terra
9	http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./s_nuc/index.html&conteudo=./s_nuc/artigos/pn_lagoa_peixe.html	Port									Artigo publicado no site Ambiente Brasil
10	http://www.riogrande.com.br/turismo/peixe.htm	Port									Site de Eco-turismo
11	http://www.caaete.com.br/parques/home_interno.asp?id=24	Port									Site de Eco-turismo
Link para o site		Idioma	Conteúdo								Observações
			Textos						Imagens		

		Descrição do local	Histórico/ Legal	Flora	Fauna		Informações turísticas		Mapas	Fotos	
					Geral	Aves	Dicas	Infra-estrutura			
12	http://www.amadeusturismo.com.br/Parques/Parques_Nac/Lagoa_do_P.htm	Port									Site de Eco-turismo
13	http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./s_nuc/index.html&conteudo=./s_nuc/sul/pn/peixe.html	Port									Descrição sucinta do parque no site Ambiente Brasil
14	http://www.timberland.com.br/parques_lagoadopeixe.htm	Port									Descrição sucinta do parque no site Timberland
15	http://community.webshots.com/album/211446708ErFtTk	Port									Fotos (com título)
16	http://www.ufrgs.br/fotografia/port/05_portfolio/lpeixe/	Port									Fotos (sem título)
17	http://paginas.terra.com.br/educacao/meuambiente/parque_peixe.htm	Port									Site hospedado “paginas pessoais” do servidor “TERRA”
18	http://www.ibama.gov.br/revista/lagoa/pagina10.htm	Port									“Folder” do Programa de uso público e eco-turismo em parques nacionais.
19	http://aventure-se.ig.com.br/materias/14/0901-1000/957/957_01.html	Port									Site de eco-turismo
20	http://guia4rodas.abril.com.br/roteiros/reportagens/parques/parques_lagoa_peixe.shtml	Port									Site de eco-turismo
21	http://www2.ibama.gov.br/unidades/parques/docleg/66/dec93546.htm	Port									Decreto 93.546